A POESIA como forma de leitura do mundo

“Manter que o nosso discurso é um acontecimento das coisas”[1].

Na primeira vez que traduzi, desta maneira, este passo de Platão, fui tomado por uma imensa estranheza: por um lado, era a única leitura que parecia conferir coerência e sentido à frase em seu contexto; por outro lado, para nossos hábitos comuns de compreensão, a frase, lida assim em seus termos e conceitos, tornava-se esotérica e misteriosa.

Foi preciso um longo trabalho de habituação à estranheza da frase, parecido com o de quando emigramos e somos obrigados a reaprender nossa colocação no universo: coisas, pessoas, objetos, valores, palavras, ideias… tecem, subitamente, novas constelações de sentido e de relação, mesmo fatual, uns com os outros: temos que, pacientemente, escutar e beber as novas experiências em sua simples manifestação, antes de presumirmos que já as entendemos.

Perante esta leitura de Platão, a minha experiência de emigração foi ainda mais radical. Foi necessário emigrar para uma espécie de universo paralelo, onde experiências e conceitos, tão cotidianamente arreigados e naturais como os de “eu”, “outro”, “sujeito”, “objeto”, “interior”, “exterior”, trocavam completamente de sentido e até de colocação na ordem do acontecer: o “discurso” e as palavras deixavam de ser “meus”, “nossos”, passando a ser “acontecimento das coisas”!

Foi preciso colocar-me num universo em que não era eu que dizia as coisas, mas, bem pelo contrário, eram elas que, de alguma forma, para mim inaudível e incompreensível, me diriam a mim! Ora, segundo a frase de Platão, essa seria uma maneira de estar no mundo normal e haveria que a “manter” contra os ataques daqueles (os sofistas) que queriam instaurar a autonomia e, eventualmente, o domínio do(s) discurso(s) humanos sobre as coisas.

Por muitas que fossem então (e ainda sejam hoje) as minhas reservas a Platão, e se podia, e posso, discordar das suas conceções filosóficas, não tinha, nem tenho, fundamento para recusar a validade do seu testemunho acerca do modo como, no seu tempo e na sua cidade, concebiam o lugar da palavra e do discurso. Na verdade, acatar esta afirmação de Platão trouxe mesmo, no imediato, grande luz aos meus estudos clássicos. A Tragédia Grega, por exemplo, ganhava um esplendor e um significado que, pela primeira vez, se me tornavam claros. Com tal conceção e vivência da palavra e do discurso, era lógico e compreensível que a Tragédia fosse, para os Antigos Gregos, um acontecimento (não um espetáculo) infinitamente mais forte, apaixonante e mobilizador do que o futebol para as torcidas dos nossos clubes. Pelos testemunhos que nos ficaram, a loucura popular perante o triunfo do “seu” autor num concurso poético ultrapassava, em duração, memória e celebração, quaisquer comemorações de vitória numa atual Copa do Mundo.

Mas o efeito mais duradouro do choque provocado pela frase de Platão foi uma pergunta que, até hoje, não me abandona: se os Gregos do século de Péricles pensavam/viviam assim, a que experiência existencial humana isso correspondia? Que espécie de “humanos” eram esses homens e mulheres? O modo como experienciavam e viviam a vida e o mundo desapareceu definitivamente ou será ainda possível revivermos, em nós mesmos, uma experiência semelhante? Será ainda possível viver e conhecer o mundo, não dizendo-o, mas deixando-nos ser ditos por ele? Mas pretender ser e estar no mundo desse modo não será, hoje em dia, o mesmo que ver o mundo às avessas, uma certa forma de loucura?

La conscience de l’individu n’est-elle que le reflet de la société à laquelle il appartient?

Le langage n'est-il qu'un outil ?

**1.** Em termos muito simples, o que a frase de Platão diz é que o sujeito do discurso não é um “eu”, nem um “nós”, nem um “tu”, nem um “ele”: o “nosso” discurso e as palavras que proferimos não seriam fatos/feitos nossos, mas “acontecimento das coisas”. Não seríamos autores dos “nossos” discursos; a autoria e a autoridade do “nosso” discurso residiriam nas coisas e seus acontecimentos. O verdadeiro autor do “nosso” discurso seria o “acontecimento das coisas”; a nós caberia, no máximo, a função de atores que proferem um texto escrito por outrem.

Sabemos que, no século em que Platão escreve, se decide, na Grécia Antiga, uma estrutura fundamental do que, nos últimos três milénios, tem constituído a essência do que chamamos “civilização ocidental”, a saber, a estrutura lógico/discursiva que, com a designação genérica de “Ciência”, pretende regular e universalizar uma compreensão do mundo e da vida. A frase de Platão mostra qual foi a questão central do debate em torno dessa decisão que nos condiciona até hoje: o verdadeiro discurso é um fato/feito dos humanos ou é um “acontecimento das coisas”?

Platão e, como veremos, também Aristóteles defendem que o discurso é “acontecimento das coisas”; a sofística pretendia que o discurso fosse fato/feito dos sujeitos humanos. Ora, se o discurso é fato/feito dos humanos, “o homem é a medida de todas as coisas”, como queria Protágoras. Mas, se o discurso é “acontecimento das coisas”, então, responde Aristóteles a Protágoras, passa-se exatamente o contrário: é antes o homem que é medido pelas coisas e seus acontecimentos[2]. Numa perspectiva sofística, os humanos seriam o centro do mundo; numa perspectiva platónico/aristotélica, os humanos teriam o mundo como seu centro. É uma inversão total de atitudes.

A estranheza da frase de Platão torna-se tão forte porque a tradição científica ocidental (e a respectiva civilização), embora reclamando para si a herança platónica e aristotélica, veio instaurando, de fato, uma ordem do mundo em que são os discursos humanos que se impõem, de forma absoluta e discricionária, ao “acontecimento das coisas”: criámos e desenvolvemos uma civilização que, reclamando-se da herança platónica e aristotélica, instaurou, porém, uma ordem dos discursos que é essencialmente sofística, de dominação do mundo pelos discursos humanos.

Não foi só o discurso científico que se tornou ditador do “acontecimento das coisas”; os discursos políticos, religiosos, escolares, económicos, financeiros, da mídia arrogam-se, hoje em dia, direitos de autoria e de autoridade que contradizem absolutamente qualquer respeito pelo “acontecimento das coisas”. Tornou-se, na verdade, trivial um estado de civilização em que quase se poderia afirmar que, se as coisas não são como os humanos dizem, tanto pior para as coisas! O que importa não é o “acontecimento das coisas”, mas o que é fato/feito pelos discursos dos humanos.

Suis-je le sujet de mes pensées ?

L'homme est-il chez lui dans la nature?

Y-a-til une beauté naturelle?

En général quand une chose devient utile cesse-t-elle d’être belle ?

**2.** Na frase de Platão, estão presentes todos os dados do nosso tema: “a Poesia como forma de leitura do mundo”. “Poesia” é uma palavra grega: *poiésis*, substantivo do verbo *poieín*, que significava “fazer”, “produzir”. “Leitura” é também uma palavra grega, que recebemos através do latim *lectio*, substantivo do verbo *lego*, *legere*, “ler”, mas também “recolher”, “juntar”, “unir”, “dizer”. O latim trouxe estas palavras, literalmente, do grego: *legô*, era o verbo em grego; *lógos* o seu substantivo. “Mundo” é o latim *mundus*, adjectivo que significava “limpo”, “lavado”, “claro”, “aberto” (donde o seu contrário, *immundus*, “imundo”, que ainda hoje usamos em português corrente para designar algo “muito sujo”).

Poderíamos enunciar o nosso tema, “a Poesia como forma de leitura do mundo”, do modo habitual. Isso nos levaria a formular que o mundo é um objeto posto aí, dado à nossa consideração, e que nós o poderíamos apreender e interpretar de diferentes formas: científica, política, económica, técnica, religiosa, artística e também poética. Por outras palavras, enunciado de modo habitual, o nosso tema diria que temos vários discursos à nossa disposição para lermos o mundo, todos eles com sua legitimidade própria, e, entre eles, o discurso poético. Esta abordagem seria, para todos nós, normal: é a abordagem lógica que a nossa tradição cultural estabeleceu e globalizou.

La conscience de l’individu n’est-elle que le reflet de la société à laquelle il appartient?

Le langage n'est-il qu'un outil ?

Gostaria, porém, de vos convidar a fazer o caminho de tentar compreender o nosso tema na economia daquela frase de Platão e a nos deixarmos tomar pela estranheza que ela traz consigo. Ainda que sejamos conduzidos a conclusões que até consideraríamos inúteis e intempestivas, isso poderá, no entanto, ter a vantagem de nos dar a conhecer uma leitura do mundo que habitualmente não temos, mas que, se fossemos coerentes na nossa apregoada adesão à herança platónica e aristotélica, deveríamos ter. Poderá até acontecer que essa leitura perdida do mundo e da vida se revele muito necessária, neste tempo em que os “nossos” discursos, de toda a ordem, se multiplicam, diversificam, invadem e ocupam todos os espaços públicos e privados, deixando-nos frequentemente, porém, a sensação de não terem dito nada.

**3.** O primeiro passo que temos que dar será o de inverter a ordem de compreensão dos termos. Se o nosso discurso é um “acontecimento das coisas”, não deveremos começar por definir os diferentes discursos (científico, religioso, político, etc.) que usamos, mas sim tentar compreender o que é isso de “mundo”, o que é isso de “acontecimento das coisas”, e como é que estas, no seu múltiplo e diverso acontecer, acontecem também como discurso “nosso”.

A maior dificuldade, quando tentamos nos colocar dentro da frase de Platão, reside no próprio ato de começar a falar. Se “nosso” discurso é “acontecimento das coisas”, perdemos a legítima defesa de pegar um qualquer de nossos discursos para começar a falar! Temos que nos colocar na expetativa de que alguma coisa aconteça. Quando vos convido a tentar compreender o “mundo”, estou, de alguma forma, a convidar-vos para que deixemos que o mundo nos aconteça, aqui e agora. O que é o mundo e como deixar que ele nos aconteça aqui e agora?

Penso que uma boa maneira de começar será ouvir um poeta universal, entre os maiores de todas as línguas, e que considerava a língua portuguesa (não o seu país) a sua verdadeira pátria: Fernando Pessoa.

“*E, perto ou longe, grande lago mudo,*

*O mundo, o informe mundo onde há a vida…*”[3].

Estes dois versos de Fernando Pessoa começam por tranquilizar minha má consciência por não saber falar do mundo. Não posso começar falando de “mundo” porque, justamente, o mundo é “informe mundo”, “perto ou longe”, talvez um perto/longe, talvez nem perto nem longe. Como poderia ele acontecer no “meu” discurso, como poderia ele dizer-se no “meu” discurso, se ele é um “grande lago mudo”, sem fala, sem palavra? Como dizer o absolutamente silencioso, “informe”, sem confins que lhe proporcionem uma figura que possa, ainda que timidamente, ser definida?

O Poeta, nestes seus dois versos, dá, porém, uma orientação para compreendermos o que seja o “mundo”. “Mundo” é “onde há a vida…”. Essa breve orientação é preciosa: podemos não saber, nem agora nem nunca, o que seja o “mundo” em si mesmo, mas sabemos que, em sua indefinição de perto e longe, em sua largueza informe, infinita e muda, “mundo” é onde a vida acontece. Não sabemos (talvez nunca saibamos) o que é o mundo, mas sabemos que tem mundo aí, pois acontece vida, acontecem coisas e até nós próprios acontecemos. Conhecer o mundo e tentar compreendê-lo é estar atentos e isso nos obriga a acolher e a recolher o “acontecimento das coisas”.

“Perto ou longe, grande lago mudo”, o mundo não é uma coisa: é o horizonte infinito onde tudo acontece e se manifesta; é o cenário que enquadra o acontecimento de todas as coisas. O mundo, em si mesmo, nunca se revela nem mostra: está encoberto e latente nas coisas que acontecem; revela-se e descobre-se no “acontecimento das coisas”. O mundo possibilita o acontecimento de todas as coisas e, encoberto no “acontecimento das coisas”, vai-se descobrindo para nós.

En général quand une chose devient utile cesse-t-elle d’être belle ?

Y-a-til une beauté naturelle?

La perception peut-elle s’éduquer?

Peut-on percevoir sans juger?

**4.** O “acontecimento das coisas” inclui sempre, por assim dizer, dois acontecimentos: o acontecimento concreto daquela coisa; e o próprio mundo que acontece implícito no acontecimento concreto da coisa. Acolher e recolher o “acontecimento das coisas” em sua limpidez é o modo de fazer o mundo acontecer em sua limpidez e clareza. Toldar e esconder o “acontecimento das coisas”, sobrepondo-lhe a prepotência dos “nossos” discursos, esconde o mundo e chega a engendrar o “imundo”.

Os Gregos Antigos chamavam *lógos* aquilo que, em cada coisa, sustenta seu ser e acontecer, aquilo que permite que ela seja o que é e se manifeste como sendo ela e não outra coisa. Em palavras comuns, *lógos* é o sentido e razão de ser de tudo e de cada coisa em seu acontecer. Atentando seriamente em cada acontecimento, poderemos vislumbrar e ir descobrindo, no sentido de cada acontecimento, o Sentido fundamental do mundo, Sentido que possibilita, desde sempre, todos os sentidos e está encoberto/descoberto em todos os acontecimentos.

Mas *lógos* era também o termo (e o conceito) com que os Gregos Antigos designavam o “discurso”, a “palavra”, aquilo que, numa frase célebre, Aristóteles identifica como o que carateriza os humanos: “de todos os animais, o humano é o único que existe estando no *lógos*”[4]. Esta frase lapidar de Aristóteles nos esclarece o significado radical da frase de Platão com que começámos: precisamos “manter que o nosso discurso é um acontecimento das coisas” sob pena de os humanos verem perigar sua própria existência enquanto humanos! A infidelidade ao “acontecimento das coisas” torna o mundo “imundo” e coloca em risco a existência dos humanos.

O que constitui os humanos como humanos é o fato/feito de as coisas, entre as múltiplas formas de acontecerem, terem um acontecimento essencial, a saber, o acontecimento do seu próprio sentido e razão de ser (*lógos*), naquilo que constitui a existência própria dos humanos: a palavra, o discurso (*lógos*). A verdade radical da nossa existência como humanos consiste em “recolher”, “acolher”, “ler” o “acontecimento das coisas”, na plenitude do seu sentido de acontecimento e no sinal que fazem para o Sentido originário do mundo. Fracassar ou triunfar na nossa existência como humanos está indissoluvelmente associado ao nosso recolhimento, acolhimento e leitura dos acontecimentos e ao que eles revelam do mundo. Mundo, coisas e humanos estão irmanados numa textura existencial que os compromete irrevogavelmente uns com os outros.

**5.** A frase de Platão causava-nos estranheza. Mas, quando lida junta com a de Aristóteles, o resultado nos provoca talvez uma espécie de temor. A nós, humanos, os mais frágeis e precários de todos os seres vivos, estão entregues os sentidos das coisas e o Sentido do mundo! À nossa palavra, que não é nossa, foi confiado manter e guardar as coisas, o mundo e nós próprios. O mundo, o informe mundo, que abre o lugar limpo onde há a vida, todas as formas de vida, inclusivamente a nossa própria vida, está confiado e entregue à teia frágil do “nosso” discurso, sob pena de tudo se tornar “imundo”.

Na verdade, isso significa que, num certo sentido, que é o sentido essencial da razão de ser de tudo, a existência do universo fica suspensa da nossa palavra de humanos. É como se tudo acontecesse de modo incompleto, esperando a redenção e a completude que virão da palavra e do discurso dos humanos. O mundo e todas as coisas não estão perfeitos e aguardam um fazedor, um *poietés*, um poeta que os conduza à plenitude e à perfeição.

A existência própria dos humanos, o que os constitui como humanos, será (e talvez não seja senão) esse serviço de deixar que a vida nos aconteça como palavra e discurso e, nesse deixar acontecer, que é recolhimento e acolhimento de tudo o que acontece, recriar e reconduzir continuamente ao sentido e ao Sentido o que está acontecendo. Os humanos terão a tarefa cósmica de ser poetas e a sua existência será uma missão de Poesia.

Tudo isto pode parecer estranho, temível e totalmente fora de moda. Valerá, por isso, a pena, para terminar, ler um belíssimo texto de Aristóteles que talvez nos tranquilize um bocado:

“Há que saber que os sons emitidos pela voz levam em si as afeções que estão na alma […]; as afeções que estão na alma são as mesmas para todos os humanos e as coisas assimiladas nestas afeções são as próprias coisas”[5].

O que Aristóteles diz neste texto é muito simples, quase trivial. É uma síntese muitíssimo sucinta de sua teoria do conhecimento, tal como ele a desenvolve em De Anima[6]. Segundo Aristóteles, quando falamos, os sons vocais são a manifestação exterior das vibrações da nossa interioridade afetiva. As vibrações interiores são idênticas em todos os humanos, pelo simples motivo de que o que provoca a vibração interior dos humanos é o que lhes vem do acontecimento das próprias coisas exteriores[7] que são sempre elas mesmas. Assimilá-las é ficar assimilado a elas, é recolher e manter em nós o rosto e semelhança do que elas são.

**6.** As coisas acontecem, de muitas e diversas maneiras. Uma árvore é plantada, cresce, alimenta-se, floresce, frutifica, alberga passarinhos, dá sombra, perde folhagem no inverno, definha, morre… Todos esses acontecimentos da árvore têm lugar na própria árvore. Há, porém, um acontecimento da árvore que, sendo acontecimento dela, não acontece nela: é o seu *lógos*, seu sentido e razão de ser. Esse acontecimento da árvore só pode acontecer nos humanos, únicos, de entre todos os animais, que existem estando no *lógos*. A nossa palavra de humanos é o que permite a cada coisa, a todas as coisas, um acontecimento delas própriasque nunca poderá acontecer-lhes se nós não lhe dermos, dentro de nós, lugar para que aconteça.

Os “nossos” discursos, a nossa palavra, são, por vezes necessariamente, manipuladores das coisas, da vida, do mundo, dos outros. Nesse sentido, a palavra humana é sempre “poética”, fazedora, criadora, construtora. Mas esse sentido é sucedâneo, subproduto da obra essencial da palavra humana como Poesia, que deixa ser o acontecimento das coisas, que acolhe e recolhe as próprias coisas em seu sentido e razão de ser. E esta obra é tal que dá às coisas um acontecimento delas próprias que só na nossa palavra pode acontecer. A palavra humana essencial, a palavra plena e verdadeiramente humana é um serviço e uma solicitude prestados à vida, às coisas, ao mundo e aos outros.

A urgência essencial da leitura não é, pois, o aprendizado de técnicas de (so)letramento, mas sim o aprendizado interior do acolhimento e do recolhimento de tudo o que não é “eu”. A urgência essencial da leitura é o aprendizado da escuta do que nos é exterior, do Outro. Nesta escuta, no silêncio que fazemos dentro de nós mesmos, decidem-se a redenção e o sentido do mundo, da vida, das coisas e do próprio “eu”.

La conscience fait-elle de l’homme une exception ?

Exister est-ce profiter de l'instant présent?

Qu'est-ce qui a du sens ?

Le langage ne sert-il qu’à communiquer?

Le langage n'est-il qu'un outil ?

L'homme est-il chez lui dans la nature?

Suis-je le sujet de mes pensées ?

Prendre conscience de soi est-ce devenir étranger à soi ?

Todos os “nossos” discursos, todas as “nossas” palavras, ou nascem deste silêncio recolhido e acolhedor ou não são, propriamente, palavras e discurso, mas apenas palavreado sem recheio, sem nada dentro. Muitas vezes, decerto, somos obrigados a palavrear. Mas a palavra dos humanos, quando é verdadeiramente palavra, é eclosão sonora do silêncio e da escuta que lê, recolhe, acolhe o mundo e a vida. Nesse sentido, falar verdadeiramente implica sempre alguma forma de gratidão radical, de ação de graças pela maravilha de haver a vida e o mundo em que a vida acontece.

Falar, verdadeiramente, é um ato de amor, isto é, o ato pelo qual oferecemos ao Outro um lugar dentro de nós para que ele possa ser, dentro de nós, aquilo que ele mesmo é, num modo que ele nunca poderia ser se não fosse em nós. Que o “nosso” discurso de humanos seja “acontecimento das coisas” implica que só falamos plenamente quando o que dizemos é alguma forma de ternura. Não temos, por isso, por que temer a responsabilidade infinita de sermos, em nossa existência de humanos, os guardadores do Sentido do mundo, da vida, das coisas e de nós mesmos. Como tão belamente disse Paul Ricoeur, o nosso único temor deverá ser o de não amar bastante.

Est-il raisonnable d'aimer?

Qu'est-ce qui a du sens ?

Le langage ne sert-il qu’à communiquer?

Suis-je le sujet de mes pensées ?

Dans tout amour n'aime t-on que soi-même?

Qu'est-ce qu'une idée ?

L’esprit a-t-il accès aux choses?

Une connaissance scientifique du vivant est-elle possible?

Les machines peuvent-elles penser ?

“A Poesia como forma de leitura do mundo” talvez seja uma boa maneira de entender aquela lição sapiencial que, na nossa tradição, ensina que os humanos são “à imagem e semelhança de Deus”.

“*E, perto ou longe, grande lago mudo,*

*O mundo, o informe mundo onde há a vida…*

*E Deus, a Grande Ogiva ao fim de tudo…*”[8]

Joaquim Coelho Rosa

Goiás, 14 de Setembro de 2011

[1] PLATÃO, Sofista, 260 a. Justificar filosoficamente a tradução (inabitual) deste passo de Platão ultrapassa largamente a intenção e a possibilidade desta conferência. Fi-lo em minha tese de doutorado.

[2] Metafísica, I, 1, 1053 a 31 – 1053 b 1.

[3] PESSOA, Fernando, Poesias, soneto XIV.

[4] Política, I, 1, 1253 a 9-10.

[5] De Interpretatione, 1, 16 a 3-8. Vale, para esta citação, o que ficou advertido na nota 1.

[6] Convém dizer que, no essencial, as atuais neurociências não trazem nada de novo à descrição estrutural que Aristóteles faz do processo de conhecimento; as neurociências têm conseguido situar fisicamente, na cartografia do cérebro humano, o lugar onde acontecem diferentes momentos (não todos) do processo de conhecimento descrito por Aristóteles.

[7] Em De Anima e em De Sensu, Aristóteles faz a fenomenologia (mesmo física!) de como o acontecimento das coisas exteriores toma a forma de acontecimento na interioridade dos humanos, de tal modo que é esse acontecimento que faz a própria identidade dos humanos. Essa fenomenologia é, ainda hoje, a mesma pela qual se explica, em termos físicos, o processo do conhecimento humano.

[8] Vide nota 3.

Joaquim Coelho Rosa, A POESIA como forma de leitura do mundo, 2011

ENTRÉE EMILY DICKINSON - ART

Water, is taught by thirst.

Land - by the Oceans passed.

Transport - by throe -

Peace, by it’s battles told -

Love, by memorial mold -

Birds, by the snow.

On apprend l’Eau par la soif.

La Terre - par les Océans traversés.

La Jubilation - par les affres -

La Paix, par le récit des batailles -

L’Amour, par l’humus de la tombe -

Les Oiseaux, par la neige.

*Poème 93*, 1859

La perception peut-elle s'éduquer? Que sait-on du réel?

I’ve heard an Organ talk, sometimes -

In a Cathedral Aisle,

And understood no word it said -

Yet held my breath, the while -

And risen up - and gone away,

A more Bernardine Girl -

Yet - knew not what was done to me

In that old Chapel Aisle.

J’ai entendu la parole de l’Orgue, parfois -

Dans la Nef d’une Cathédrale,

Je n’ai pas compris un mot de ce qu’il racontait -

Pourtant, tout du long, j’ai retenu mon souffle -

Et je me suis levée - et je suis partie,

Ayant gagné en spiritualité -

Pourtant - je n’ai pas compris ce qui m’est arrivé

Dans la Nef de cette vieille Chapelle.

*Poème 211*, 1861

L´art sait-il montrer ce que le language ne peut pas dire? L'oeuvre d'art peut elle nous apprendre quelque chose ? En quoi le sentiment esthétique se distingue-t-il du sentiment religieux ?

I’ve known a Heaven, like a Tent -

To wrap it’s shining Yards -  
Pluck up it’s stakes, and disappear -

Without the sound of Boards

Or Rip of Nail - Or Carpenter -

But just the miles of Stare -

That signalize a Show’s Retreat -

In North America -

No Trace - no Figment - of the Thing

That dazzled. Yesterday,

No Ring - no Marvel -

Men, and Feats -

Dissolved as utterly -

As Bird’s far Navigation

Discloses just a Hue -

A plash of Oars, a Gaiety -

Then swallowed up, of View.

J’ai connu un Ciel, comme un Chapiteau -

Qui peut plier sa Toile étincelante -

Enlever ses piquets, et disparaître -

Sans le moindre bruit de Planches

Ou de Clou arraché - Ou de Charpentier -

Mais juste un Lointain si loin que le regard s’y perd -

Qui signale qu’un Spectacle a battu en Retraite -

En Amérique du Nord -

Pas de Trace - de Fantôme - de la Chose

Qui a ébloui, Hier,

Pas de Piste - pas de Merveille -

Hommes, Exploits -

Dissous aussi totalement -

Que la Navigation lointaine des Oiseaux

Qui ne révèle qu’une Teinte -

Un clapotement de Rames, une Gaieté -

Puis tout est englouti, hors de Vue.

*Poème 257*, 1861

La beauté est elle promesse de bonheur ?

Of all the Sounds despatched abroad

There’s not a Charge to me

Like that old measure in the Boughs -

That Phraseless Melody -

The Wind does - working like a Hand -

Whose fingers comb the Sky -

Then quiver down, with tufts of tune -

Permitted Gods - and me -

Inheritance it is to us

Beyond the Art to Earn -

Beyond the trait to take away

By Robber - since the Gain

Is gotten not of fingers -

And inner than the Bone

Hid golden, for the Whole of days -

And even in the Urn -

I cannot vouch the merry Dust

Do not arise and play,

In some odd Pattern of it’s own -

Some quainter Holiday -

When Winds go round and round in Bands -

And thrum opon the Door -

And Birds take places - overhead -

To bear them Orchestra -

I crave Him Grace of Summer Boughs -

If such an Outcast be -

Who never heard that Fleshless Chant -

Rise solemn on the Tree -

As if some Caravan of Sound -

Off Deserts in the Sky -

Had parted Rank -

Then knit and swept

In Seamless Company -

De tous les Sons expédiés dans le monde

Rien n’a autant de Poids pour moi

Que cette vieille cadence dans les Branches -

Cette Mélodie sans Parole -

Que fait le Vent - au travail comme une Main -

Dont les doigts peignent le Ciel -

Puis choit en vibrant - avec des bribes de chanson -

Que seuls les Dieux - et moi - avons le droit d’entendre

C’est pour nous un héritage

Art qu’on ne peut Acquérir -

Qu’on ne peut perdre puisqu’il

Ne peut être Volé - puisque le Gain

Ne s’obtient pas avec ses doigts -

Est plus profond que I’Os

De l’or caché, pour des Siècles et des Siècles -

Et même une fois dans l’Urne -

Je ne saurais garantir que la Poussière joyeuse

Ne se lève pas et joue,

A sa Façon étrange -

Pendant des Vacances plus fantasques -

Quand les Vents tournent et tournent en Bandes -

Et tambourinent à la Porte -

Et que les Oiseaux s’installent - au-dessus -

Pour leur servir d’Orchestre -

J’implore pour lui la Grâce des Branches d’Été -

Si un tel Paria existe -

Celui qui n’a jamais entendu cette Mélopée Désincarnée -

S’élever solennelle sur l’Arbre -

Comme si quelque Caravane de Son -

Venant des Déserts du Ciel -

Avait ouvert les Rangs -

Puis dans un tourbillon s’était ressoudée

Équipage sans Faille -

Poème 334, 1862

Y-a-til une beauté naturelle? La beauté est elle promesse de bonheur ? La perception peut-elle s´éduquer?

The Birds begun at Four o’clock -

Their period for Dawn -

A Music numerous as space -

But neighboring as Noon -

I could not count their Force -

Their numbers did expend

As Brook by Brook bestows itself

To multiply the Pond.

The Listener - was not -

Except Occasional Man -

In homely industry arrayed -

To overtake the Morn -

Nor was it for applause -

That I could ascertain -

But independent Extasy

Of Universe, and Men -

By Six, the Flood had done -

No tumult there had been

Of Dressing, or Departure -

Yet all the Band - was gone -

The Sun engrossed the East -

The Day Resumed the World -

The Miracle that introduced

Forgotten, as fulfilled.

Les Oiseaux commencèrent à Quatre heures -

Leur tranche horaire de l’Aube -

Musique multiple comme l’espace -

Mais amicale comme le Midi -

Je ne pouvais compter leurs Effectifs -

Leur nombre s’étendait

Comme Ruisseau après Ruisseau s’offrent

Pour multiplier l’Étang.

D’Auditeur — il n’y en avait point -

Sauf d’Aventure un Homme -

En tenue de travail ordinaire -

Venu rattraper le Matin -

Ce n’était pas non plus pour les applaudissements -

Je pourrais l’affirmer -

Mais une Extase indépendante

De l’Univers, et des Humains -

À Six heures, le Déluge était fini -

Sans qu’il y ait eu tumulte

D’Habillages, ou de Départ -

Pourtant tout l’Orchestre - avait disparu -

Le Soleil accapara l’Est -

Le Jour reprit le Contrôle du Monde -

Le Miracle de l’ouverture

Oublié, dès qu’accompli.

*Poème 504*, 1863

L´art peut-il manifester la vérité?

The Spider holds a Silver Ball

In unperceived Hands -

And dancing softly to Himself

His Yarn of Pearl - unwinds -

He plies from nought to nought -

In unsubstantial Trade -

Supplants our Tapestries with His -

In half the period -

An Hour to rear supreme

His Continents of Light -

Then dangle from the Housewife’s Broom -

His Boundaries - forgot -

L’Araignée tient une Balle d’Argent

Dans ses Mains invisibles -

Et dansant doucement pour Elle-même

Dévide - son Fil de Perle -

Elle va et vient du néant au néant -

Activité immatérielle -

Ses Tapisseries supplantent les nôtres -

En moitié moins de temps -

En une Heure elle érige la suprématie

De ses Continents de Lumière -

Puis se balance au bout du Balai de la Ménagère -

Oubliées - ses Frontières -

*Poème 513*, 1863

L´art peut-il manifester la vérité?

I reckon - When I count at all -

First - Poets - Then the Sun -

Then Summer - Then the Heaven of God -

And then - the List is done -

But, looking back - the First so seems

To Comprehend the Whole -

The Others look a needless Show -

So I write - Poets - All -

Their Summer - lasts a solid Year -

They can afford a Sun

The East - would deem extravagant -

And if the Further Heaven -

Be Beautiful as they prepare

For Those who worship Them -

It is too difficult a Grace -

To justify the Dream -

Je compte - Quand cela me prend -

En Premier - les Poètes - Puis le Soleil -

Puis l’Été - Puis le Paradis de Dieu -

Et puis - la Liste est finie -

Mais, rétrospectivement - les Premiers semblent tellement -

Englober la Totalité -

Que les Autres ont l’air de Figurants inutiles -

Aussi j’écris - les Poètes - c’est Tout -

Leur Été - dure une Année entière -

Ils peuvent se payer un Soleil

Que l’Orient - trouverait hors de prix -

Et si le Paradis dans l’Au-delà -

Est aussi Beau que celui qu’ils offrent

À Ceux qui Les adorent -

La Grâce en est trop ardue -

Pour justifier ce Rêve

*Poème 533*, 1863

Les oeuvres d´art sont-elles des réalités comme les autres? En quoi la beauté artistique est-elle supérieure á la beauté naturelle? Existe-t-il un privilège de la beauté? La beauté est elle promesse de bonheur ? Le language ne sert-il qu´á communiquer? L’homme a-t-il nécessairement besoin de religion ? Qu'est-ce qui a du sens ?

Two Butterflies went out at Noon

And waltzed opon a Farm

And then espied Circumference

And caught a ride with him -

Then lost themselves and found themselves

In eddies of the sun

Till Gravitation missed them -

And Both were wrecked in Noon -

To all surviving Butterflies

Be this Fatuity

Example - and monition

To entomology -

Deux Papillons sortirent à Midi

Et valsèrent au-dessus d’une Ferme

Et puis ils aperçurent la Circonférence

Et firent un tour de manège avec elle -

Puis ils se perdirent et se retrouvèrent

Dans les remous du soleil

Jusqu’à ce que la Gravitation les laisse échapper -

Et tous Deux firent naufrage dans le Midi -

À tous les Papillons survivants

Que cette Fatuité

Soit un exemple — et une monition

Pour l’entomologie -

*Poème 571*, 1863

L´art peut-il manifester la vérité? La perception peut-elle s´éduquer?

The Day came slow - till Five o’clock -

Then sprang before the Hills

Like Hindered Rubies - or the Light

A Sudden Musket - spills -

The Purple could not keep the East -

The Sunrise shook abroad

Like Breadths of Topaz - packed a night -

The Lady just unrolled -

The Happy Winds - their Timbrels took -

The Birds - in docile Rows

Arranged themselves around their Prince

The Wind - is Prince of Those -

The Orchard sparkled like a Jew -

How mighty ‘twas - to be

A Guest in this stupendous place -

The Parlor - of the Day -

Le Jour est venu lentement — jusqu’à Cinq heures -

Puis il bondit devant les Collines

Comme des Rubis Contenus — ou la Lumière

Crachée par le tir Soudain - d’un Mousquet -

La Pourpre ne pouvait contenir l’Est -

Le Lever du Soleil fit éclater partout

Comme les Envergures de Topaze - enfermées pour la nuit -

Que la Dame ne fit que dérouler -

Les Vents Heureux - prirent leurs Tambourins -

Les Oiseaux - en Rangées dociles

S’installèrent autour de leur Prince

C’est le Vent - qui est Leur Prince -

Le Verger étincelait comme un Juif -

Comme c’était grandiose - d’être

Un Invité dans cet endroit prodigieux -

L’Antichambre - du Jour -

*Poème 572*, 1863

L’art transforme-t-il notre conscience du réel ? L´art peut-il manifester la vérité? La perception peut-elle s´éduquer?

I watched the Moon around the House

Until opon a Pane -

She stopped - a Traveller’s privilege - for Rest -

And there opon

I turned - as at a Stranger,

The Lady in the Town

Doth think no incivility

To lift her Glass - opon -

But never Stranger justified

The Curiosity

Like Mine — for not a Foot — nor Hand -

Nor Formula - had she -

But like a Head - a Guillotine

Slid carelessly away -

Did independent, Amber -

Sustain her in the sky -

Or like a Stemless Flower -

Upheld in rolling Air

By finer Gravitations -

Than bind Philosopher -

No Hunger - had she - nor an Inn -

Her Toilette - to suffice -

Nor Avocation - nor Concern

For little Mysteries

As harass us - like Life - and Death -

And Afterward - or Nay -

But seemed engrossed to Absolute -

With Shining - and the Sky -

The privilege to scrutinize

Was scarce opon my Eyes

When, with a Silver practise -

She vaulted out of Gaze -

And next - I met her on a Cloud -

Myself too far below

To follow her Superior pace -

Or it’s Advantage — Blue -

J’observai la Lune autour de la Maison

Jusqu’à ce qu’elle s’arrête -

Sur une Vitre - pour se Reposer - privilège des Voyageurs -

Et sur elle

Me retournai - comme fait

La Citadine devant une Étrangère

Ne pensant pas être impolie

Quand elle braque son Lorgnon - sur elle -

Mais jamais une Étrangère ne suscita

Une Curiosité

Comme la Mienne - car elle n’avait ni Pied - ni Main -

Ni Forme définie -

Mais comme une Tête - qu’une Guillotine

Aurait tranchée par inadvertance -

Indépendante, couleur d’Ambre -

Elle flottait dans le ciel -

Ou comme une Fleur sans Tige -

Soutenue par des rouleaux d’Air

Par des Gravitations plus subtiles -

Que celles qui pèsent sur les Philosophes -

Elle ne connaissait pas la Faim - n’avait

Pas besoin d’une Auberge - pour vaquer à sa Toilette -

Pas de Profession - ni le moindre Intérêt

Pour les petits Mystères

Qui nous tourmentent - comme la Vie - et la Mort -

Et s’il y a un Au-delà - ou Pas -

Mais elle semblait fascinée par l’Absolu -

Briller - et le Ciel -

Mes Yeux jouissaient à peine

Du privilège de la scruter

Quand, avec une pirouette de Vif-Argent -

Elle bondit hors de Vue -

Peu après - je la rencontrai sur un Nuage -

J’étais moi-même trop à ras de terre

Pour suivre son allure Supérieure -

Ou son Apogée - Bleu -

*Poème 593*, 1863

L’art transforme-t-il notre conscience du réel ? La perception peut-elle s´éduquer?

Publication - is the Auction

Of the Mind of Man -

Poverty - be justifying

For so foul a thing

Possibly - but We - would rather

From Our Garret go

hite - unto the White Creator -

Than invest - Our Snow -

Thought belong to Him who gave it -

Then - to Him Who bear

It’s Corporeal illustration - sell

The Royal Air -

In the Parcel - Be the Merchant

Of the Heavenly Grace -

But reduce no Human Spirit

To Disgrace of Price -

La Publication - c’est la Vente aux enchères

De l’Esprit Humain -

La Pauvreté - justifie-t-elle

Cette chose immonde

Peut-être - mais Nous - préférons

Quitter Notre Mansarde

Vêtus de Blanc - pour rejoindre notre Blanc Créateur -

Plutôt que de faire capituler - Notre Neige -

La Pensée appartient à Celui qui l’a donnée -

Puis - à Celui fait

À son Image - vendez

L’Air Royal -

À la Découpe - Soyez le Commerçant

De la Grâce Céleste -

s réduire à un Prix l’Esprit Humain

Est Infâme

*Poème 788,* 1863

Les oeuvres d´art sont-elles des réalités comme les autres? Une action désintéressée est-elle possible ?

By my Window have I for Scenery

Just a Sea - with a Stem -

If the Bird and the Farmer - deem it a « Pine » -

The Opinion will do - for them -

It has no Port, nor a « Line » - but the Jays -

And the upper side - is the Sun -

And it’s Commerce — if Commerce it have -

Of Spice - I infer from the Odors borne -

Of it’s Voice - to affirm - when the Wind is within -

Can the Dumb - define the Divine ?

The Definition of Melody - is -

That Definition is none -

It — suggests to our Faith -

They — suggest to our Sight -

When the latter - is put away

I shall meet with Conviction I somewhere met

That Immortality -

Was the Pine at my Window a « Fellow

Of the Royal » Infinity ?

Apprehensions - are God’s introductions -

To be hallowed - accordingly -

De ma Fenêtre j’ai comme Paysage

Juste une Mer - avec une Tige -

Si l’Oiseau et le Fermier - considèrent que c’est un « Pin » -

C’est leur Affaire -

Il n’a ni Port ni « Parcours » - sauf pour les Geais -

Dont il coupe en deux l’itinéraire vers le Ciel -

Ou pour un Écureuil, c’est plus facile — ainsi - d’atteindre

Sa Péninsule vertigineuse -

Dans l’Intérieur des terres - le Sol est en dessous -

Et au-dessus - est le Soleil -

Son Commerce - s’il a un Commerce -

Est celui des Épices - Je le déduis des Parfums qui l’entourent -

Sa Voix - s’affirme - quand le Vent le traverse -

Les Muets peuvent-ils - définir le Divin ?

La Définition de la Mélodie - c’est -

Qu’il n’existe pas de Définition -

Il - inspire notre Foi -

Eux - inspirent notre Vue -

Quand cette dernière - sera remisée

J’aurai la Conviction que quelque part j’ai rencontré

Cette Immortalité -

Ce Pin à ma Fenêtre était-il un « Membre

De la Royale » Infinité ?

Ces Intuitions - sont des introductions à Dieu -

Qu’il faut - par conséquent - révérer -

*Poème 849*, 1864

L´art peut-il manifester la vérité? En quoi le sentiment esthétique se distingue-t-il du sentiment religieux ? La perception peut-elle s´éduquer? Peut-on se fier á l´intuition?

A Moth the hue of this

Haunts Candles in Brazil -

Nature’s Experience would make

Our Reddest Second pale -

Nature is fond, I sometimes think,

Of Trinkets, as a Girl.

Un Papillon de nuit de cette couleur

Hante les Chandelles au Brésil -

L’Expérience de la Nature ferait

Pâlir notre Rouge le plus rouge, en Second -

Il m’arrive de penser, que la Nature

Aime les Babioles, comme une Jeune Fille.

*Poème 944*, 1865

En quoi la beauté artistique est-elle supérieure á la beauté naturelle? Y-a-til une beauté naturelle?

His Feet are shod with Gauze -

His Helmet, is of Gold,

His Breast, a single Onyx

With Chrysophras, inlaid -

His Labor is a Chant -

His Idleness - a Tune -

Oh, for a Bee’s experience

Of Clovers, and of Noon!

Ses Pieds sont ferrés de Gaze -

Son Casque, est d’Or,

Sa Poitrine, un Onyx d’une seule pièce

Tusté de Chrysoprase -

Son Travail est une Mélopée -

Son Loisir - une Mélodie -

Que ne donnerait-on pour l’expérience qu’a l’Abeille

Des Trèfles, et du Midi !

*Poème 979*, 1865

L´art peut-il manifester la vérité? L’art transforme-t-il notre conscience du réel ? La perception peut-elle s´éduquer?

Air has no Residence, no Neighbor,

4o Ear, no Door,

No Apprehension of Another

Oh, Happy Air !

Etherial Guest at e’en an Outcast’s Pillow -

Essential Host, in Life’s faint, wailing Inn,

Later than Light thy Consciousness accost Me

Till it depart, persuading Mine -

L’Air n’a pas de Résidence, pas de Voisin,

Ni Oreille, ni Porte,

Ni Perception de l’Autre

Ô, Heureux Air !

Invité Éthéré même sur l’Oreiller d’un Paria -

Hôte Essentiel, dans l’Auberge défaillante et plaintive de la Vie,

C’est après la Lumière que ta Conscience M’aborde

Jusqu’à son départ, entraînant la Mienne -

*Poème 989*, 1865

L´art peut-il manifester la vérité? L’art transforme-t-il notre conscience du réel ? La perception peut-elle s´éduquer? Que gagne-t-on à échanger ?

The Crickets sang

And set the Sun

And Workmen finished one by one

Their Seam the Day opon -

The low Grass loaded with the Dew

The Twilight stood, as Strangers do

With Hat in Hand, polite and new

To stay as if, or go -

A Vastness, as a Neighbor, came,

A Wisdom, without Face, or Name,

A Peace, as Hemispheres at Home

And so the Night became -

Les Grillons chantaient

Et couchèrent le Soleil

Et les Ouvriers finissaient un par un

L’Ourlet de la Journée -

L’Herbe des creux fut chargée de Rosée

Le Crépuscule restait là, comme font les Inconnus

Le Chapeau à la Main, poli, nouveau

Sans savoir ni rester, ni partir -

Une Vastitude vint, en Voisine,

Une Sagesse, sans Visage, ni Nom,

Une Paix, comme l’ont Chez eux les Hémisphères

Et ainsi la Nuit advint -

*Poème 1104*, 1865

L´art peut-il manifester la vérité? L’art transforme-t-il notre conscience du réel ? La perception peut-elle s´éduquer?

The Lightning is a yellow Fork

From Tables in the Sky

By inadvertent fingers dropt

The awful Cutlery

Of mansions never quite disclosed

And never quite concealed

The Apparatus of the Dark

To ignorance revealed -

L’Éclair est une Fourchette jaune

Des Tables du Ciel venue

Et les horribles Couverts

Que des doigts distraits ont laissé tomber

Venant de demeures jamais tout à fait dévoilées

Et jamais tout à fait cachées

L’Attirail des Ténèbres

Révélé à l’ignorance -

*Poème 1140*, 1867

En quoi la beauté artistique est-elle supérieure á la beauté naturelle? L´art peut-il manifester la vérité? L’art transforme-t-il notre conscience du réel ? La perception peut-elle s´éduquer?

Like Brooms of Steel

The Snow and Wind

Had swept the Winter Street -

The House was hooked

The Sun sent out

Faint Deputies of Heat -

Where rode the Bird

The Silence tied

His ample - plodding Steed

The Apple in the Cellar snug

Was all the one that played.

Comme des Balais d’Acier

La Neige et le Vent

Avaient nettoyé la Rue Hivernale -

La Maison était prise au piège

Le Soleil envoya

De faibles Députés de Chaleur -

Là où voguait l’Oiseau

Le Silence attela

Son Destrier robuste - au pas lourd

La Pomme bien au chaud dans la Cave

Était la seule à s’amuser.

*Poème 1241*, 1872

En quoi la beauté artistique est-elle supérieure à la beauté naturelle? L’art transforme-t-il notre conscience du réel ?

Like Rain it sounded till it curved

And then we knew ‘twas Wind -

It walked as wet as any Wave

But swept as dry as Sand -

When it had pushed itself away

To some remotest Plain

A coming as of Hosts was heard

That was indeed the Rain -

It filled the Wells, it pleased the Pools

It Warbled in the Road -

It pulled the spigot from the Hills

And let the Floods abroad -

It loosened acres, lifted seas

The sites of Centres stirred

Then like Elijah rode away

Opon a Wheel of Cloud -

Le bruit ressemblait à la Pluie jusqu’à ce qu’il s’infléchisse

Alors on sut que c’était le Vent -

Il s’avançait aussi mouillé qu’une Vague

Mais balayait aussi sec que le Sable -

Quand il eut disparu s’étant poussé lui-même

Vers quelque Plaine on ne peut plus reculée

On entendit venir comme une Multitude

Et cette fois-ci c’était bien la Pluie -

Elle remplit les Puits, enchanta les Étangs

Gargouilla sur la Route -

Elle fit sauter le bouchon des Collines

Et lâcha les Inondations -

Elle ravina les terres, souleva les mers

Mit en mouvement les Centres vitaux

Puis comme Elie disparut dans son Chariot

Sur une Roue de Nuage -

*Poème 1245*, 1872

L´art peut-il manifester la vérité? L’art transforme-t-il notre conscience du réel ?

A Stagnant pleasure like a Pool

That lets it’s Rushes grow

Until they heedless tumble in

And make the Water slow

Impeding navigation bright

Of Shadows going down

Yet even this shall rouse itself

When Freshets come along -

Un plaisir Stagnant comme un Étang

Qui laisse pousser ses Joncs

Jusqu’à ce qu’insouciants ils s’effondrent

Et ralentissent son Cours

Gênant la navigation brillante

Des Ombres au fil de l’eau

Pourtant même cet étang se réveillera

Quand les Crues arriveront -

*Poème 1258*, 1872

L´art peut-il manifester la vérité? L’art transforme-t-il notre conscience du réel ?L'esprit a-t-il accès aux choses?

It sounded as if the Streets were running -

And then the Streets stood still -

Eclipse - was all we could see at the Window,

And Awe - was all we could feel -

By and by - the boldest stole out of his Covert

To see if Time was there -

Nature was in an Opal Apron,

Mixing fresher Air.

Un bruit comme si les Rues couraient -

Puis les Rues s’arrêtèrent -

L’Éclipsé - c’est tout ce qu’on voyait à la Fenêtre,

Et I’Effroi - tout ce qu’on ressentait -

Enfin - le plus hardi se risqua hors de son Abri

Pour voir si le Temps était là -

La Nature en Tablier d’Opale,

Brassait de l’Air plus frais.

*Poème 1454*, 1877

En quoi la beauté artistique est-elle supérieure á la beauté naturelle? L´art peut-il manifester la vérité? L’art transforme-t-il notre conscience du réel ? La perception peut-elle s´éduquer? L´art sait-il montrer ce que le language ne peut pas dire? L'oeuvre d'art peut elle nous apprendre quelque chose ?

We shall find the Cube of the Rainbow -

Of that - there is no doubt -

But the Arc of a Lover’s conjecture

Eludes the finding out -

Nous trouverons la Racine carrée de l’Arc-en-ciel -

Cela - ne fait aucun doute -

Mais Ia Courbe de la conjecture Amoureuse

Nous échappera toujours -

*Poème 1517*, 1880

L´art peut-il manifester la vérité? L’art transforme-t-il notre conscience du réel ? Une connaissance scientifique du vivant est-elle possible? Y a-t-il des questions auxquelles aucune science ne répond ?

Emily Dickinson, *Poésies Complètes*, Traduction par Françoise Delphy, Flammarion, 2009

ENTRÉE EMILY DICKINSON - BEAUTÉ

A something in a summer’s Day

As slow her flambeaux burn away

Which solemnizes me.

A something in a summer’s noon -

A depth - an Azure - a perfume -

Transcending extasy.

And still within a summer’s night

A something so transporting bright

I clap my hands to see -

Then vail my too inspecting face

Lest such a subtle — shimmering grace

Flutter too far for me -

The wizard fingers never rest -

The purple brook within the breast

Still chafes it’s narrow bed -

Still rears the East her amber Flag -

Guides still the sun along the Crag

His Caravan of Red -

So looking on - the night - the morn

Conclude the wonder gay -

And I meet, coming thro’ the dews

Another summer’s Day !

Un je-ne-sais-quoi dans un Jour d’été

Tandis que lentement ses flambeaux se consument

Me rend solennelle.

Un je-ne-sais-quoi dans un midi d’été -

Une profondeur - un Azur - un parfum -

Transcendent l’extase.

Et encore au cœur d’une nuit d’été

Un je-ne-sais-quoi d’une si ravissante clarté

Que je regarde et applaudis -

Puis voile mon visage trop curieux

De peur qu’une telle grâce subtile - chatoyante

Ne s’envole trop loin pour moi -

Les doigts sorciers ne se reposent jamais -

Le ruisseau pourpre dans la poitrine

Est encore à l’étroit dans son petit lit -

L’Est lève encore son Drapeau d’ambre -

Sur le Rocher escarpé le soleil guide encore

Sa Caravane de Rouge -

Tandis que je regarde - la nuit - le matin

Concluent la merveille joyeuse -

Et je rencontre, traversant les rosées.

Un autre Jour d’été !

Poème 104, 1859

Y-a-til une beauté naturelle? La beauté est elle promesse de bonheur ? En quoi le sentiment esthétique se distingue-t-il du sentiment religieux ?

Bring me the sunset in a cup -

Reckon the morning’s flagons up

And say how many Dew -

Tell me how far the morning leaps -

Tell me what time the weaver sleeps

Who spun the breadths of blue !

Write me how many notes there be

In the new Robin’s extasy

Among astonished boughs -

How many trips the Tortoise makes -

How many cups the Bee partakes,

The Debauchee of Dews !

Also, Who laid the Rainbow’s piers,

Also, Who leads the docile spheres

By withes of supple blue ?

Whose fingers string the stalactite -

Who counts the wampum of the night

To see that none is due ?

Who built this little Alban House

And shut the windows down so close

My spirit cannot see ?

Who’ll let me out some gala day

With implements to fly away,

Passing Pomposity ?

Apporte-moi le soleil couchant dans une tasse -

Compte les flacons du matin

Dénombre la Rosée -

Dis-moi jusqu’où bondit le matin -

Dis-moi à quelle heure s’endort le tisserand

Qui a filé ces lés de bleu !

Écris pour moi combien de notes on trouve

Dans l’extase de la Grive nouvelle

Parmi les branches éblouies -

Combien de voyages fait la Tortue -

Combien de coupes boit l’Abeille,

Cette Débauchée de Rosées !

Aussi, Qui a construit les digues de I’Arc-en-ciel,

Aussi, Qui conduit les sphères dociles

Au bout d’un souple brin d’osier bleu ?

Quels sont les doigts qui attachent la stalactite -

Qui compte les wampums de la nuit

Pour s’assurer qu’aucun ne manque ?

Qui a bâti cette petite Maison d’Albâtre

Et en a si bien fermé les fenêtres

Que mon esprit n’y voit goutte ?

Qui me libérera un jour de gala

Avec tout ce qu’il faut pour m’envoler,

Dans un Faste dément ?

Poème 140, 1860

En quoi le sentiment esthétique se distingue-t-il du sentiment religieux ?

I taste a liquor never brewed -

From Tankards scooped in Pearl -

Not all the Frankfort Berries

Yield such an Alcohol !

Inebriate of air - am I -

And Debauchee of Dew -

Reeling - thro’ endless summer days -

From inns of molten Blue -

When « Landlords » turn the drunken Bee

Out of the Foxglove’s door -

When Butterflies - renounce their « drams » -

I shall but drink the more !

Till Seraphs swing their snowy Hats -

And Saints - to windows run -

To see the little Tippler

Leaning against the - Sun !

Je goûte une liqueur jamais distillée -

Dans des Chopes creusées dans la Perle -

Toutes les Baies de Francfort

N’offrent pas un tel Alcool !

Je suis - enivrée d’air -

Débauchée de Rosée -

Et tout au long des jours d’été sans fin -

Je sors titubante - d’auberges de Bleu fondu -

Quand les « Tenanciers » chasseront l’Abeille ivre

De la Digitale -

Quand les Papillons renonceront à leur « petite goutte » -

Je n’en boirai que plus encore !

Jusqu’à ce que les Séraphins agitent leur Chapeau de neige -

Et que les Saints - accourent à la fenêtre -

Pour voir la petite Poivrote

S’appuyant contre le - Soleil !

Poème 207, 1861

Y-a-til une beauté naturelle? La beauté est elle promesse de bonheur ?

The Moon is distant from the Sea -

And yet, with Amber Hands -

She leads Him - docile as a Boy -

Along appointed Sands -

He never misses a Degree -

Obedient to Her eye -

He comes just so far - toward the Town -

Just so far — goes away -

Oh, Signor, Thine, the Amber Hand -

And mine - the distant Sea -

Obedient to the least command

Thine eye impose on me -

La Lune est loin de l’Océan -

Pourtant de ses Mains d’Ambre -

Elle Le conduit - docile comme un Enfant -

Le long des Sables qu’elle a choisis -

Il ne se trompe pas d’un Degré -

Obéissant à Son œil -

Il vient jusque-là - vers la Ville -

Jusque-là - et puis s’en va -

Ô, Signor, à Toi, cette Main d’Ambre -

À moi - le lointain Océan -

Qui obéit au moindre commandement

Que ton œil m’impose -

Poème 387, 1862

En quoi le sentiment esthétique se distingue-t-il du sentiment religieux ?

The Morning after Wo -

‘Tis frequently the Way -

Surpasses all that rose before -

For utter Jubilee -

As Nature did not Care -

And piled her Blossoms on -

The further to parade a Joy

Her Victim stared upon -

The Birds declaim their Tunes -

Pronouncing every word

Like Hammers - Did they know they fell

‘ Like Litanies of Lead -

On here and there - a creature -

They’d modify the Glee

To fit some Crucifixal Clef -

Some key of Calvary

Le Matin qui suit le Malheur -

C’est souvent le Cas -

Surpasse tous les autres -

Comme parfait Jubilé -

Comme si la Nature s’en Moquait -

Et accumulait ses Fleurs -

Pour faire plus encore parade d’une Joie

Que sa Victime désapprouve d’un air ébahi -

Les Oiseaux déclament leurs Chants -

Prononçant chaque mot

Les Martelant - S’ils savaient qu’ils tombent

Comme des Litanies de Plomb -

Ici et là sur - une créature -

Parfois, ils modifieraient la Joie

Pour la mettre au Diapason de la Crucifixion -

Véritable clé du Calvaire

Poème 398, 1862

Quel est la relation entre la beauté et la bonté?La beauté est elle promesse de bonheur ?

Dare you see a Soul at the « White Heat » ?

Then crouch within the door -

Red - is the Fire’s common tint -

But when the vivid Ore

Has vanquished Flame’s conditions -

It quivers from the Forge

Without a color, but the Light

Of unannointed Blaze -

Least Village, boasts it’s Blacksmith -

Whose Anvil’s even ring

Stands symbol for the finer Forge

That soundless tugs - within -

Oses-tu regarder une Âme « Chauffée à Blanc » ?

Alors fais-toi tout petit sur le seuil -

Le Rouge - est la couleur ordinaire du Feu -

Mais quand le Minerai à vif

A triomphé des rigueurs de la Flamme -

II vibre en sortant de la Forge

Sans couleur, seulement Lumière

Ardeur que ne consacre nulle Onction -

Le moindre Village, est fier de son Forgeron -

Et le son régulier de son Enclume

Vaut symbole pour la Forge plus subtile

Qui bat sans bruit - à l’intérieur -

Poème 401, 1862

Le travail permet-il de prendre conscience de soi ? Travailler, est-ce seulement mettre en oeuvre des techniques ?

I died for Beauty - but was scarce

Adjusted in the Tomb

Wlien One who died for Truth, was lain

In an adjoining Room -

He questioned softly « Why I failed ? »

« For Beauty », I replied -

« And I - for Truth - Themself are One -

We Bretheren, are », He said -

And so, as Kinsmen, met a Night -

We talked between the Rooms -

Until the Moss had reached our lips -

And covered up - Our names -

Je mourus pour la Beauté - mais à peine étais-je

Ajustée dans la Tombe

Que Quelqu’un mort pour la Vérité, fut couché

Dans la Chambre à côté -

Il me demanda doucement « Pourquoi es-tu tombée ? »

« Pour la Beauté », répliquai-je -

« Et Moi - pour la Vérité - Qui ne font qu’Un -

Nous sommes. Frère et Sœur », dit-Il -

Et ainsi, tels des Parents, qui se rencontrent une Nuit -

Nous devisâmes d’une Chambre à l’autre -

Jusqu’à ce que la Mousse atteigne nos lèvres -

Et recouvre - Nos noms -

Poème 448, 1862

La beauté transforme-t-elle notre conscience du réel? Que nous apprend la mort? Quel besoin avons-nous de chercher la vérité ?

The World - feels Dusty

When We stop to Die -

We want the Dew - then -

Honors — taste dry -

Flags - vex a Dying face -

But the least Fan

Stirred by a friend’s Hand -

Cools - like the Rain -

Mine be the Ministry

When thy Thirst comes -

Dews of Thessaly, to fetch -

And Hybla Balms -

Le Monde - a un goût de Poussière

Quand Nous nous arrêtons pour Mourir -

Nous désirons la Rosée - alors -

Les Honneurs - semblent bien secs -

Les Drapeaux - offusquent un visage Mourant -

Mais le moindre mouvement de l’Éventail

Dans une Main amie -

Rafraîchit - comme la Pluie -

À Moi ce Ministère

Quand viendra ta Soif -

J’irai chercher, les Rosées de Thessalie -

Et les Baumes d’Hybla -

Poème 491, 1862

La beauté transforme-t-elle notre conscience du réel? Quel est la relation entre la beauté et la bonté? Existe-t-il un privilège de la beauté? La beauté est elle promesse de bonheur ? En général quand une chose devient utile cesse-t'elle d être belle ? Que nous apprend la mort?

How many Flowers fail in Wood -

Or perish from the Hill -

Without the privilege to know

That they are Beautiful -

How many cast a nameless Pod

Opon the nearest Breeze -

Unconscious of the Scarlet Freight -

It bear to other eyes -

Combien de Fleurs succombent dans le Bois -

Ou périssent sur la Colline -

Sans avoir le privilège de savoir

Qu’elles sont Belles -

Combien confient une Cosse anonyme

Á la Brise la plus proche -

Inconsciente de la Cargaison Écarlate -

Qu’elle porte à d’autres yeux -

Poème 534, 1863

Y-a-til une beauté naturelle? Existe-t-il un privilège de la beauté? La conscience fait-elle de l’homme une exception ?

Delight - becomes pictorial -

When viewed through Pain -

More fair - because impossible

That any gain -

The Mountain - at a given distance -

In Amber - lies -

Approached - the Amber flits - a little -

And Thats - the Skies -

Vue par un oeil Souffrant -

La Joie - apparait comme un tableau -

Qui gagne en beauté - puisqu’il est impossible

À quiconque d’en profiter -

La Montagne - vue d’une certaine distance -

Prend des teintes - Ambrées -

Qu’on se rapproche - l’Ambre s’esquive - un peu -

Et Ce qui reste - ce sont les Cieux -

Poème 539, 1863

En général quand une chose devient utile cesse-t'elle d être belle ?

« Heaven » has different Signs - to me -

Sometimes, I think that Noon

Is but a symbol of the Place -

And when again, at Dawn,

A mighty look runs round the World

And settles in the Hills -

An Awe if it should be like that

Opon the Ignorance steals -

The Orchard, when the Sun is on -

The Triumph of the Birds

Wen they together Victory make -

Some Carnivals of Clouds -

The Rapture of a finished Day

Returning to the West -

All these - remind us of the place

That Men call « Paradise » -

Itself be fairer - we suppose -

But how Ourself, shall be

Adorned, for a Superior Grace -

Not yet, our eyes can see -

« Le Ciel » se présente à moi - sous des Emblèmes différents -

Parfois, je pense que Midi

N’est qu’un symbole de ce Lieu -

Mais aussi quand, à l’Aube,

Une aura de splendeur enveloppe le Monde

Et se pose sur les Collines -

Un sentiment de Terreur sacrée se glissant dans l’Ignorance

Ne serait-ce pas ça -

Le Verger, en plein Soleil -

Le Triomphe des Oiseaux

Qui tous ensemble chantent Victoire -

Un Carnaval de Nuages -

L’Extase d’un Jour fini

Retournant à l’Ouest -

Tout ceci - nous rappelle le lieu

Que les Hommes nomment « Paradis » -

Le vrai doit être plus beau - pensons-nous -

Mais comment Nous autres, serons-nous

Parés, pour cette Grâce Suprême -

Nos yeux ne peuvent pas encore le voir -

Poème 544, 1863

Y-a-til une beauté naturelle? Existe-t-il un privilège de la beauté? Quel est la relation entre la beauté et la bonté? La beauté est elle promesse de bonheur ? En quoi le sentiment esthétique se distingue-t-il du sentiment religieux ?

Absent Place - an April Day -

Daffodils a’blow

Homesick curiosity

To the Souls that snow -

Drift may block within it

Deeper than without -

Daffodil delight but

Him it duplicate -

Lieu absent - par une Journée d’Avril -

Fleurissent les Jonquilles

Curiosité mélancolique

Pour les Âmes enneigées -

Les Congères peuvent les étouffer à l’intérieur

Plus profondément qu’à l’extérieur -

Les Jonquilles ne réjouissent que

Celui dont elles sont le miroir -

Poème 958, 1865

Y-a-til une beauté naturelle? Existe-t-il un privilège de la beauté?

A Light exists in Spring

Not present on the Year

At any other period -

When March is scarcely here

A Color stands abroad

On Solitary Fields

That Science cannot overtake

But Human Nature feels.

It waits opon the Lawn,

It shows the furthest Tree

Opon the furthest Slope you know

It almost speaks to you.

Then as Horizons step

Or Noons report away

Without the Formula of sound

It passes and we stay -

A quality of loss

Affecting our Content

As Trade had suddenly encroached -

Opon a Sacrament -

Il est une Lumière au Printemps

Qu’on ne trouve à aucun autre

Moment de l’Année -

Quand Mars vient juste d’arriver

Une Couleur s’étend

Sur les Champs Solitaires

Que la Science ne peut rattraper

Mais que ressent la Nature Humaine.

Elle attend sur la Pelouse,

Se montre sur l’Arbre le plus lointain

Sur la Pente la plus lointaine que vous connaissez

Elle vous parle presque.

Puis tandis que les Horizons marchent

Ou que les Midis signalent leur départ

Sans la Formalité du son

Elle passe et nous restons -

La perte a une qualité

Qui affecte notre Satisfaction

Comme si le Commerce avait soudain empiété

Sur un Sacrement -

Poème 962, 1865

Y-a-til une beauté naturelle? La beauté transforme-t-elle notre conscience du réel? La beauté est elle promesse de bonheur ? En général quand une chose devient utile cesse-t'elle d être belle ?

The Merchant of the Picturesque

A Counter has and sales

But is within or negative

Precisely as the calls -

To Children he is small in price

And large in courtesy -

It suits him better than a check

Their artless currency -

Of Counterfeits he is so shy

Do one advance so near

As to behold his ample flight -

Le Marchand de Pittoresque

A un Comptoir où il vend

Mais il est là ou pas

Selon qui le demande -

Pour les Enfants ses prix sont modérés

Et sa courtoisie immense -

Il préfère leur monnaie candide

À un chèque -

Il se méfie tant des Contrefaçons

Que c’est à peine si l’on peut l’approcher d’assez près

Pour le voir prendre ample envolée -

Poème 1134, 1867

Y-a-til une beauté naturelle? En général quand une chose devient utile cesse-t'elle d être belle ? Existe-t-il un privilège de la beauté? Existe-t-il un privilège de la beauté?

The Voice that stands for Floods to me

Is sterile borne to some -

The Face that makes the Morning mean

Glows impotent on them -

What difference in Substance lies

That what is Sum to me

By other Financiers be deemed

Exclusive Poverty !

Cette Voix qui m’évoque des Déluges

Arrive stérile aux oreilles de certains -

Le Visage qui donne un sens au Matin

Rayonne sans effet sur eux -

Quelle est la différence de Substance

Entre ce qui pour moi est un Pactole

Et qui est considéré par d’autres Financiers

Comme Pauvreté intégrale !

Poème 1207, 1871

Y-a-til une beauté naturelle? En général quand une chose devient utile cesse-t'elle d être belle ? Existe-t-il un privilège de la beauté? Existe-t-il un privilège de la beauté?

Estranged from Beauty - none can be -

For Beauty is Infinity -

And power to be finite ceased

Before Identity was creased -

Brouillé avec la Beauté - nul ne peut l’être -

Car la Beauté c’est l’Infini -

Et le pouvoir d’être fini cessa

Avant que le pli de l’Identité fut pris -

Poème 1515, 1879

Quel est la relation entre la beauté et la bonté? La beauté est elle promesse de bonheur ? En quoi le sentiment esthétique se distingue-t-il du sentiment religieux ?

ENTRÉE EMILY DICKISON - CORPS

Have you got a Brook in your little heart,

Where bashful flowers blow,

And blushing birds go down to drink -

And shadows tremble so -

And nobody knows, so still it flows,

That any brook is there,

And yet your little draught of life

Is daily drunken there -

Why - look out for the little brook in March,

When the rivers overflow,

And the snows come hurrying from the hills,

And the bridges often go -

And *later*, in *August* it may be,

When the meadows parching lie,

Beware, lest this little brook of life,

Some burning noon go dry !

Avez-vous un Ruisseau dans votre petit cœur,

Oú les fleurs pudiques s’ouvrent,

Et les oiseaux le rouge aux joues vont boire -

Et où tremblent les ombres -

Et personne ne sait, tant il coule sans bruit,

Qu’un ruisseau est ici,

Et pourtant tous les jours c’est bien ici

Qu’on boit la gorgée de vie -

Enfin - attention au petit ruisseau en Mars,

Quand les rivières débordent,

Et que les neiges dévalent les collines,

Et que les ponts souvent sont emportés -

Et *plus tard*, en *Août* parfois,

Quand les prés sont brûlés,

Prenez garde, de peur que ce petit ruisseau de la vie,

Par quelque midi torride ne s’assèche !

Poème 94, 1859

Que suis-je par rapport à mon corps ? Quelle différence peut-on faire entre l´esprit et le corps ?

Le bonheur est-il affaire privée?

Exultation is the going

Of an inland soul to sea -

Past the Houses -

Past the Headlands -

Into deep Eternity -

Bred as we, among the mountains,

Can the sailor understand

The divine intoxication

Of the first league out from Land ?

L’Exultation c’est une âme terrienne

Qui larguant les amarres -

Dépasse les Maisons -

Dépasse les Promontoires -

Et plonge dans la profonde Eternité -

Le marin peut-il comprendre

Cette divine ivresse

Qu’offre la première lieue loin de la Terre,

Bien qu'élevé à la montagne ?

Poème 143, 1860

Quelle différence peut-on faire entre l´esprit et le corps ? Le bonheur est-il dans l'inconscience ?

Toute prise de conscience est-elle libératrice? Notre liberté de pensée a-t-elle des limites ?

I never hear the word « Escape »

Without a quicker blood,

A sudden expectation -

A flying attitude !

I never hear of prisons broad

By soldiers battered down,

But I tug childish at my bars

Only to fail again !

Jamais je n’entends le mot « Évasion »

Sans que mon pouls s’accélère,

Sans une attente soudaine -

Une attitude d’envol !

Jamais je n’entends parler de vastes prisons

Abattues par les soldats,

Sans que, comme un enfant, je secoue mes barreaux

Pour échouer encore, et encore !

Poème 144, 1860

Pourquoi voulons-nous être libres ? Avons nous le choix d´être libre?

I have never seen « Volcanoes » -

But, when Travellers tell

How those old - phlegmatic mountains

Usually so still -

Bear within - appalling Ordnance,

Fire, and smoke, and gun -

Taking Villages for breakfast,

And appalling Men -

If the stillness is Volcanic

In the human face

When opon a pain Titanic

Features keep their place -

If at length, the smouldering anguish

Will not overcome,

And the palpitating Vineyard

In the dust, be thrown ?

If some loving Antiquary,

On Resumption Morn,

Will not cry with joy, « Pompeii » !

To the Hills return !

Je n’ai jamais vu de « Volcans » -

Mais, quand les Voyageurs racontent

Comment ces vieilles montagnes - flegmatiques

Habituellement si calmes -

Portent en elles - terrifiante Artillerie,

Feu, fumée, canon -

Avalant des villages au petit déjeuner,

Et terrifiant les Hommes -

Si le calme est Volcanique

Dans le visage humain

Lorsque endurant une souffrance Titanesque

Les traits demeurent inchangés -

Qui sait si finalement l’angoisse qui couve

N’éclatera pas,

Et si la Vigne palpitante

sera pas jetée, dans la poussière ?

Si quelque Archéologue passionné,

Le Matin de la nouvelle Éruption,

Ne s’écriera pas joyeusement, « Pompei » !

Redeviens Colline parmi les Collines !

Poème 165, 1860

Que suis-je par rapport à mon corps ? Quelle différence peut-on faire entre l´esprit et le corps ?

L’idée d’inconscient exclut-elle celle de liberté ? Admettre l'existence de l'inconscient est-ce rendre vain tout effort de lucidité à l'égard de soi même ? Avons nous le choix d´être libre?

I got so I could take his name -

Without - Tremendous gain -

That Stop-sensation - on my Soul -

And Thunder - in the Room -

I got so I could walk across

That Angle in the floor,

Where he turned so, and I turned - how -

And all our Sinew tore -

I! got so I could stir the Box -

In which his letters grew

Without that forcing, in my breath -

As Staples - driven through - [...]

J’en arrivai à pouvoir affronter son nom -

Sans - me sentir Riche à millions -

Ni cette sensation de Rupture - dans mon Âme -

Et sans Tonnerre - dans la Pièce -

J’en arrivai à pouvoir traverser

Cet Angle du plancher,

Où il s’était tourné ainsi, et moi - comment -

Et où nos Nerfs s’étaient déchirés -

J’en arrivai à pouvoir bouger la Boîte -

Dans laquelle ses lettres poussaient

Sans quelque chose de forcé, dans le souffle -

Comme si l’on vous enfonçait - un Harpon - [...]

Poème 292, 1862

Que suis-je par rapport à mon corps ? Quelle différence peut-on faire entre l´esprit et le corps ?

A single Screw of Flesh

Is all that pins the Soul

That stands for Deity, to mine,

opon my side the Vail - [...]

Un seul Écrou de Chair

Est tout ce qui agrafe l’Âme

Qui, pour la mienne, est en position Divine,

De mon côté le Voile - [...]

Poème 293, 1862

Que suis-je par rapport à mon corps ? Quelle différence peut-on faire entre l´esprit et le corps ?

There’s a certain Slant of light,

Winter Afternoons -

That oppresses, like the Heft

Of Cathedral Tunes -

Heavenly Hurt, it gives us -

We can find no scar,

But internal difference -

Where the Meanings, are -

None may teach it - Any -

‘Tis the Seal Despair -

An imperial affliction

Sent us of the Air -

When it comes, the Landscape listens -

Shadows - hold their breath -

When it goes, ‘tis like the Distance

On the look of Death -

Il est un certain Rayon oblique de lumière,

Les Après-midi d’Hiver -

Qui oppresse, comme le Poids

Des Grandes Orgues -

Don et Blessure du Ciel -

On ne voit pas de cicatrice,

Mais une différence interne -

Siège des Signifiants -

Personne ne peut le lui enseigner -

C’est le Sceau du Désespoir -

Une affliction impériale

Que l’Air nous envoie -

Quand il vient, le Paysage écoute -

Les Ombres - retiennent leur souffle -

Quand il part, c’est comme la Distance

Dans le regard de la Mort -

Poème 320, 1862

Que suis-je par rapport à mon corps ? Quelle différence peut-on faire entre l´esprit et le corps ? La conscience fait-elle de l’homme une exception ?

The Outer - from the Inner

Derives it’s magnitude -

‘Tis Duke, or Dwarf, according

As is the central mood -

The fine - unvarying Axis

That regulates the Wheel -

Though Spokes - spin - more conspicuous

And fling a dust - the while.

The Inner - paints the Outer -

The Brush without the Hand -

It’s Picture publishes - precise -

As is the inner Brand -

On fine - Arterial Canvas -

A Cheek - perchance a Brow -

The Star’s whole secret - in the Lake -

Eyes were not meant to know.

L’Extérieur - à l’Intérieur

emprunte sa magnitude -

On est Due, ou Nain, selon

Son état d’esprit intime -

Cet Axe invariable - délicat

Régule la Roue -

Même si les Rayons - tournent - de façon plus voyante

Tout en faisant - voltiger la poussière.

L’Intérieur - peint l’Extérieur -

Pinceau sans Main -

Le Tableau publie - avec précision -

La Qualité de l’intérieur -

Sur une Toile délicate - d’Artères -

Une Joue - éventuellement un Front -

Tout le secret de l’Étoile - dans le Lac -

Secret que les yeux ne sont pas destinés à connaître.

Poème 450, 1862

Que suis-je par rapport à mon corps ? Quelle différence peut-on faire entre l´esprit et le corps ?

The Brain, within it’s Groove

Runs evenly - and true -

But let a Splinter swerve -

‘Twere easier for You -

To put a Current back -

When Floods have slit the Hills -

And scooped a Turnpike for Themselves -

And trodden out the Mills -

Le Cerveau, dans ses Rails

Roule régulier - et stable -

Mais qu’un petit Rien le fasse dévier -

Vous pourriez plus facilement -

Inverser le Courant -

Quand les Déluges ont fendu les Collines -

Excavé leur Route pour Passer -

Et sous leurs pieds effacé les Moulins -

Poème 563, 1863

Que suis-je par rapport à mon corps ? Quelle différence peut-on faire entre l´esprit et le corps ? Avons nous le choix d´être libre?

The Brain - is wider than the Sky -

For - put them side by side -

The one the other will contain

With ease - and You - beside -

The Brain is deeper than the sea -

For - hold them - Blue to Blue -

The one the other will absorb -

As Sponges - Buckets - do -

The Brain is just the weight of God -

For - Heft them - Pound for Pound -

And they will differ - if they do -

As Syllable from Sound -

Le Cerveau - est plus vaste que le Ciel -

Car - posez-les côte à côte -

Le premier contiendra l’autre

Facilement - et Vous - aussi -

Le Cerveau est plus profond que la mer -

Car - comparez-les - Bleu sur Bleu -

Le premier absorbera l’autre

Comme les Éponges - font - des Seaux d’eau -

Le Cerveau a juste le poids de Dieu -

Car - Pesez-les - à un Gramme près -

Et ils différeront - s’ils diffèrent -

Comme le fait la Syllabe du Son -

Poème 598, 1863

Que suis-je par rapport à mon corps ? Quelle différence peut-on faire entre l´esprit et le corps ? L´esprit a-t-il accès aux choses? Notre liberté de pensée a-t-elle des limites ?

I am afraid to own a Body -

I am afraid to own a Soul -

Profound - precarious Property -

Possession, not optional -

Double Estate, entailed at pleasure

Opon an unsuspecting Heir -

Duke in a moment of Deathlessness

And God, for a Frontier.

Posséder un Corps me fait peur -

Posséder une Âme me fait peur -

Propriétés profondes - et précaires -

Possession, pas en option -

Double Patrimoine, légué sur un coup de tête

À un Héritier sans défiance -

Duc dans les moments d’Immortalité

Et pour Frontière, Dieu.

Poème 1050, 1863

Que suis-je par rapport à mon corps ? Quelle différence peut-on faire entre l'esprit et le corps ?

The Things that never can come back, are several -

Childhood - some forms of Hope - the Dead -

Though Joys - like Men - may sometimes make a Journey -

And still abide -

We do not mourn for Traveler, or Sailor,

Their Routes are fair -

But think enlarged of all that they will tell us

Returning here -

« Here » ! There are typic « Heres » -

Foretold Locations -

The Spirit does not stand -

Himself - at whatsoever Fathom

His Native Land -

Maintes Choses jamais ne reviennent -

L’Enfance - quelques formes d’Espoir - les Morts -

Pourtant les Joies - comme les Hommes - peuvent parfois Voyager -

Et subsister quand même -

Nous ne pleurons pas le Voyageur, ni le Marin,

Aux Itinéraires propices -

Mais pensons aux horizons qu’ils nous ouvriront

À leur retour, en racontant -

« Ici » ! Il est des « Ici » typiques -

On peut prédire où ils se trouvent -

L’Esprit n’a pas de résidence -

Il est à Lui-même - à quelque Profondeur que ce soit -

Sa Terre Natale -

Poème 1564, 1881

Quelle différence peut-on faire entre l´esprit et le corps ? Notre liberté de pensée a-t-elle des limites ? Ne peut-on être heureux qu'au passé? L’imagination enrichit-elle la connaissance?

ENTRÉES EMILY DICKISON - DÉSIR

Success is counted sweetest

By those who ne’er succeed.

To comprehend a nectar

Requires sorest need.

Not one of all the purple Host

Who took the Flag today

Can tell the definition

So clear of Victory

As he defeated - dying -

On whose forbidden ear

The distant strains of triumph

Burst agonized and clear !

La Réussite est encore plus douce

À ceux qui jamais n’ont réussi.

Comprendre un nectar

Exige un besoin douloureux.

Pas un seul de la Compagnie écarlate

Qui s’est emparée du Drapeau aujourd’hui

Ne peut donner une définition

Aussi claire de la Victoire

Que celui qui vaincu - mourant -

Interdit d’écoute

Entend les sons distants du triomphe

Qui éclatent, intolérables et clairs !

Poème 112, 1859

Le désir peut-il se satisfaire de la réalité ? Peut-on désirer sans souffrir ? Faut-il libérer ses désirs ou se libérer de ses désirs ? Le bonheur est-il dans l'inconscience ?

Who never lost, are unprepared

A Coronet to find !

Who never thirsted

Flagons, and Cooling Tamarind !

Who never climbed the weary league -

Can such a foot explore

The purple territories

On Pizarro’s shore ?

How many Legions overcome -

The Emperor will say ?

How many *Colors* taken

On Revolution Day ?

How many *Bullets* bearest ?

Hast Thou the Royal scar ?

Angels ! Write « Promoted »

On this Soldier’s brow !

Qui n’a jamais perdu est mal préparé

À trouver une Couronne !

Qui n’a jamais eu soif

Des flacons, et du Tamarin Rafraîchissant !

Qui n’a jamais grimpé une pente épuisante -

Son pied peut-il explorer

Les territoires pourpres

Sur la grève de Pizarro ?

Combien de Légions vaincues ?

Questionnera l’Empereur -

Combien de *Drapeaux* pris

Le Jour de la Révolution ?

Combien de Balles dans ton corps ?

As-Tu la cicatrice Royale ?

Anges ! Écrivez « Promu »

Sur le front de ce Soldat !

Poème 136, 1860

Le désir peut-il se satisfaire de la réalité ? Peut-on désirer sans souffrir ?

« Heaven » - is what I cannot reach !

The Apple on the Tree -

Provided it do hopeless - hang -

That - « Heaven » is - to Me !

The Color, on the cruising cloud -

The interdicted Land -

Behind the Hill - the House behind -

There - Paradise - is found !

Her teazing Purples - Afternoons -

The credulous - decoy -

Enamored - of the Conjuror -

That spurned us - Yesterday !

Le Ciel » - c’est ce que je ne peux attraper !

La Pomme sur l’Arbre -

Pour autant qu’elle - pende - inatteignable -

Ça - c’est « le Ciel » - pour Moi !

La Couleur du nuage qui fuit -

La Terre interdite -

Derrière la Colline - la Maison derrière -

C’est là - qu’on trouve - le Paradis !

Ses Pourpres qui titillent - l’Après-midi -

Leurrent - les crédules -

Enamourés - du Magicien -

Qui nous a repoussés - Hier !

Poème 310, 1862

Le désir peut-il se satisfaire de la réalité ? Peut-on désirer sans souffrir ? L’homme a-t-il nécessairement besoin de religion ?

« Hope » is the thing with feathers -

That perches in the soul -

And sings the tune without the words - And never stops - at all -

And sweetest - in the Gale - is heard -

And sore must be the storm -

That could abash the little Bird

That kept so many warm -

I’ve heard it in the chillest land -

And on the strangest Sea -

Yet - never - in Extremity,

It asked a crumb - of me.

L’« Espoir » est la chose emplumée -

Qui perche dans l’âme -

Et chante la mélodie sans les paroles -

Et ne s’arrête - jamais -

C’est dans la Tempête - que son chant est - le plus suave -

Et bien mauvais serait l’orage -

Qui pourrait intimider le petit Oiseau

Qui a réchauffé tant de gens -

Je l’ai entendu dans les contrées les plus glaciales -

Et sur les Mers les plus insolites -

Pourtant - jamais - même dans la pire Extrémité,

Il ne m’a demandé - une miette.

Poème 314, 1862

Faut-il libérer ses désirs ou se libérer de ses désirs ? TLe bonheur est-il dans l'inconscience ?

Toute prise de conscience est-elle libératrice?Est-il absurde de désirer l'impossible ?Le désir nous impose-t-il d'en faire l'épreuve ?

If you were coming in the Fall,

I’d brush the Summer by

With half a smile, and half a spurn,

As Housewives do, a Fly.

If I could see you in a year,

rd wind the months in balls -

And put them each in separate Drawers,

For fear the numbers fuse -

If only Centuries, delayed,

I‘d count them on my Hand,

Subtracting, till my fingers dropped

Into Van Dieman’s Land.

If certain, when this lite was out -

That your’s and mine, should be -

I’d toss it yonder, like a Rind,

And take Eternity -

But, now, uncertain of the length

Of this, that is between,

goads me, like the Goblin Bee -

That will not state - it’s sting.

Si tu venais à l’Automne,

Je balaierais l’Été

Avec un demi-sourire, à demi dédaigneux,

Comme les Ménagères font, d’une Mouche.

Si je pouvais te voir dans un an,

J’enroulerais les mois en pelotes -

Et les mettrais dans des Tiroirs distincts,

De peur que les chiffres se confondent -

Si les Siècles seulement, se faisaient attendre,

Je les compterais sur mes Doigts,

Soustrayant, jusqu’à ce que mes doigts tombent

Au Pays de Van Diemen.

Si certaine, quand cette vie sera finie -

Que la tienne et la mienne, existeraient -

Comme une Épluchure, je les jetterais,

Et prendrais l’Éternité -

Mais, maintenant, incertaine de la durée

De cette attente, entre nous,

Cela me pique, comme fait l’Abeille Farfadet -

Qui n’admet pas — quelle a un aiguillon.

Poème 356, 1862

Peut-on désirer sans souffrir ? L’homme a-t-il nécessairement besoin de religion ?

The Grass so little has to do,

A Sphere of simple Green -

With only Butterflies, to brood,

And Bees, to entertain -

And stir all day to pretty tunes

The Breezes fetch along,

And hold the Sunshine, in it’s lap

And bow to everything,

And thread the Dews, all night, like Pearl,

And make itself so fine

A Duchess, were too common

For such a noticing,

And even when it die, to pass

In odors so divine -

As lowly spices, laid to sleep -

Or Spikenards perishing -

And then to dwell in Sovreign Barns,

And dream the Days away,

The Grass so little has to do,

I wish I were a Hay -

L’Herbe a si peu à faire,

Une Sphère de simple Vert -

N’ayant qu’à couver les Papillons,

Et tenir compagnie aux Abeilles -

Et se balancer tout le jour sur de jolies chansons

Que les Brises vont chercher,

Et tenir le Soleil, dans son giron,

Et faire des courbettes à tout,

Et enfiler les Rosées, toute la nuit, comme des Perles,

Et se faire si belle

Qu’une Duchesse, serait trop ordinaire

Pour qu’on la remarque comme elle,

Et même quand elle meurt, périr

En odeurs si divines -

Comme d’humbles épices, couchées, endormies -

Ou comme le Nard indien qui expirant s’exhale -

Et puis habiter dans des Granges Royales,

Occuper ses Journées à rêver,

L’Herbe a si peu à faire,

Je voudrais être - Foin -

Poème 379, 1862

Le désir peut-il se satisfaire de la réalité ? Peut-on dire d'un désir qu'il est anormal ? Pouvons-nous passer á côté de notre vie ? N’est-on responsable que de ses propres actes ?

Love - thou art high -

cannot climb thee -

But, were it Two -

Who knows but we -

Taking turns - at the Chimborazo -

Ducal - at last - stand up-by thee -

Love - thou art deep -

I cannot cross thee -

But, were there Two

Instead of One -

Rower, and Yacht - some sovreign Summer -

Who knows - but we’d reach the Sun ?

Love - thou art Vailed -

A few - behold thee -

Smile - and alter - and prattle - and die -

Bliss - were an Oddity - without thee -

Nicknamed by God -

Eternity -

Amour - tu es si haut -

Je ne peux t’escalader -

Mais, à Deux -

Qui sait si nous -

Nous attaquions à tour de rôle - au Chimborazo -

Nous ne pourrions nous tenir - enfin - couronnés à tes côtés -

Amour - tu es profond -

Je ne peux te traverser -

Mais, si on était Deux

Au lieu d’Un -

Rameur, et Yacht - par quelque Été souverain -

Qui sait si - nous ne pourrions atteindre le Soleil ?

Amour - tu es Voilé -

Quelques-uns - te contemplent -

Sourient - changent - babillent - et meurent -

La Félicité - serait une Bizarrerie - sans toi -

Surnommée par Dieu -

L’Éternité -

Poème 452, 1862

Le passionné est-il ennemi de lui-même ? Le bonheur est-il affaire privée? L’homme a-t-il nécessairement besoin de religion ? Ne peut-on être heureux qu´au passé? Cela a-t-il un sens de vouloir échapper au temps? Le temps est-il la limite de l’homme ? Le temps est-il un processus linéaire ? La fête est-elle toujours un gaspillage?

Hope is a strange invention -

A Patent of the Heart -

In unremitting action

Yet never wearing out -

Of this electric adjunct

Not anything is known

But It’s unique momentum

Embellish all we own -

L’Espoir est une étrange invention -

brevetée par le Cœur -

Qui ne cesse d’agir

Sans pour autant se lasser -

De cet auxiliaire électrique

On ne sait rien

Mais son élan si unique

Embellit tout ce nous possédons -

Poème 1424, 1877

Le désir peut-il se satisfaire de la réalité ? Comment définir le bien?

Who never wanted - maddest Joy

Remains to him unknown -

The Banquet of Abstemiousness

Defaces that of Wine -

Within it’s reach, though yet ungrasped

Desire’s perfect Goal -

No nearer - lest the Actual -

Should disenthrall thy soul -

À celui qui n’a jamais désiré - la plus folle Joie

Reste inconnue -

Le Banquet de l’Abstinence

Oblitère celui du Vin -

À portée de main, et pourtant jamais saisi

Est le But parfait du Désir -

Pas plus près - de peur que le Réel -

Désenchante ton âme -

Poème 1447, 1877

Le désir peut-il se satisfaire de la réalité ? Faut-il libérer ses désirs ou se libérer de ses désirs ?

Est-il absurde de désirer l'impossible? Le désir nous impose-t'il d'en faire l'épreuve? Est-ce illusoire de chercher á être heureux?

ENTRÉES EMILY DICKISON - IDENTITÉ

The Drop, that wrestles in the Sea -

Forgets her own locality

As I, in Thee -

She knows herself an incense small -

Yet small, she sighs, if all, is all,

How larger - be ?

The Ocean, smiles at her conceit -

But she, forgetting Amphitrite -

Pleads « Me » ?

La Goutte, qui se débat dans la Mer -

Oublie d’où elle vient

Comme Moi, en toi -

Elle sait qu’elle est un encens minuscule -

Pourtant si ce minuscule, soupire-t-elle, représente le tout, il est tout,

Comment plus grand - peut-il exister ?

L’Océan, sourit de sa vanité -

Mais elle, oubliant Amphitrite -

Plaide « et Moi » ?

Poème 255, 1861

Prendre conscience de soi est-ce devenir étranger à soi ? Est-il préférable de se connaître ?

I’m Nobody ! Who are you ?

Are you - Nobody - too ?

Then there’s a pair of us !

Dont tell ! they’d advertise - you know !

How dreary - to be - Somebody !

How public - like a Frog -

To tell one’s name - the livelong June -

To an admiring Bog !

Je suis Personne ! Qui êtes-vous ?

Etes-vous - Personne - aussi ?

Ainsi nous faisons la paire !

Ne le dites pas ! Ils le feraient savoir - c’est sûr !

Comme c’est ennuyeux - d’être - Quelqu’un !

Public - comme une Grenouille -

Qui crie son nom - tout le long de Juin -

A un Marécage béat !

Poème 260, 1861

Est-il préférable de se connaître ? Est-on soi même ou le devient-on?

He touched me, so I live to know

That such a day, permitted so,

I groped opon his breast -

It was a boundless place to me

And silenced, as the awful Sea

Puts minor streams to rest.

And now, I’m different from before,

As if I breathed superior air -

Or brushed a Royal Gown -

My feet, too, that had wandered so -

My Gypsy face - transfigured now -

To tenderer Renown -

Into this Port, if I might come,

Rebecca, to Jerusalem,

Would not so ravished turn -

Nor Persian, baffled at her shrine

Lift such a Crucifixal sign

To her imperial Sun.

II m’a touchée, ainsi je vis et sais

Que par une telle journée, permission accordée,

J’ai rampé sur sa poitrine -

C’était un endroit infini pour moi

Il y régnait un grand silence, comme lorsque la Mer terrifiante

Fait taire les ruisseaux mineurs.

Et maintenant, je suis différente d’autrefois,

Comme si je respirais un air supérieur -

Ou effleurais un Vêtement Royal -

Mes pieds, aussi, qui avaient tant erré -

Mon visage de Bohémienne - transfiguré maintenant -

Marqué d’une tendre Renommée -

Si je pouvais m’arrêter, dans ce Port,

Rebecca, arrivant à Jérusalem,

Ne serait pas plus ravie -

Ni une Persane, perplexe devant son autel

N’élèverait un tel signe de Croix

Vers son Soleil impérial.

Poème 349, 1862

Changer, est-ce devenir quelqu’un d’autre ?

I’m ceded — I’ve stopped being Theirs -

The name They dropped opon my face

With water, in the country church

Is finished using, now,

And They can put it with my Dolls,

My childhood, and the string of spools,

I’ve finished threading - too

Baptized, before, without the choice,

But this time, consciously, Of Grace -

Unto supremest name -

Called to my Full - The Crescent dropped -

Existence’s whole Arc, filled up,

With one - small Diadem -

My second Rank - too small the first -

Crowned - Crowing - on my Father’s breast -

A half unconscious Queen -

But this time - Adequate - Erect,

With Will to choose,

Or to reject,

And I choose, just a Crown -

On m’a cédée - je ne suis plus à Eux -

Le nom qu’ils avaient fait couler sur mon visage

Avec l’eau, dans l’église du village

N’a plus d’usage, maintenant,

lis peuvent le ranger avec mes Poupées,

Mon enfance, et toutes les bobines,

Que j’ai fini d’enfiler - également -

Baptisée, avant, sans choisir,

Mais cette fois-ci, consciente de la Grâce -

De recevoir ce nom suprême -

Appelée à la Plénitude - fini le Croissant -

Toute la Sphère de l’Existence, remplie

Avec un seul - petit Diadème -

C’est mon second Rang - le premier était trop petit -

Quand je fus Couronnée - Gazouillant - sur la poitrine de mon Père -

Pas tout à fait consciente d’être Reine -

Mais cette fois-ci - Adéquate - Debout,

Avec la Volonté de choisir,

Ou de rejeter,

Et je choisis, juste une Couronne -

Poème 354, 1862

Changer, est-ce devenir quelqu’un d’autre ? Prendre conscience de soi est-ce devenir étranger à soi ? Est-on soi même ou le devient-on?

The first Day’s Night had come -

And grateful that a thing

So terrible - had been endured -

I told my Soul to sing -

She said her strings were snapt -

Her Bow - to atoms blown -

And so to mend her - gave me work

Until another Morn -

And then - a Day as huge

As Yesterdays in pairs,

Unrolled it’s horror in my face -

Until it blocked my eyes -

My Brain - begun to laugh -

I mumbled - like a fool -

And tho’ ‘tis Years ago - that Day -

My Brain keeps giggling - still.

And Something’s odd - within -

That person that I was -

And this One - do not feel the same -

Could it be Madness - this ?

La Nuit du premier Jour était venue -

Et reconnaissante d’avoir pu

Supporter - quelque chose d’aussi terrible -

J’ai demandé à mon Âme de chanter -

Elle m’a dit que ses cordes étaient cassées -

Son Archet - pulvérisé en mille morceaux -

Et la réparer - m’a donné du travail

Jusqu’au Matin suivant -

Et puis - un Jour aussi monumental

Que des paires d’Hiers,

A déroulé son horreur devant mon visage -

Jusqu’à me boucher les yeux -

Mon Cerveau - s’est mis à rire -

Je bafouillais - comme une idiote -

Et bien que ce Jour ait eu lieu - il y a des Années -

Mon Cerveau - continue - de glousser.

Et il y a Quelque chose de bizarre - chez moi -

Cette personne que j’étais -

Et Celle-ci - n’ont pas l’air d’être la même -

Serait-ce - de la Folie ?

Poème 423, 1862

Changer, est-ce devenir quelqu’un d’autre ? Est-on soi même ou le devient-on? Le bonheur est-il affaire privée?

My Cocoon tightens - Colors teaze -

I’m feeling for the Air -

A dim capacity for Wings

Demeans the Dress I wear -

A power of Butterfly must be -

The Aptitude to fly

Meadows of Majesty concedes

And easy Sweeps of Sky -

So I must baffle at the Hint

And cipher at the Sign

And make much blunder, if at last

I take the clue divine -

Mon Cocon me serre - les Couleurs chatouillent -

Je cherche l’Air -

Une vague capacité à être Ailée

Rend la Robe que je porte inadaptée -

Un pouvoir de Papillon doit être -

L’Aptitude à voler

Implique des Prairies de Majesté

Et de faciles Essors vers le Ciel -

Aussi dois-je déjouer l’Allusion

Déchiffrer le Signe

Faire beaucoup d’erreurs, pour peut-être enfin

Saisir l’indice divin -

Poème 1107, 1865

Prendre conscience de soi est-ce devenir étranger à soi ? Est-on soi même ou le devient-on? Quel besoin avons-nous de chercher la vérité ? Le doute: Une force ou une faiblesse?

This is a Blossom of the Brain -

A small - italic Seed

Lodged by Design or Happening

The spirit fructified -

Shy as the Wind of his Chambers

Swift as a Freshet’s Tongue

So of the Flower of the Soul

It’s process is unknown -

When it is found, a few rejoice

The Wise convey it Home

Carefully cherishing the spot

If other Flower become -

When it is lost, that Day shall be

The Funeral of God,

opon his Breast, a closing Soul

The Flower of Our Lord -

C’est une Fleur du Cerveau -

Une petite Graine - en italique

Logée par Dessein ou Hasard

Fructifiant l’Esprit -

Timide comme le Vent qui dissimule ses Repaires

Vive comme la Langue d’une Crue

La gestation de la Fleur de l’Âme

Demeure inconnue -

Quand on la trouve, un petit nombre se réjouit

Les Sages l’emportent chez Eux

Soignant tendrement le lieu

Au cas où une autre Fleur adviendrait -

Quand on la perd, ce Jour-là sera

L’Enterrement de Dieu,

Sur sa Poitrine, une Âme se ferme

Fleur de Notre Seigneur -

Poème 1112, 1865

Que suis-je par rapport à mon corps ? Quelle différence peut-on faire entre l´esprit et le corps ? Est-on soi même ou le devient-on?

ENTRÉES EMILY DICKISON - MORT

Flees so the phantom meadow

Before the breathless Bee -

So bubble brooks in deserts

On ears that dying lie -

Burn so the evening spires

To eyes that Closing go -

Hangs so distant Heaven -

To a hand below.

Elle s’enfuit la prairie fantôme

Devant l’Abeille haletante -

Ainsi glougloutent les ruisseaux du désert

Aux oreilles des mourants -

Ainsi s’embrasent les clochers du soir

Pour les yeux sur le point de se Fermer -

Et le Ciel est suspendu si loin -

De la main qui ici-bas se tend.

Poème 27, 1858

Que nous apprend la mort? Le désir peut-il se satisfaire de la réalité ? Peut-on désirer sans souffrir ? Est-il absurde de désirer l'impossible? Le désir nous impose-t'il d'en faire l'épreuve? Ne fait-on que fuire le réel?

To venerate the simple days

Which lead the seasons by -

Needs but to remember

That from you or I,

They may take the trifle

Termed *mortality* !

To invest existence with a stately air -

Needs but to remember

That the Acorn there

Is the egg of forests

For the upper Air !

Il n’est besoin pour vénérer les jours simples

Qui mènent le cortège des saisons -

Que de se souvenir

Qu’on peut nous prendre à toi, à moi,

Cette bagatelle qu’on appelle

La *mortalité* !

Il n’est besoin pour donner grand air à l’existence -

Que de se souvenir

Que le Gland par terre

Est l’œuf dans lequel les forêts

Préparent leurs Cimes !

Poème 55, 1859

Que nous apprend la mort? L’homme doit-il se résigner à mourir ? Le temps détruit tout? Tout s'en va-t-il avec le temps ? Ne peut-on être heureux qu´au passé? Cela a-t-il un sens de vouloir échapper au temps? Le temps est-il la limite de l’homme ? Comment peut-il y avoir du nouveau?

New feet within my garden go -

New fingers stir the sod -

A Troubadour opon the Elm

Betrays the solitude.

New Children play opon the green -

New Weary sleep below -

And still the pensive Spring returns -

And still the punctual snow !

Des pieds tout neufs marchent dans mon jardin -

Des doigts tout neufs retournent la terre -

Un Troubadour sur l’Orme

Trompe la solitude.

Des Enfants tout neufs jouent sur le mail -

Des Morts tout neufs dorment là-dessous -

Et le Printemps pensif pourtant revient -

Ainsi que la neige ponctuelle!

Poème 79, 1859

L’homme doit-il se résigner à mourir ? Le temps détruit tout? Tout s'en va-t-il avec le temps ?

Comment peut-il y avoir du nouveau? Le temps est-il un processus linéaire ?

Going to Heaven !

I dont know when -

Pray do not ask me how !

Indeed I’m too astonished

To think of answering you !

Going to Heaven !

How dim it sounds !

And yet it will be done

As sure as flocks go home at night

Unto the Shepherd’s arm !

Perhaps you’re going too !

Who knows ?

If you sh’d get there first

Save just a little place for me

Close to the two I lost -

The smallest « Robe » will fit me

And just a bit of « Crown » -

For you know we do not mind our dress

W^en we are going home -

I’m glad I dont believe it

For it w’d stop my breath -

And I’d like to look a little more

At such a curious Earth !

I am glad they did believe it

Whom I have never found

Since the mighty autumn afternoon

I left them in the ground.

Aller au Ciel !

Je ne sais pas quand -

S’il vous plaît ne me demandez pas comment !

Vraiment je suis trop étonnée

Pour penser à vous répondre !

Aller au Ciel !

Comme ça semble vague !

Et pourtant ça se fera

Aussi sûr que les troupeaux rentrent le soir

Protégés par le Berger !

Peut-être y allez-vous aussi !

Qui sait ?

Si vous y arrivez en premier

Gardez-moi une petite place

Près des deux que j’ai perdus -

La plus petite « Chasuble » m’ira

Et juste un morceau de « Couronne » -

Car vous savez on ne prête pas attention à ce qu’on porte

Quand on rentre chez soi -

Je suis contente de ne pas y croire

Car ça me couperait le souffle -

Et j’aimerais regarder encore un peu

Cette Terre si étrange !

Je suis contente qu’ils y aient cru

Ceux que je n’ai jamais retrouvés

Depuis cet après-midi si terrible

Où je les ai laissés sous terre.

Poème 128, 1859

Le désir peut-il se satisfaire de la réalité ? L’homme doit-il se résigner à mourir ? L’homme a-t-il nécessairement besoin de religion ?

Just lost, when I was saved !

Just felt the world go by !

Just girt me for the onset with Eternity,

When breath blew back,

And on the other side

I heard recede the disappointed tide !

Therefore, as One returned, I feel,

Odd secrets of the line to tell !

Some Sailor, skirting foreign shores -

Some pale Reporter, from the awftil doors

Before the Seal !

Next time, to stay !

Next time, the things to see

By ear unheard -

Unscrutinized by eye -

Next time, to tarry,

While the Ages steal -

Slow tramp the Centuries,

And the Cycles wheel !

Perdue, juste quand j’étais sauvée !

J’ai juste senti le monde passer !

Je me ceignais juste pour résister à l’assaut de l’Éternité,

Quand j’ai repris mon souffle,

Et que de l’autre côté

J’entendis se retirer, déçue, la marée !

Du coup, tel un Revenant, j’ai comme

Des secrets de la frontière à révéler !

Quelque Marin, longeant des rives étrangères -

Quelque pâle Reporter, revenant de devant les grilles terrifiantes

Avant les Scellés !

Rester la prochaine fois !

La prochaine fois, voir les choses

Que nulle oreille n’entend -

Que nul œil ne contemple -

La prochaine fois, je m’attarderai.

Tandis que les Âges s’écouleront -

Que les Siècles s’avanceront, lents et lourds,

Et que tourneront les Cycles !

Poème 132, 1860

Que nous apprend la mort? L’homme doit-il se résigner à mourir ? Le temps est-il la limite de l’homme ?

Dust is the only Secret.

Death, the only One

You cannot find out all about

In his « native town ».

Nobody knew « his Father » -

Never was a Boy -

Had’nt any playmates,

Or « Early history » -

Industrious ! Laconic !

Punctual ! Sedate !

Bold as a Brigand !

Stiller than a Fleet !

Builds, like a Bird, too !

Christ robs the Nest -

Robin after Robin

Smuggled to Rest !

La Poussière est le seul Secret.

La Mort, le seul Individu

Sur qui on ne trouve nulle information

Dans sa « ville natale ».

Personne n’a connu « son Père » -

N’a jamais été petit Garçon -

N’a jamais eu de camarades,

Ni d’« Antécédents » -

Industrieux ! Laconique !

Ponctuel ! Posé !

Audacieux comme un Brigand !

Plus silencieux qu’une Flotte !

De plus, il bâtit, comme un Oiseau !

Le Christ vole dans le Nid -

Grive après Grive

Passées en Fraude au Repos Éternel !

Poème 166, 1860

Peut-on penser la mort? Que nous apprend la mort? L’homme doit-il se résigner à mourir ?

What if I say I shall not wait !

What if I burst the fleshly Gate -

And pass Escaped - to thee !

What if I file this mortal - off -

See where it hurt me - That’s enough -

And wade in Liberty !

They cannot take me - any more !

Dungeons can call - and Guns implore -

Unmeaning - now - to me -

As laughter - was - an hour ago -

Or Laces - or a Travelling Show -

Or who died - yesterday !

Et si je dis que je n’attendrai pas !

Et si je fais éclater cette Porte de chair -

Et m’Échappe - vers toi !

Et si je lime les barreaux - de cette mortelle -

Et regarde là où ça fait mal - Ça suffit -

Et passe à gué vers la Liberté !

On ne peut plus - me rattraper !

Qu’appellent les Cachots - qu’implorent les Canons -

Ça n’a pas plus de sens - pour moi -

Que le rire - il y a une heure -

Les Dentelles - ou un Cirque Ambulant -

Ou celui qui est mort - hier !

Poème 305, 1862

Que suis-je par rapport à mon corps ? Quelle différence peut-on faire entre l´esprit et le corps ? Le passionné est-il ennemi de lui-même ? Le désir peut-il se satisfaire de la réalité ? Peut-on désirer sans souffrir ? Avons nous le choix d´être libre? L'idée d'une liberté totale a-t-elle un sens ? Être libre, est-ce ne rencontrer aucun obstacle ? Pourquoi voulons-nous être libres ? L’homme doit-il se résigner à mourir ? L’homme a-t-il nécessairement besoin de religion ? Qu'est-ce qui a du sens ?

A solemn thing - it was - I said -

A Woman - white - to be -

And wear - if God should count me fit -

Her blameless mystery -

A hallowed thing - to drop a life

Into the purple well -

Too plummetless - that it return -

Eternity - until -

I pondered how the bliss would look -

And would it feel as big -

When I could take it in my hand -

As hovering - seen - through fog -

And then - the size of this « small » life -

The Sages - call it small -

Swelled - like Horizons — in my vest -

And I sneered - softly - « small » !

C’était - dis-je - chose solennelle -

D’être Femme - vêtue de blanc -

Et de porter - si Dieu me pensait apte -

Son mystère immaculé -

C’est chose très sainte - de laisser tomber sa vie

Dans le puits de pourpre -

Trop insondable - pour qu’elle revienne -

Avant - l’Éternité -

Je me demandai à quoi ressemblait cette félicité -

Et si elle aurait l’air aussi grande -

Quand je pourrais la prendre dans ma main -

Que lorsqu’on la voit - planant dans la brume -

Et puis - la taille de cette « petite » vie -

Ce sont les Sages - qui la disent petite -

S’enfla - comme des Horizons - dans ma chemise -

Et je ricanai - doucement - « petite » !

Poème 307, 1862

Le passionné est-il ennemi de lui-même ? Le désir peut-il se satisfaire de la réalité ? Peut-on désirer sans souffrir ? Pourquoi voulons-nous être libres ? L’homme doit-il se résigner à mourir ? L’homme a-t-il nécessairement besoin de religion ?

Before I got my eye put out -

I liked as well to see

As other creatures, that have eyes -

And know no other way -

But were it told to me, Today,

That I might have the Sky

For mine, I tell you that my Heart

Would Split, for size of me -

The Meadows - mine -

The Mountains - mine -

All Forests - Stintless stars -

As much of noon, as I could take -

Between my finite eyes -

The Motions of the Dipping Birds -

The Morning’s Amber Road -

For mine - to look at when I liked,

The news would strike me dead -

So safer - guess — with just my soul

Opon the window pane

Where other creatures put their eyes -

Incautious - of the Sun -

Avant qu’on ne m’arrache l’œil -

J’aimais autant voir clair

Que d’autres créatures, qui ont des yeux -

Et ne connaissent d’autre état -

Mais si on me disait. Aujourd’hui,

Que je pourrais avoir le Ciel

Pour moi, je vous dis que mon Cœur

Se fendrait, poussé par mon immensité -

Les Prés - à moi -

Les Montagnes - à moi -

Toutes les Forêts - des étoiles à Discrétion -

Autant de midis, que je pourrais en prendre -

Entre mes yeux finis -

Les Mouvements des Oiseaux qui Plongent -

La Route d’Ambre du Matin -

À moi - pour les regarder quand l’envie m’en prendrait,

Cette nouvelle me foudroierait -

C’est tellement plus sûr - de deviner - avec seulement mon âme

Sur la vitre

Où les autres créatures posent les yeux -

Sans les protéger - du Soleil -

Poème 336, 1862

Le désir peut-il se satisfaire de la réalité ? L’homme a-t-il nécessairement besoin de religion ? L'esprit a-t-il accès aux choses? Ne fait-on que fuir le réel?

Of nearness to her sundered Things

The Soul has special times -

When Dimness - looks the Oddity -

Distinctness - easy - seems -

The Shapes we buried, dwell about,

Familiar, in the Rooms -

Untarnished by the Sepulchre,

The Mouldering Playmate comes -

In just the Jacket that he wore -

Long buttoned in the Mold

Since we - old mornings. Children - played -

Divided - by a world -

The Grave yields back her Robberies -

The Years, our pilfered Things -

Bright Knots of Apparitions

Salute us, with their wings -

As we - it were — that perished -

Themself - had just remained till we rejoin them -

And ‘twas they, and not ourself

That mourned -

L’Âme a des moments spéciaux

Où elle est proche des Objets dont elle fut séparée -

Quand c’est le Flou - qui devient Excentrique -

La Netteté - semble - facile -

Les Formes que nous avons enterrées, nous entourent,

Familières, dans les Chambres -

Non terni par le Sépulcre,

Arrive le Camarade de jeu qui tombe en Poussière -

Portant exactement la même Veste qu’avant -

Restée boutonnée des années dans l’Humus

Depuis que nous - les matins d’antan, Enfants - jouions -

Divisés - par un monde -

La Tombe rend ce qu’elle nous a Volé -

Les Années, et ce qu’elle nous a Chapardé -

Des Apparitions, Nœuds de Lumière

Nous saluent, de leurs ailes -

Comme si - c’était nous - qui avions péri -

Et qu’Eux - étaient restés en attendant qu’on les rejoigne -

Et que c’étaient eux, et pas nous

Qui portaient le deuil -

Poème 337, 1862

La conscience fait-elle de l’homme une exception ? L’homme doit-il se résigner à mourir ? L’homme a-t-il nécessairement besoin de religion ? Ne peut-on être heureux qu´au passé? Ne peut-on être heureux qu´au passé? Connaissons-nous mieux le présent que le passé ? Le temps est-il un processus linéaire ?

We talked as Girls do -

Fond, and late -

We speculated fair, on every subject, but the Grave -

Of our’s, none affair -

We handled Destinies, as cool -

As we - Disposers - be -

And God, a Quiet Party

To our authority -

But fondest, dwelt opon Ourself

As we eventual - be -

When Girls, to Women, softly raised

We - occupy - Degree -

We parted with a contract

To cherish, and to write

But Heaven made both, impossible

Before another night.

Nous causions comme font les Filles -

Avec passion, et jusqu’à tard le soir -

Nos spéculations allaient bon train, sur tout sujet, sauf la Tombe -

Car ça ne nous concernait pas -

Nous prenions en main les Destinées, avec le détachement -

De ceux - qui peuvent - en Disposer -

Et comme si Dieu, Coopérait en Silence

À notre autorité -

Mais le plus passionnant, était de parler de Nous-mêmes

De ce que nous deviendrions - un jour -

Quand nous élevant doucement, de Filles à Femmes

Nous - acquerrions - un Statut -

Nous nous sommes quittées sur une promesse

Nous chérir, et nous écrire

Mais le Ciel rendit les deux, impossibles

Avant même la nuit suivante.

Poème 392, 1862

Le désir peut-il se satisfaire de la réalité ? Que nous apprend la mort? L’homme doit-il se résigner à mourir ?

He fumbles at your Soul

As Players at the Keys -

Before they drop full Music on -

He stuns you by Degrees -

Prepares your brittle nature

For the etherial Blow

By fainter Hammers - further heard -

Then nearer - Then so - slow -

Your Breath - has time to straighten -

Your Brain - to bubble cool -

Deals One - imperial Thunderbolt -

That scalps your naked soul -

When Winds hold Forests in their Paws -

The Universe - is still -

Il tâtonne sur notre Âme

Comme des Musiciens sur les Touches -

Avant de lancer l’Orchestre -

II vous assomme à petits Coups -

Prépare votre nature frêle

À la Gifle céleste

Par des Martèlements plus doux - qu’on entend de plus loin -

Puis de plus près - Puis si - lents -

Qu’on a le temps de reprendre - Souffle -

De rafraîchir le Cerveau - en ébullition -

Puis Lance - un Éclair impérial -

Qui scalpe votre âme à nu -

Quand les Vents prennent les Forêts dans leurs Pattes -

L’Univers - se tient coi -

Poème 477, 1862

Que nous apprend la mort? L’homme doit-il se résigner à mourir ?

The Whole of it came not at once -

‘Twas Murder by degrees -

A Thrust - and then for Life a chance -

The Bliss to cauterize -

The Cat reprieves the mouse

She eases from her teeth

Just long enough for Hope to teaze -

Then mashes it to death -

‘Tis Life’s award - to die -

Contenteder if once -

Than dying half - then rallying

For consciouser Eclipse -

Tout ne vint pas d’un seul coup -

C’était un Meurtre graduel -

Un Coup - puis une chance pour la Vie -

Cautériser, quelle Félicité -

Le Chat accorde un sursis à la souris

Il relâche ses dents

Juste assez longtemps pour la taquinerie de l’Espoir -

Puis la broie à mort -

Mourir - c’est la récompense de la Vie -

Plus contents si ça vient d’un coup -

Que de mourir à moitié - puis revenir à soi

Pour être plus conscients de l’Éclipse -

Poème 485, 1862

Le bonheur est-il dans l'inconscience ? Que nous apprend la mort? L’homme doit-il se résigner à mourir ? Comment peut-il y avoir du nouveau? La fête est-elle toujours un gaspillage?

Three times - we parted - Breath - and I -

Three times - He would not go -

But strove to stir the lifeless Fan

The Waters - strove to stay.

Three times - the Billows threw me up -

Then caught me - like a Ball -

Then made Blue faces in my face -

\nà. pushed away a sail

That crawled Leagues off - I liked to see -

For thinking - While I die -

How pleasant to behold a Thing

Where Human faces - be -

The Waves grew sleepy - Breath - did not -

The Winds - like Children - lulled -

Then Sunrise kissed my Chrysalis -

And I stood up - and lived -

Trois fois - on se sépara - le Souffle - et Moi -

Trois fois - Il refusa de partir -

Il s’efforçait de remettre en mouvement la Ventilation sans vie

Que les Flots - s’efforçaient d’immobiliser.

Trois fois - les Déferlantes me lancèrent en l’air -

Puis me rattrapèrent - comme une Balle -

Puis à mon nez firent des grimaces Bleues -

Et repoussèrent une voile

Qui s’éloigna lentement à des Lieues de là - quel plaisir de la voir -

Et de penser - qu’au Moment de mourir -

Ce serait bien agréable de contempler un Objet

Où il y aurait - des visages Humains -

Les Vagues se firent somnolentes - pas - le Souffle -

Les Vents - comme des Enfants - se calmèrent -

Puis le Soleil levant baisa ma Chrysalide -

Et je me redressai - en vie -

Poème 514, 1863

L’imagination enrichit-elle la connaissance? L’homme doit-il se résigner à mourir ?

Glee - The great storm is over -

Four - have recovered the Land -

Forty - gone down together -

Into the boiling Sand -

Ring - for the scant Salvation -

Toll - for the bonnie Souls -

Neighbor - and friend - and Bridegroom -

Spinning opon the Shoals -

How they will tell the story -

When Winter shake the Door -

Till the Children urge -

But the Forty -

Did they - Come back no more ?

Then a silence - suffiise the story -

And a softness - the Teller’s eye -

And the Children - no ftirther question -

And only the Sea - reply -

Quelle allégresse - Le gros orage est terminé -

Quatre - ont retrouvé la Terre ferme -

Quarante - ont sombré ensemble -

Dans le Sable bouillonnant -

Carillonnez - pour le maigre Sauvetage -

Sonnez le Glas - pour les Âmes jolies -

Voisin - ami - et Jeune Marié -

Tourbillonnant sur les Hauts-fonds -

Voici comment on racontera l’histoire -

Quand l’Hiver secouera la Porte -

Jusqu’à ce que les Enfants insistent -

Et les Quarante -

Est-ce qu’ils - Ne sont jamais revenus ?

Alors un silence - envahit l’histoire -

Une douceur - l’œil du Conteur

Et les Enfants - cessent de questionner -

Et seule la Mer - répond -

Poème 685, 1863

Peut-on penser la mort?

Life - is what we make it -

Death - We do not know -

Christ’s acquaintance with Him

Justify Him - though -

He - would trust no stranger -

Other - could betray -

Just His own endorsement -

That - sufficeth Me -

All the other Distance

He hath traversed first -

No new mile remaineth -

Far as Paradise -

His sure foot preceding -

Tender Pioneer -

Base must be the Coward

Dare not venture - now -

La Vie - est ce qu’on en fait -

La Mort - On ne sait pas -

Que le Christ L’ait connue

Pourtant - La justifie -

Il - n’aurait pas fait confiance à un étranger -

Un autre - aurait pu trahir -

Qu’il ait donné Son aval -

Cela - Me suffit -

Toute cette Distance autre

Il l’a traversée en premier -

Il ne reste pas le moindre mile non tracé -

Jusqu’au Paradis -

Son pied sûr nous a précédés -

Tendre Pionnier -

Bien Lâche et Vil celui qui

N’oserait s’aventurer - maintenant -

Poème 727, 1863

Que nous apprend la mort? L’homme doit-il se résigner à mourir ? Peut-on penser la mort?

I sometimes drop it, for a Quick -

The Thought to be alive -

Anonymous Delight to know -

And madder - to conceive -

Consoles a wo so monstrous

That did it tear all Day,

Without an instant’s Respite -

‘Twould look too far - to Die -

Delirium - diverts the Wretch

For Whom the Scaffold neighs -

The Hammock’s motion lulls the Heads

So close on Paradise -

A Reef - crawled easy from the Sea

Eats off the Brittle Line -

The Sailor does’nt know the Stroke -

Until He’s past the Pain -

Parfois je laisse tomber, une Seconde -

L’Idée : être vivante -

Délice Anonyme - le savoir -

Plus fou encore - le concevoir -

Cela console d’un malheur si monstrueux

Que s’il vous déchirait tout le Jour,

Sans un instant de Répit -

La Mort - vous paraîtrait inaccessible -

Le Délire - divertit le Misérable

Que l’Échafaud attend en hennissant -

Le balancement du Hamac berce les Têtes

Si près du Paradis -

Un Écueil - sorti furtivement de la Mer

Dévore la Ligne Fragile -

Le Marin ne réalise le Choc -

Qu’une fois passée la Douleur -

Poème 784, 1863

La conscience fait-elle de l’homme une exception ? Prendre conscience de soi est-ce devenir étranger à soi ? Est-il préférable de se connaitre ? L’imagination enrichit-elle la connaissance? Les apparences sont-elles trompeuses ? L’homme doit-il se résigner à mourir ? Une connaissance scientifique du vivant est-elle possible?

This Consciousness that is aware

Of Neighbors and the Sun

Will be the one aware of Death

And that itself alone

Is traversing the interval

Experience between

And most profound experiment

appointed unto Men -

How adequate unto itself

It’s properties shall be

Itself unto itself and None

Shall make discovery -

Adventure most unto itself

The Soul condemned to be -

Attended by a single Hound

It’s own identity.

Cette Conscience qui connaît

Les Voisins, le Soleil

Sera la même qui connaîtra la Mort

Et cela en soi

Est une façon de combler l’intervalle

Entre l’Expérience

Et l’épreuve la plus profonde

Assignée aux Hommes -

Comme ses propriétés seront adéquates

Pour elle-même

Elle-même pour elle-même et Nulle Autre

Ne partagera la découverte -

L’Âme est condamnée à vivre

Son Aventure à elle -

Accompagnée d’un seul Chien d’arrêt

Sa propre identité.

Poème 817, 1864

Peut-on penser la mort? Une connaissance scientifique du vivant est-elle possible?Y a-t-il des questions auxquelles aucune science ne répond ?

Bereaved of all, I went abroad -

No less bereaved was I

opon a New Peninsula -

The Grave preceded me -

Obtained my Lodgings, ere myself -

And when I sought my Bed -

The Grave it was reposed opon

The Pillow for my Head -

I waked, to find it first awake -

I rose - It followed me -

I tried to drop it in the Crowd -

To lose it in the Sea -

In Cups of artificial Drowse

To steep it’s shape away -

The Grave - was finished - but the Spade

Remained in Memory -

Ayant fait deuil de tout, je partis à l’étranger -

Je ne fus pas moins endeuillée -

Sur une Nouvelle Péninsule -

La Tombe m’ayant précédée -

Elle obtint mon Logement, avant moi -

Et quand j’allai me Coucher -

Ma Tête était posée sur la Tombe

Faisant office d’Oreiller -

Quand je m’éveillai, je la trouvai éveillée la première -

Quand je me levai - elle me suivit -

J’essayai de m’en débarrasser dans la Foule -

De la perdre dans la Mer -

De la noyer, de la détruire

Dans des Coupes de Narcotiques artificiels -

C’en fut fini - de la Tombe - mais la Bêche

Resta fichée dans ma Mémoire -

Poème 886, 1864

Peut-on penser la mort?

Those who have been in the Grave the longest -

Those who begin Today -

equally perish from our Practise -

Death is the other way -

Foot of the Bold did least attempt it -

It is the White Exploit -

Once to achieve, annuls the power

Once to communicate -

Ceux qui sont dans la Tombe depuis fort longtemps -

Ceux qui l’inaugurent Aujourd’hui -

Disparaissent pareillement de notre Compagnie -

La Mort suit l’autre chemin -

Ce sont les Pieds des Audacieux qui s’en gardent le mieux -

C’est l’Exploit Blanc -

Une fois accompli, il annule le pouvoir

Une fois pour toutes de communiquer -

Poème 938, 1865

Peut-on penser la mort?

When One has given up One’s life

The parting with the rest

Feels easy, as when Day lets go

Entirely the West

The Peaks, that lingered last

Remain in Her regret

As scarcely as the Iodine

Opon the Cataract -

Quand On a renoncé à Sa vie

Se séparer du reste

Est facile, comme lorsque le Jour laisse partir

L’Ouest complètement

Les Pics, qui s’attardèrent en dernier

Sont par Elle aussi peu regrettés

Que la trace Violette

Qui colore la Cascade -

Poème 961, 1865

Faut-il libérer ses désirs ou se libérer de ses désirs ? Prendre conscience de soi est-ce devenir étranger à soi ? Toute prise de conscience est-elle libératrice? L’homme doit-il se résigner à mourir ? Qu'est-ce qui a du sens ? Peut-on penser la mort?

Under the Light, yet under,

Under the Grass and the Dirt,

Under the Beetle’s Cellar

Under the Clover’s Root,

Further than Arm could stretch

Were it Giant long,

Further than Sunshine could

Were the Day Year long,

Over the Light, yet over,

Over the Arc of the Bird -

Over the Comet’s chimney -

Over the Cubit’s Head,

Further than Guess can gallop

Further than Riddle ride -

Oh for a Disc to the Distance

between Ourselves and the Dead !

Sous la Lumière, très en dessous,

Sous l’Herbe et la Boue,

Sous la Cave du Scarabée

Sous la Racine du Trèfle,

Plus loin que ne s’étend un Bras

Même celui d’un Géant,

Plus loin que ne pourrait le Soleil

Si le Jour durait une Année,

Par-dessus la Lumière, très au-dessus,

Par-dessus l’Arc que décrit l’Oiseau -

Par-dessus la cheminée de la Comète -

Par-dessus la Tête de cent Coudées,

Plus loin que ne peut galoper la Conjecture

Plus loin que ne peut chevaucher l’Enigme -

Comment calculer la Courbe de la Distance

Entre Nous et les Morts !

Poème 1068, 1865

Que nous apprend la mort? Peut-on penser la mort?

The last Night that She lived

It was a Common Night

Except the Dying - this to Us

Made Nature different

We noticed smallest things -

Things overlooked before

By this great light opon our minds

Italicized - as ‘twere.

As We went out and in

Between Her final Room

And Rooms where Those to be alive

Tomorrow, were, a Blame

rhat others could exist

While She must finish quite

A Jealousy for Her arose

So nearly infinite -

We waited while She passed -

It was a narrow time -

Too jostled were Our Souls to speak

At length the notice came.

She mentioned, and forgot -

Then lightly as a Reed

Bent to the Water, struggled scarce -

Consented, and was dead -

And We - We placed the Hair -

And drew the Head erect -

And then an awfial leisure was

Relief to regulate -

La dernière Nuit de Sa vie

Fut une Nuit Ordinaire

Sauf pour la Mort - ce qui pour Nous

Rendait la Nature différente

Nous remarquâmes les choses les plus infimes -

Des choses auxquelles nous n’avions pas prêté attention

Qui avec cette lumière vive sur notre esprit

Étaient comme - mises en italique.

Comme Nous sortions et entrions

Entre Sa Chambre de mort

Et d’autres Pièces où Ceux qui seraient vivants

Demain en étaient, blâmables

Que d’autres puissent exister

Tandis qu’Elle devait finir sa vie

Faisait naître une Jalousie pour Elle

ment infinie -

Nous attendions tandis qu’Elle s’éteignait -

Cela ne prit que peu de temps -

Nos Âmes étaient trop secouées pour parler

Enfin vinrent les signes.

Elle mentionna quelque chose, et oublia -

Puis légère comme un Roseau

Penché sur l’Eau, se débattit à peine -

Consentit, et mourut -

Et Nous - arrangeâmes ses Cheveux -

Lui redressant la Tête -

puis nous eûmes l’horrible loisir

De mettre de l’ordre dans nos Croyances -

Poème 1100, 1865

Que nous apprend la mort? L’homme doit-il se résigner à mourir ? L’homme a-t-il nécessairement besoin de religion ?

The Bustle in a House

The Morning after Death

Is solemnest of industries

Enacted opon Earth -

The Sweeping up the Heart

And putting Love away

We shall not want to use again

Until Eternity -

Le Remue-ménage dans une Maison

Le Matin après une Mort

Est la plus solennelle activité

Se déroulant sur Terre -

On Balaye le Cœur

Et on range l’Amour

Dont on n’aura plus l’usage

Jusqu’à l’Eternité -

Poème 1108, 1865

Que nous apprend la mort? L’homme doit-il se résigner à mourir ? Peut-on penser la mort?

Let down the Bars, Oh Death -

The tired Flocks come in

WTiose bleating ceases to repeat

Whose wandering is done -

Thine is the stillest night

Thine the securest Fold

Too near Thou art for seeking Thee

Too tender, to be told -

Ouvre la Clôture, Ô Mort -

Qu’entrent les Troupeaux fatigués

í^inis leurs bêlements répétés

Ferminée leur errance -

En Toi la nuit la plus calme

En Toi le Bercail le plus sûr

Tu es trop proche pour qu’on Te cherche

Trop tendre, pour qu’on Te dise -

Poème 1117, 1865

L’homme doit-il se résigner à mourir ? Peut-on penser la mort?

We knew not that we were to live -

ior when we are to die -

Our ignorance our Cuirass is -

We wear Mortality

As lightly as an Option Gown

Till asked to take it off -

By his intrusion, God is known -

It is the same with Life -

Nous ne savions pas que nous allions vivre -

Ni quand nous allons mourir -

Notre ignorance est notre Cuirasse -

Nous portons la Mortalité

Avec légèreté, comme une Robe Optionnelle

Jusqu’à ce qu’on nous demande de l’ôter -

Dieu se fait connaître, par son intrusion -

Il en va de même de la Vie -

Poème 1481, 1878

L’homme doit-il se résigner à mourir ? Y a-t-il des questions auxquelles aucune science ne répond ? Qu'est-ce qui a du sens ? Avons nous le choix d´être libre? L'idée d'une liberté totale a-t-elle un sens ?

We never know we go when we are going -

We jest and shut the Door -

Fate - following - behind us bolts it -

And we accost no more -

On ne sait jamais qu’on part quand on part -

En plaisantant on ferme la Porte -

Le Destin - qui nous suit - la verrouille -

Jamais plus on n’aborde -

Poème 1546, 1881

Que nous apprend la mort? L’homme doit-il se résigner à mourir ? Peut-on penser la mort?

ENTRÉES EMILY DICKINSON - REEL

Presentiment - is that long shadow - on the Lawn -

Indicative that Suns go down -

The notice to the startled Grass

That Darkness - is about to pass -

Le Pressentiment - est cette ombre longue - sur la Pelouse -

Indiquant que se couchent les Soleils -

Signalant à l’Herbe effarouchée

Que les Ténèbres - vont envahir -

Poème 487, 1862

Peut-on se fier á l´intuition?

The Wind did’nt come from the Orchard - today -

Further than that -

Nor stop to play with the Hay -

Nor threaten a Hat -

He’s a transitive fellow - very -

Rely on that -

If He leave a Bur at the door

We know He-has climbed a Fir -

But the Fir is Where - Declare -

Were you ever there ?

If He bring Odors of Clovers -

And that is His business - not Our’s -

Then he has been with the Mowers -

Whetting away the Hours

To sweet pauses of Hay -

His Way - of a June Day -

If He fling Sand, and Pebble -

Little Boy’s Hats - and stubble -

With an occasional steeple -

And a hoarse « Get out ortfie Way, I say »,

Who’d be the fool to stay ?

Would you - Say -

Would you be the fool to stay ?

Le Vent n’est pas venu du Verger - aujourd’hui -

Mais de plus loin -

Il ne s’est pas arrêté pour jouer avec le Foin -

Ni menacer un Chapeau -

C’est un gars - toujours de passage -

Tu peux en être sûr -

S’il laisse une Pigne devant la porte

Nous savons qu’il a grimpé à un Sapin -

Mais Où est le Sapin - Dis -

Tu y as été, toi ?

S’il apporte des Odeurs de Trèfles -

C’est Son affaire - pas la Nôtre -

Alors c’est qu’il était avec les Faucheurs -

Aiguisant les Heures qui passent

En douces pauses de Foin -

Sa façon à Lui - par un Jour de Juin -

S’il lance du Sable, et des Galets -

Les Chapeaux des petits Garçons - et du chaume -

Avec parfois un clocher -

Avec un cri rauque « Ôtez-vous de mon Chemin, que diable »,

Qui serait assez idiot pour rester ?

Hein - Dis -

Tu serais, toi, assez idiot pour rester ?

Poème 494, 1862

La perception peut-elle s´éduquer?

The Day undressed - Herself -

Her Garter - was of Gold -

Her Petticoat of Purple - plain -

Her Dimities as old

Exactly - as the World

And yet the newest Star

Enrolled opon the Hemisphere -

Be wrinkled - much as Her -

Too near to God - to pray -

Too near to Heaven - to fear -

The Lady of the Occident

Retired without a Care -

Her Candle so expire

The Flickering be seen

On Ball of Mast - in Bosporus

And Dome - and Window Pane.

La Journée s’est déshabillée -

Sa Jarretière - était d’Or -

Son Jupon tout de Pourpre - uni -

Fait d’une Étoffe exactement

Aussi vieille - que le Monde

Et pourtant l’Étoile la plus nouvelle

Enrôlée dans son Hémisphère -

Est - aussi ridée qu’Elle -

Trop près de Dieu - pour prier -

Trop près du Ciel - pour s’inquiéter -

La Dame de l’Occident

Se retira sans le moindre Souci -

Sa Chandelle expire de façon

Que son Vacillement se voie

Sur la Voûte des Mâts - du Bosphore -

Les Coupoles - et les Vitres des Fenêtres.

Poème 495, 1862

La perception peut-elle s´éduquer? Le bonheur est-il dans l'inconscience ? Est-ce illusoire de chercher á être heureux?

There is a pain - so utter -

It swallows substance up -

Then covers the Abyss with Trance -

So Memory can step

Around - across - opon it -

As One within a Swoon -

Goes safely - where an open eye -

Would drop Him - Bone by bone -

Il est une souffrance - si absolue -

Qu’elle avale toute notre substance -

Puis couvre l’Abîme d’une Transe -

Ainsi la Mémoire peut marcher

Autour - de biais - au-dessus -

Comme lorsqu’un Somnambule -

Avance sans risque - là où avec les yeux ouverts -

Un Autre choirait - Os après Os -

Poème 515, 1863

L’idée d’inconscient exclut-elle celle de liberté ? Admettre l'existence de l'inconscient est-ce rendre vain tout effort de lucidité à l'égard de soi même ? Le bonheur est-il dans l'inconscience ? Faut-il préférer le bonheur à la vérité ?

It troubled me as once I was -

For I was once a Child -

Concluding how an atom - fell -

And yet the Heavens - held -

The Heavens weighed the most - by far -

Yet Blue - and solid - stood -

Without a Bolt - that I could prove -

Would Giants - understand ?

Life set me larger - problems -

Some I shall keep - to solve

Till Algebra is easier -

Or simpler proved - above -

Then - too - be comprehended -

What sorer - puzzled me -

Why Heaven did not break away -

And tumble - Blue - on me -

Il fut un temps où cela me troublait -

Car je fus jadis une Enfant -

D’arriver à la conclusion qu’un atome - pouvait tomber -

Et que pourtant les Cieux - tenaient bon -

Les Cieux étaient - de loin - des plus pesants -

Pourtant ils tenaient - Bleus - et solides -

Sans que je puisse prouver - l’existence d’un Boulon -

Les Géants - comprendraient-ils ?

La Vie m’a posé des problèmes - plus vastes -

Certains je les mettrai en réserve - pour les résoudre

Jusqu’à ce que l’Algèbre soit plus facile -

Ou qu’une preuve plus simple soit donnée - dans l’au-delà -

Alors — également — viendra la compréhension -

De ce qui m’a si douloureusement - intriguée -

Pourquoi le Ciel ne s’était pas fracassé -

S’effondrant - Bleu - sur moi -

Poème 516, 1863

La perception peut-elle s´éduquer?

A still - Volcano - Life -

That flickered in the night -

When it was dark enough to do

Without erasing sight -

A quiet - Earthquake style -

Too subtle to suspect

By natures this side Naples -

The North cannot detect

The solemn - Torrid - Symbol -

The lips that never lie -

Whose hissing Corals part - and shut -

And Cities - ooze away -

Une Vie - tranquille - de Volcan -

Qui a vacillé dans la nuit -

Quand il faisait assez sombre

Pour ne pas annihiler la vue -

Un style - de calme Séisme -

Trop subtil pour que les natures

De ce côté-ci de Naples ne le soupçonnent -

Le Nord ne sait détecter

Ce Symbole - solennel - Torride -

Des lèvres qui jamais ne mentent -

Dont le Corail s’entrouvre en sifflant - puis se referme -

Tandis que les Villes - en suintant s’écoulent -

Poème 517, 1863

La perception peut-elle s´éduquer?

‘Tis little I - could care for Pearls -

Who own the Ample sea -

Or Brooches - when the Emperor -

With Rubies - pelteth me -

Or Gold - who am the Prince of Mines -

Or Diamonds - when have I

A Diadem to fit a Dome -

Continual opon me -

C’est à peine si je pouvais - m’intéresser aux Perles -

Moi qui possède la Vaste mer -

Ou aux Broches - quand l’Empereur -

Me bombarde - de Rubis -

Ou à l’Or - moi qui suis Prince des Mines -

Ou aux Diamants - alors que j’ai

Un Diadème de la taille d’un Dôme -

Perpétuellement sur la tête -

Poème 597, 1863

La perception peut-elle s´éduquer?

Despair’s advantage is achieved

By suffering - Despair -

To be assisted of Reverse

One must Reverse have bore -

The Worthiness of Suffering like

The Worthiness of Death

Is ascertained by tasting -

As can no other Mouth

Of Savors - make us conscious -

As did ourselves partake -

Affliction feels impalpable

Until Ourselves are struck -

On obtient les avantages du Désespoir

En souffrant - du Désespoir -

Pour trouver de l’aide dans les Revers

Il faut avoir vécu ces Revers -

On ne peut s’assurer de la Valeur de la Souffrance comme de

La Valeur de la Mort

Qu’après les avoir physiquement connues -

Nulle Bouche autre que la nôtre

Ne nous rend conscient - des Saveurs -

Auxquelles il faut qu’on goûte soi-même -

Le Malheur reste impalpable

Jusqu’à ce qu’il Nous frappe -

Poème 854, 1864

La perception peut-elle s´éduquer? Que sait-on du réel? La vérité dépend-elle de nous? A quoi peut-on reconnaître la vérité? Y a-t-il d’autres moyens que la démonstration pour établir une vérité ?

As Frost is best conceived

By force of it’s Result -

Affliction is inferred

By subsequent effect -

If when the Sun reveal,

The Garden keep the Gash -

If as the Days resume

The wilted countenance

Cannot correct the crease

Or counteract the stain -

Presumption is Vitality

Was somewhere put in twain -

Comme on se fait une idée plus exacte du Gel

Par la force de ses Résultats -

On déduit le malheur

Par ses effets ultérieurs -

Si, lorsque le Soleil le révèle,

Le Jardin a toujours sa Balafre -

Si, lorsque les Jours reprennent

Du visage flétri

On ne peut repasser les plis

Ni nettoyer les taches -

On peut présumer que la Vitalité

A quelque part été coupée en deux -

Poème 911, 1865

Changer, est-ce devenir quelqu’un d’autre ? La perception peut-elle s´éduquer? Les apparences sont-elles trompeuses ? Que pouvons-nous savoir des autres ?

Bloom - is Result - to meet a Flower

And casually glance

Would cause one scarcely to suspect

The minor Circumstance

Assisting in the Bright Affair

So intricately done

Then offered as a Butterfly

To the Meridian -

To pack the Bud - oppose the Worm -

Obtain it’s right of Dew -

Adjust the Heat - elude the Wind -

Escape the prowling Bee -

Great Nature not to disappoint

Awaiting Her that Day -

To be a Flower, is profound

Responsibility -

La Floraison - est un Accomplissement - rencontrer une Fleur

Et lui jeter un coup d’œil distrait

Ne vous laisse soupçonner

Les Circonstances mineures

Qui permettent l’achèvement de cette Œuvre Brillante

Si compliquée

Puis offerte comme un Papillon

Au Méridien -

Remplir le Bouton - s’opposer au Ver -

Obtenir son droit de Rosée -

Ajuster la Chaleur - éluder le Vent -

Échapper à l’Abeille à l’affût -

Ne pas décevoir Grande Dame Nature

Qui L’attend ce Jour précis -

Être une Fleur, c’est une profonde

Responsabilité -

Poème 1038, 1865

Les apparences sont-elles trompeuses ?

Perception of an Object costs

Precise the Object’s loss -

Perception in itself a Gain

Replying to it’s price -

The Object absolute, is nought -

Perception sets it fair

And then upbraids a Perfectness

That situates so far -

La Perception d’un Objet coûte

Très exactement la perte de cet Objet -

La Perception en soi est un Gain

Proportionnel à son prix -

L’Objet absolu, n’existe pas -

La Perception l’embellit

Puis lui reproche une Perfection

Qui se situe hors de portée -

Poème 1103, 1865

Que sait-on du réel? Peut-on percevoir sans juger? Le désir peut-il se satisfaire de la réalité ?L'esprit a-t-il accès aux choses?

Between the form of Life and Life

The difference is as big

As Liquor at the Lip between

And liquor in the Jug

The latter - excellent to keep -

But for extatic need

The corkless is superior -

know for I have tried

Entre l’apparence de la Vie et la Vie

La différence est aussi grande

Que celle entre la Coupe aux Lèvres

Et le Pichet d’Alcool

Ce dernier - se garde excellemment -

Mais pour les besoins de l’extase

Le vin débouché est supérieur -

Je le sais pour avoir essayé

Poème 1123, 1866

L´esprit a-t-il accès aux choses? La perception peut-elle s'éduquer? Que sait-on du réel? Peut-on croire sans savoir ? Quelle différence peut-on faire entre l'esprit et le corps ?

Count not that far that can be had

Though sunset lie between

Nor that adjacent that beside

Is further than the sun.

Ne considère pas qu’est loin, ce qu’on peut obtenir

Même si t’en sépare le couchant

Ni qu’est près ce qui, bien que voisin

Est plus lointain que le soleil.

Poème 1124, 1866

Les apparences sont-elles trompeuses ?

A great Hope fell

You heard no noise

The Ruin was within

Oh cunning Wreck

That told no Tale

And let no Witness in

The mind was built for mighty Freight

For dread occasion planned

How often foundering at Sea

Ostensibly, on Land

Un grand Espoir a chu

Vous n’avez pas entendu de bruit

La Ruine était intérieure

Ô Epave rusée

Qui ne dit Rien

Et n’admet pas de Témoin

L’esprit fut construit pour porter d’énormes Cargaisons

Prévu pour de terrifiantes occasions

Sombrant si souvent en Mer

Tout en prétendant être sur la Terre

Poème 1187, 1866

Les apparences sont-elles trompeuses ? Que pouvons-nous savoir des autres ?

Whoever disenchants

A single Human soul

By failure or irreverence

Is guilty of the whole -

As guileless as a Bird

As graphic as a Star

Till the suggestion sinister

Things are not what they are -

Quiconque désenchante

Une seule âme Humaine

Que ce soit échec ou irrévérence

Est cent pour cent coupable -

Aussi candides qu’un Oiseau

Aussi graphiques qu’une Étoile

Jusqu’à la suggestion sinistre

Les choses ne sont pas ce qu’elles sont -

Poème 1475, 1878

Que sait-on du réel? Peut-on percevoir sans juger? La vérité dépend-elle de nous? N’est-on responsable que de ses propres actes ?

ENTRÉES EMILY DICKINSON - TEMPS

In Ebon Box, when years have flown

To reverently peer -

Wiping away the velvet dust

Summers have sprinkled there !

To hold a letter to the light -

Grown Tawny - now - with time -

To con the faded syllables

That quickened us like Wine !

Perhaps a Flower’s shrivelled cheek

Among it’s stores to fine -

Plucked far away, some morning -

By gallant - mouldering hand !

A curl, perhaps, from foreheads

Our constancy forgot -

Perhaps, an antique trinket -

In vanished fashions set !

And then to lay them quiet back -

And go about it’s care -

As if the little Ebon Box

Were none of our affair !

Dans une Boîte d’Ébène, quand les ans se sont écoulés

Plonger les yeux avec révérence -

Essuyant la poussière veloutée

Saupoudrée par les étés !

Tenir une lettre à la lumière -

Brunie - maintenant - par le temps -

Épeler les syllabes effacées

Qui nous vivifiaient comme le vin!

Trouver peut-être la joue flétrie d’une Fleur

Parmi ses richesses -

Cueillie au loin, un matin -

Par une belle main - devenue poussière !

Une boucle, peut-être, venue de fronts

Que notre fidélité a oubliée -

Peut-être, un bijou ancien -

Serti selon une mode surannée !

Et puis les remettre doucement en place -

Et les laisser tranquilles -

Comme si la petite Boîte d’Ebène

Ne nous concernait en rien !

Poème 180, 1860

Le temps détruit tout? Tout s'en va-t-il avec le temps ? Ne peut-on être heureux qu´au passé? Cela a-t-il un sens de vouloir échapper au temps? Connaissons-nous mieux le présent que le passé ?

Bound a Trouble - and Lives will bear it -

Circumscription - enables Wo -

Still to anticipate - Were no limit -

Who were sufficient to Misery ?

State it the Ages - to a cipher -

And it will ache contented on -

Sing, at it’s pain, as any Workman -

Notching the fall of the even Sun -

Impose une limite aux épreuves - et les Vies les supporteront -

Une fois circonscrit - le Chagrin se rassérène -

Dans l’anticipation - S’il n’y avait pas de terme -

Qui serait à la hauteur du Malheur ?

Fais-le savoir au Siècle - à un chiffre près -

Et il continuera de souffrir content -

Chante, dans la peine, comme n’importe quel Travailleur -

Marquant d’une encoche la chute du Soleil à son couchant -

Poème 240, 1861

Le bonheur est-il dans l'inconscience ? Toute prise de conscience est-elle libératrice?

The Doomed - regard the Sunrise

With different Delight -

Because - when next it burns abroad

They doubt to witness it -

The Man - to die - tomorrow -

Harks for the Meadow Bird -

Because it’s Music stirs the Axe

That clamors for his head -

Joyful - to whom the Sunrise

Precedes Enamored - Day -

Joyful - for whom the Meadow Bird

Has ought but Elegy !

Les Condamnés - envisagent le Lever du soleil

Avec un Délice différent -

Car - la prochaine fois qu’il se montrera flamboyant

Ils doutent d’être là pour le voir -

L’Homme - qui doit mourir - demain -

Prête l’oreille à l’Oiseau du Pré -

Car sa Musique fait bouger la Hache

Qui réclame sa tête à cor et à cri -

Joyeux - celui pour qui le Soleil levant

Annonce un Jour - d’Amour -

Joyeux - celui pour qui l’Oiseau de la Prairie

N’a rien d’une Elégie!

Poème 298, 1862

Cela a-t-il un sens de vouloir échapper au temps? Le temps est-il la limite de l’homme ? Le temps est-il un processus linéaire ?

If Anybody’s friend be dead

It’s sharpest of the theme

The thinking how they walked alive -

At such and such a time -

Their costume, of a Sunday,

Some manner of the Hair -

A prank nobody knew but them

Lost, in the Sepulchre -

How warm, they were, on such a day,

You almost feel the date -

So short way off it seems -

And now - they’re Centuries from that -

How pleased they were, at what you said !

You try to touch the smile

And dip your fingers in the frost -

When was it - Can you tell -

You asked the Company to tea -

Acquaintance - just a few -

And chatted close with this Grand Thing

That dont remember you -

Past Bows, and Invitations -

Past Interview, and Vow -

Past what Ourself can estimate -

That - makes the Quick of Wo !

Si l’ami de Quelqu’un est mort

Le thème le plus poignant

C’est de penser qu’ils ont marché vivants -

À tel ou tel moment -

Leur costume, le Dimanche,

Leur façon de se Coiffer -

Quelque fredaine qu’eux seuls connaissaient

Perdue, dans le Sépulcre -

Comme ils étaient chaleureux, tel jour,

Vous vous souvenez presque de la date -

Tant elle vous paraît proche -

Et désormais - ils sont à des Siècles de ça -

Comme ça les ravissait, ce que vous disiez !

Vous essayez de toucher leur sourire

Et plongez vos doigts dans la glace -

Quand était-ce - Le savez-vous -

Vous aviez invité les Gens à prendre le thé -

Juste quelques - connaissances -

Et aviez bavardé intimement avec cet Être Magnifique

Qui ne se souvient pas de vous -

Au-delà des Courbettes, et des Invitations -

Au-delà des Entrevues, et des Serments -

Au-delà de ce que Nous-même pouvons estimer -

C’est tout ça - le Malheur à Vif !

Poème 354, 1862

Ne peut-on être heureux qu´au passé? Exister est-ce profiter de l'instant présent? Est-ce illusoire de chercher á être heureux? L’homme doit-il se résigner à mourir ?

It ceased to hurt me, though so slow

I could not see the trouble go -

But only knew by looking back -

That something - had benumbed the Track -

Nor when it altered, I could say,

For I had worn it, every day,

As constant as the Childish frock -

I hung opon the Peg, at night.

But not the Grief - that nestled Close

As Needles - ladies softly press

To Cushions Cheeks -

To keep their place -

Nor what consoled it, I could trace -

Except, whereas ‘twas Wilderness -

It’s better - almost Peace -

Je cessai de souffrir, mais si lentement

Que je ne vis pas partir l’angoisse -

Et sus seulement en me retournant -

Que quelque chose - avait anesthésié le Chemin de la douleur -

Je ne pourrais non plus dire quand cela changea,

Car je l’avais portée, chaque jour,

Aussi constamment que ma robe de Fillette -

Que j’accrochais à la Patère, le soir.

Seul le Malheur ne changea pas - il se Lova tout contre moi

Comme les Aiguilles - que les dames enfoncent doucement

Dans des Molletons ronds comme des Joues -

Pour ne pas les perdre -

Impossible de trouver la trace, de ce qui consola -

Sauf que, à la place du Désert -

C’est mieux - presque la Paix -

Poème 421, 1862

Le bonheur est-il affaire privée? Le bonheur est-il dans l'inconscience ? Le temps détruit tout? Tout s'en va-t-il avec le temps ? Ne peut-on être heureux qu´au passé?

I tie my Hat - I crease my Shawl -

Life’s little duties do - precisely -

As the very least

Were infinite - to me -

I put new Blossoms in the Glass -

And throw the Old - away -

I push a petal from my Gown

That anchored there - I weigh

The time ‘twill be till six o’clock -

So much I have to do -

And yet - existence - some way back -

Stopped - struck - my ticking - through -

We cannot put Ourself away

As a completed Man

Or Woman - When the errand’s done

We came to Flesh - opon -

There may be - Miles on Miles of Nought -

Of Action - sicker far -

To simulate - is stinging work -

To cover what we are

From Science - and from Surgery -

Too Telescopic eyes

To bear on us unshaded -

For their - sake - Not for Our’s -

Therefore - we do life’s labor -

Though life’s Reward - be done -

With scrupulous exactness -

To hold our Senses - on -

J’attache mon Chapeau - plisse mon Châle -

J’accomplis les petits devoirs de la Vie - avec minutie -

Comme si le plus insignifiant

Était - pour moi - infini -

Je mets des Fleurs fraîches dans le Vase -

Et jette - les Vieilles -

J’enlève un pétale de ma Robe

Qui s’était ancré là - je soupèse

Le temps qu’il me reste jusqu’à six heures -

J’ai tant à faire -

Et pourtant - l’existence - il y a quelque temps -

S’est arrêtée - annihilant - mon horloge -

Nous ne pouvons Nous classifier

Comme un Homme - ou une Femme

Achevés - Quand se termine la mission

Pour laquelle nous nous sommes faits - Chair -

II y a peut-être - des Kilomètres et des Kilomètres de Rien -

Ou d’Action - encore bien plus malade -

Simuler - est besogne cuisante -

Cacher ce que nous sommes

À la Science - et à la Médecine -

Dont on ne peut supporter sans écran

Les yeux trop Télescopiques -

Pour - eux - Pas pour Nous -

Par conséquent - nous nous acquittons des tâches de la vie -

Même quand la Récompense de la vie - a disparu -

Avec une scrupuleuse exactitude -

Pour tenir la bride - à nos Sens -

Poème 522, 1863

Qu'est-ce qui a du sens ? Exister, est-ce profiter de l’instant présent ? Les passions nous empêchent-elles de faire notre devoir ? Qu'avons-nous à gagner à faire notre devoir ? Que pouvons-nous savoir des autres ?

Did Our Best Moment last -

‘Twould supersede the Heaven -

A few - and they by Risk - procure -

So this Sort - are not given -

Except as stimulants - in

Cases of Despair -

Or Stupor - The Reserve -

These Heavenly moments are -

A Grant of the Divine -

That Certain as it Comes -

Withdraws - and leaves the dazzled Soul

In her unfurnished Rooms -

Si Nos Meilleurs Moments duraient -

Ils supplanteraient le Ciel -

Que peu se procurent - et non sans Risque -

C’est pourquoi - ils ne sont pas donnés -

Si ce n’est pour nous stimuler - en

Cas de Désespoir -

Ou de Stupeur - Ces moments -

Célestes servent de Réserve -

Un Don du Divin -

On est Sûr quand il Vient -

Qu’il partira - et laissera l'Âme éblouie

Dans ses Chambres désertées -

Poème 560, 1863

Ne peut-on être heureux qu´au passé? Connaissons-nous mieux le présent que le passé ?

I could not prove the Years had feet -

Yet confident they run

Am I, from symptoms that are past

And Series that are done -

I find my feet have further Goals -

I smile opon the Aims

That felt so ample - Yesterday -

Today’s - have vaster claims -

I do not doubt the Self I was

Was competent to me -

But something awkward in the fit -

Proves that - outgrown - I see -

Je ne pourrais prouver que les Années ont des pieds -

Pourtant je suis sûre que pour courir elles courent

Prenant en compte des symptômes passés

Et des Séquences terminées -

Je m’aperçois que mes pieds ont de plus lointains Objectifs -

Je souris des Desseins

Qui me semblaient si vastes - Hier -

Ceux d’Aujourd’hui - sont beaucoup plus ambitieux -

Je ne doute pas que le Moi que j’étais

Me convenait -

Mais ce je-ne-sais-quoi serrant aux entournures -

Me prouve que - ma vision antérieure - est dépassée -

Poème 674, 1863

Changer, est-ce devenir quelqu’un d’autre ? Est-on soi même ou le devient-on?

It’s easy to invent a Life -

God does it - every Day -

Creation - but the Gambol

Of His Authority -

It’s easy to efface it -

The thrifty Deity

Could scarce afford Eternity

To Spontaneity -

The Perished Patterns murmur -

But His Perturbless Plan

Proceed - inserting Here - a Sun -

There - leaving out a Man -

C’est facile d’inventer une Vie -

Dieu le fait - chaque Jour -

La Création - n’est qu’une Cabriole

De Son Autorité -

C’est facile de l’effacer -

La Divinité économe

Ne pourrait guère se permettre d’offrir l’Eternité

À la Spontanéité -

Les Éléments qui ont Péri murmurent -

Mais Son Plan Imperturbable

Continue à se dérouler - insérant Ici - un Soleil -

Là - supprimant un Homme -

Poème 747, 1863

Le temps détruit tout? Tout s'en va-t-il avec le temps ? Le temps est-il la limite de l’homme ? Le temps est-il la limite de l’homme ?

My Life had stood - a Loaded Gun -

In Corners - till a Day

The Owner passed - identified -

And carried Me away -

And now We roam in Sovreign Woods -

And now We hunt the Doe -

And every time I speak for Him

The Mountains straight reply -

And do I smile, such cordial light

Opon the Valley glow -

It is as a Vesuvian face

Had let it’s pleasure through -

And when at Night - Our good Day done -

I guard My Master’s Head -

‘Tis better than the Eider Duck’s

Deep Pillow - to have shared -

To foe of His - I’m deadly foe -

None stir the second time -

On whom I lay a Yellow Eye -

Or an emphatic Thumb -

Though I than He - may longer live

He longer must - than I -

For I have but the power to kill,

Without - the power to die -

Ma Vie était - un Fusil Chargé -

Posé dans un Coin - jusqu’au Jour

Où le Propriétaire passa - m’identifia -

Et M’emporta -

Et maintenant Nous parcourons les Bois Royaux -

Et maintenant Nous chassons la Biche -

Et chaque fois que je parle pour Lui

Les Montagnes immédiatement répondent -

Et quand je souris, une lumière si cordiale

Luit sur la Vallée -

Que c’est comme si le visage du Vésuve

Laissait sourdre son plaisir -

Et quand la Nuit - à la fin de Notre bonne Journée -

Je garde la Tête de Mon Maître -

C’est mieux que de partager un profond

Oreiller de Duvet -

Pour Son ennemi - je suis un ennemi mortel -

Il ne bouge pas une seconde fois -

Celui sur qui je pose mon Œil Jaune -

Ou mon Pouce emphatique -

Bien qu’il soit possible - que je Lui survive

Il doit vivre plus longtemps - que moi -

Car je n’ai que le pouvoir de tuer,

Sans avoir - le pouvoir de mourir -

Poème 764, 1863

Le temps est-il la limite de l’homme ?

Remorse - is Memory - awake -

Her Parties all astir -

A Presence of Departed Acts -

At window - and at Door -

It’s Past - set down before the Soul

And lighted with a match -

Perusal - to facilitate -

And help Belief to stretch -

Remorse is cureless - the Disease

Not even God - can heal -

For ‘tis His institution - and

The Adequate of Hell -

Le Remords - c’est la Mémoire - en éveil -

Ses Partisans s’agitent -

Présence des Actes Défunts -

À la fenêtre - et à la Porte -

Son Passé - planté devant l’Âme

Éclairé par une allumette -

Pour faciliter - sa lecture -

Et vous inciter à y Croire -

Le Remords est incurable - Maladie

Que même Dieu - ne peut soigner -

Car c’est Son œuvre - et

L’Équivalent de l’Enfer -

Poème 781, 1863

Avons nous le choix d'être libre?

All but Death, Can be adjusted

Dynasties repaired -

Systems - settled in their Sockets -

Citadels - dissolved -

Wastes of Lives - resown with Colors

By Succeeding Springs -

Death - unto itself - Exception -

Is exempt from Change -

On peut s’arranger avec Tout, sauf avec la Mort

Reconstruire les Dynasties -

Réinstaller les Systèmes - dans leur Orbite -

Dissoudre - les Citadelles -

Redonner des Couleurs — aux Vies gâchées

Grâce à de Nouveaux Printemps -

La Mort - est intrinsèquement - une Exception -

Exempte de Changement -

Poème 790, 1863

Le temps détruit tout? Tout s'en va-t-il avec le temps ? Le temps est-il la limite de l’homme ?

The Poets light but Lamps -

Themselves - go out -

The Wicks they stimulate

If vital Light

Inhere as do the Suns -

Each Age a Lens

Disseminating their

Circumference -

Les Poètes n’allument que des Lampes -

Eux-mêmes - s’éteignent -

Ils en avivent la Mèche

Si la Clarté en est vitale

Elle rayonnera comme les Soleils -

Chaque Époque un Prisme

Propageant les Rayons de leur

Circonférence -

Poème 930, 1865

Le temps détruit tout? Tout s'en va-t-il avec le temps ? Le temps est-il la limite de l’homme ?

Finite - to fail, but infinite - to Venture -

For the one ship that struts the shore

Many’s the gallant - overwhelmed Creature

Nodding in Navies Nevermore -

Échouer - est œuvre finie, mais s’Aventurer - est infini -

Pour un seul navire qui se pavane au rivage

Nombreuses sont les Créatures vaillantes - submergées

Qui ballottent dans les Flottilles du Jamais plus -

Poème 952, 1865

Exister, est-ce agir ? Cela a-t-il un sens de vouloir échapper au temps? Le temps est-il la limite de l’homme ? Connaissons-nous mieux le présent que le passé ?

To own the Art within the Soul

The Soul to entertain

With Silence as a Company

And Festival maintain

In an unfurnished Circumstance

Possession is to One

As an Estate perpetual

Or a reduceless Mine.

Posséder l’Art en son Âme

De divertir son Âme

Avec le Silence comme Compagnie

Et maintenir la Fête

En Situation de vacuité

C’est Posséder

Un Domaine à perpétuité

Ou une Mine inépuisable.

Poème 1091, 1865

Le bonheur est-il affaire privée? La fête est-elle toujours un gaspillage?La solitude est-elle sans valeur ?

The Past is such a curious Creature

To look her in the Face

A Transport may receipt us

Or a Disgrace -

Unarmed if any meet her

I charge him fly

Her faded Ammunition

Might yet reply.

Le Passé est une Créature bien curieuse

Quand on la regarde dans les Yeux

On peut être reçu par un Transport de Joie

Ou par la Disgrâce -

Si d’aucuns sans arme la rencontrent

Je leur recommande de fuir

Ses Munitions éventés

Pourraient quand même répondre.

Poème 1273, 1872

Ne peut-on être heureux qu´au passé? Connaissons-nous mieux le présent que le passé ?

Long Years apart - can make no

Breach a second cannot fill -

The absence of the Witch does not

Invalidate the spell -

The embers of a Thousand Years

Uncovered by the Hand

That fondled them when they were Fire

Will stir and understand

De longues Années de séparation - ne peuvent créer

De brèche qu’une seconde ne peut combler -

L’absence de la Sorcière n’abolit pas

Le sortilège -

Les braises de Mille Ans

Réveillées par la Main

Qui les a câlinées quand elles étaient Feu

Frémiront et comprendront

Poème 1405, 1876

Le temps détruit tout? Tout s'en va-t-il avec le temps ? Cela a-t-il un sens de vouloir échapper au temps?

Glass was the Street - in Tinsel Peril

Tree and Traveller stood.

Filled was the Air with merry venture

Hearty with Boys the Road.

Shot the lithe Sleds like Shod vibrations

Emphacized and gone

It is the Past’s supreme italic

Makes the Present mean -

La Rue était de Verre - dans un Cliquetis Périlleux

Se tenaient Arbre et Voyageur.

L’Air était empli de risques joyeux

Et la Route résonnait de vigueur Enfantine.

Les Traîneaux agiles filaient sur glissières de fer

Les vibrations culminaient puis s’évanouissaient

C’est le relief particulier du Passé

Qui rend le Présent bien fade -

Poème 1518, 1880

Ne fait-on que fuire le réel? Le temps détruit tout? Tout s'en va-t-il avec le temps ? Ne peut-on être heureux qu´au passé? Connaissons-nous mieux le présent que le passé ?

You cannot make Remembrance grow

When it has lost it’s Root -

The tightening the Soil around

And setting it upright

Deceives perhaps the Universe

But not retrieves the Plant -

Real Memory, like Cedar Feet

Is shod with Adamant -

Nor can you cut Remembrance down

When it shall once have grown -

It’s Iron Buds will sprout anew

However overthrown -

Disperse it - slay it -

*[remaining text unknown]*

On ne peut faire pousser un Souvenir

Quand il a perdu ses Racines -

Tasser la Terre autour

Et redresser la Tige

Trompe peut-être l’Univers

Mais ne sauve pas la Plante -

La Vraie Mémoire, aux Pieds de Cèdre

Est ferrée de Diamant -

On ne peut davantage couper un Souvenir

Une fois qu’il a germé -

Ses Bourgeons d’Airain repousseront

Même terrassés mille fois -

Disperse-le - massacre-le -

*[La fin de ce poème est inconnue]*

Poème 1536, 1880

Le temps détruit tout? Tout s'en va-t-il avec le temps ? Connaissons-nous mieux le présent que le passé ?

Above Oblivion’s Tide there is a Pier

And an in effaceless « Few » are lifted there -

Nay - lift themselves - Fame has no Arms -

And but one Smile - that meagres Balms -

Au-dessus de la Marée de l’Oubli est une Digue

Où « un Petit Nombre » d’ineffaçables sont juchés -

Mieux - se juchent eux-mêmes - La Célébrité n’a pas de Bras -

Et un unique Sourire - qui émacie les Baumes -

Poème 1552, 1880

Cela a-t-il un sens de vouloir échapper au temps? Le temps détruit tout? Tout s'en va-t-il avec le temps ?

From all the Jails the Boys and Girls

Ecstatically leap -

Beloved only Afternoon

That Prison does’nt keep -

They storm the Earth And stun the Air,

A Mob of solid Bliss -

Alas - that Frowns should lie in wait

For such a Foe as this -

De toutes les Prisons Garçons et Filles

Bondissent extatiques -

Après-midi unique et Bien-aimé

Que les Geôles ne peuvent garder -

Ils prennent la Terre d’assaut Et abasourdissent l’Air,

Une Foule d’absolue Félicité -

Dommage - que des Froncements de sourcils guettent

De si charmants Ennemis -

Poème 1553, 1880

Le temps est-il la limite de l’homme ? Le temps détruit tout? Tout s'en va-t-il avec le temps ?

Apparently with no surprise

To any happy Flower

The Frost beheads it at it’s play -

In accidental power -

The blonde Assassin passes on -

The Sun proceeds unmoved

To measure off another Day

For an Approving God -

Apparemment sans surprise

Pour une Fleur heureuse

Le Gel la décapite par jeu -

Accident du pouvoir -

L’Assassin blond passe son chemin -

Le Soleil indifférent continue

À mesurer un autre Jour

Pour un Dieu qui l’Approuve -

Poème 1668, 1880

Qu'est-ce qui a du sens ?

ENTRÉES EMILY DICKINSON - VIVRE ENSEMBLE

*Speech* - is a prank of *Parliament* -

*Tears* - a trick of the *nerve* -

But the Heart with the heaviest freight on -

Does’nt - always - move -

Le *Discours* - est une espièglerie *Parlementaire* -

Les *Larmes* - une réaction des *nerfs* -

Mais le Cœur qui porte la plus lourde cargaison -

N’est pas - forcément - ébranlé -

Poème 193, 1861

Y a-t-il des choses que le langage ne puisse dire ? Que pouvons-nous savoir des autres ?

Wild nights - Wild nights !

Were I with thee

Wild nights should be

Our luxury !

Futile - the winds -

To a Heart in port -

Done with the Compass -

Done with the Chart !

Rowing in Eden -

Ah - the Sea !

Might I but moor - tonight -

In thee !

Nuits Sauvages - Nuits Sauvages !

Si j’étais avec toi

Ces Nuits Sauvages seraient

Notre luxe !

Futiles - les vents -

Pour un Cœur dans le port -

Finie la Boussole -

Finie la Carte !

Ramant dans l’Eden -

Ah - la Mer !

Si je pouvais jeter l’ancre - cette nuit -

En toi !

Poème 269, 1861

Quel besoin avons-nous de chercher la vérité ? Que gagne-t-on à échanger ?

[...] Feet, small as mine - have marched in Revolution

Firm to the Drum -

Hands - not so stout - hoisted them - in witness -

When Speech went numb -

Let me not shame their sublime deportments -

Drilled bright -

Beckoning - Etruscan invitation -

Toward Light -

Des Pieds, aussi petits que les miens - ont défilé pour la Révolution

Fermes au son des Tambours -

Des Mains - pas aussi solides - se sont brandies - comme témoins -

Quand les Discours s’engourdirent -

Je ne veux pas faire honte à ces comportements sublimes -

Lumineuses manœuvres -

Qui nous appellent - en une invitation Étrusque -

Vers la Lumière -

Poème 269, 1861

Une action désintéressée est-elle possible ? Toute violence est-elle sans raison? Comment peut-il y avoir un contre-pouvoir?

Her smile was shaped like other smiles -

The Dimples ran along -

And still it hurt you, as some Bird

Did hoist herself, to sing,

Then recollect a Ball, she got -

And hold opon the Twig, -

Convulsive, while the Music broke -

Like Beads - among the Bog -

A happy lip - breaks sudden -

It does’nt state you how

It contemplated - smiling -

Just consummated - now -

But this one, wears it’s merriment

So patient - like a pain -

Fresh gilded - to elude the eyes

Unqualified, to scan -

Son sourire ressemblait aux autres sourires -

Les Fossettes s’alignaient -

Et pourtant il vous faisait mal, comme si un Oiseau

Se redressait, pour chanter,

Puis se souvenait, qu’il avait reçu une Balle -

S’accrochant sur la Brindille -

Ébranlé, tandis qu’éclatait la Musique -

Comme des Perles - au cœur du Marécage -

Un sourire heureux - éclate tout d’un coup -

II ne vous explique pas comment

II s’était préparé - à sourire -

Ce qui vient d’avoir lieu - à l’instant -

Mais celui-ci, porte sa gaieté

Avec patience - comme une souffrance -

Doré de frais - pour éluder les yeux

Non qualifiés, qui le scruteraient -

Poème 300, 1862

Que pouvons-nous savoir des autres ?

I cried at Pity - not at Pain -

I heard a Woman say

« Poor Child » - and something in her voice

Convinced me - of me -

So long I fainted, to myself

It seemed the common way,

And Health, and Laughter, curious things -

To look at, like a Toy -

To sometimes hear « Rich people » buy -

And see the Parcel rolled -

And carried, we supposed - to Heaven,

For children, made of Gold -

But not to touch, or wish for,

Or think of, with a sigh -

As so and so - had been to us,

Had God willed differently.

I wish I knew that Woman’s name -

So when she comes this way,

To hold my life, and hold my ears

For fear I hear her say

She’s « sorry I am dead » - again -

Just when the Grave and I -

Have sobbed ourselves almost to sleep,

Our only Lullaby -

C’est la Pitié - non la Souffrance - qui me fit pleurer -

J’entendis une Femme dire

« Pauvre Enfant » - et quelque chose dans sa voix

Me fit comprendre - qu’il s’agissait de moi -

Ma faiblesse durait depuis si longtemps, que pour moi

Elle semblait normale,

Et la Santé, et le Rire, étaient des choses bizarres -

À regarder, comme un Jouet -

Entendre parfois « les gens Riches » acheter -

Et voir le Paquet cadeau -

Emporté, pensions-nous - au Ciel,

Pour des enfants, faits d’Or pur -

Mais sans toucher, sans même désirer le faire,

Ni penser à le faire, en soupirant -

Comme un tel ou un tel - aurait été envers nous,

Si la volonté de Dieu avait été différente.

J’aimerais connaître le nom de cette Femme -

De sorte que quand elle approchera,

Je puisse tenir ma vie, me boucher les oreilles

De peur de l’entendre redire

Qu’elle est « désolée que je sois morte » -

Juste au moment où la Tombe et moi-même -

Nous sommes presque endormies,

À force de sanglots, notre seule Berceuse -

Poème 394, 1862

N’est-on responsable que de ses propres actes ?

The Soul selects her own Society -

Then - shuts the Door -

To her divine Majority -

Present no more -

Unmoved - she notes the Chariots - pausing -

At her low Gate -

Unmoved - an Emperor be kneeling

Opon her Mat -

I’ve known her - from an ample nation -

Choose One -

Then - close the Valves of her attention -

Like Stone -

L’Âme choisit sa propre Société -

Puis - ferme la Porte -

À sa divine Majorité -

Nul ne peut prétendre -

Impassible - elle remarque les Voitures - qui s’arrêtent -

À son humble Grille -

Impassible - quand bien même un Empereur se mettrait à genoux

Sur son Paillasson -

Je l’ai vue - parmi une vaste nation -

En choisir Une -

Puis - fermer les Valves de son attention -

Comme une Pierre -

Poème 409, 1862

Comment peut-il y avoir du nouveau? Que pouvons-nous savoir des autres ?

« Why do I love » You, Sir ?

Because -

The Wind does not require the Grass

To answer - Wherefore when He pass

She cannot keep Her place.

Because He knows - and

Do not You -

And We know not -

Enough for Us

The Wisdom it be so -

The Lightning - never asked an Eye

Wherefore it shut - when He was by -

Because He knows it cannot speak -

And reasons not contained - Of Talk -

There be - preferred by Daintier Folk -

The Sunrise - Sir - compelleth Me -

Because He’s Sunrise - and I see -

Therefore - Then -

I love Thee -

« Pourquoi c’est Vous que j’aime », Monsieur ?

Parce que -

Le Vent n’exige pas de l’Herbe

Qu’elle explique - Pourquoi quand II passe

Elle ne tient pas en Place.

Car II sait - et

Pas Vous -

Et pas Nous -

Il Nous suffit

Que la Sagesse soit telle -

L’Éclair - n’a jamais demandé à un Œil

Pourquoi il se fermait - à Son passage -

Car II sait qu’il ne parle pas -

Et que parmi les raisons que les Mots - n’expriment pas -

Il en est - que les Gens plus Délicats préfèrent -

Le Lever du soleil - Monsieur - Me contraint -

Parce qu’il est le Lever du soleil - c’est pourquoi -

Je vois - Moi -

Que je T’aime -

Poème 459, 1862

Pour aimer autrui faut-il le connaître? L’homme a-t-il nécessairement besoin de religion ? Y a-t-il des choses que le langage ne puisse dire ? Le langage trahit-il la pensée?

He told a homely tale

And spotted it with tears -

Opon his infant face was set

The Cicatrice of years -

All crumpled was the cheek

No other kiss had known

Than flake of snow, divided with

The Redbreast of the Barn -

If Mother - in the Grave -

Or Father - on the Sea -

Or Father in the Firmamant -

Or Bretheren, had he -

If Commonwealth below,

Or Commonwealth above

Have missed a Barefoot Citizen -

I’ve ransomed it - alive -

Il raconta une histoire ordinaire

Marquée par ses larmes -

Sur son visage de bébé était gravée

La Cicatrice des années -

Toute fripée était la joue

Qui n’avait connu d’autre baiser

Que celui du flocon de neige, à partager avec

Le Rouge-gorge de la Grange -

Si sa Mère était - dans la Tombe -

Ou son Père - en Mer -

Ou son Père au Firmament -

Ou s’il avait, des Frères -

Si le Commonwealth d’ici-bas,

Ou le Commonwealth de l’au-delà

Ont perdu un Citoyen Va-nu-pieds -

J’ai payé sa rançon - il vit -

Poème 489, 1862

Faut-il s'identifier à autrui pour le comprendre ?

I measure every Grief I meet

With narrow, probing, eyes -

I wonder if It weighs like Mine -

Or has an Easier size -

I wonder if They bore it long -

Or did it just begin -

I could not tell the Date of Mine -

It feels so old a pain -

I wonder if it hurts to live -

And if They have to try -

And whether - could They choose between -

It would not be - to die -

I note that Some - gone patient long -

At length, renew their smile -

An imitation of a Light

That has so little Oil -

I wonder if when Years have piled -

Some Thousands - on the Harm -

That hurt them Early - such a lapse

Could give them any Balm -

Or would They go on aching still

Through Centuries of Nerve -

Enlightened to a larger Pain -

In Contrast with the Love -

The Grieved - are many - I am told -

There is the various Cause -

Death - is but one - and comes but once -

And only nails the Eyes -

There’s Grief of Want - and Grief of Cold -

A sort they call « Despair » -

There’s Banishment from native Eyes -

In sight of Native Air -

And though I may not guess the kind -

Correctly - yet to me

A piercing Comfort it affords

In passing Calvary -

To note the fashions - of the Cross -

And how they’re mostly worn -

Still fascinated to presume

That Some - are like my own -

À chaque fois que je rencontre un Chagrin

Je le mesure d’un œil minutieux, scrutateur -

Je me demande s’il pèse autant que le Mien -

Ou est moins Encombrant -

Je me demande s’ils le portent depuis longtemps -

Ou s’il vient de commencer -

Je ne pourrais Dater le Mien -

La souffrance paraît si ancienne -

Je me demande si ça fait mal de vivre -

Et s’ils doivent s’y essayer -

Et si des fois - Ils avaient le choix -

Ce n’est pas mourir - qu’ils prendraient -

Je note que d’Aucuns - ayant patienté longtemps -

Enfin, se remettent à sourire -

À la façon d’une Lampe qui s’étiole

Par manque d’Huile -

Je me demande si après que les Années se sont empilées -

Par Milliers - sur la Souffrance -

Qui les a frappées Précocement - tout ce temps

A pu faire office de Baume -

Ou s’ils continuent à souffrir

Durant des Siècles de Courage -

Révélation d’une Souffrance plus vaste encore -

Par Contraste avec l’Amour -

On me dit - que les Affligés - sont nombreux -

La Cause en est variée -

La Mort - n’en est qu’une - et ne vient qu’une fois -

Elle ne fait que clouer les Yeux -

Il y a le Tourment de la Misère - et le Tourment du Froid -

Une catégorie qu’ils nomment « Désespoir » -

Ou l’Exil loin des Yeux des siens -

En vue de son Pays -

Et bien que je ne devine pas toujours -

Correctement - de quelle sorte il s’agit - pourtant à moi

Cela me procure un Réconfort cuisant

Sur le trajet du Calvaire -

Noter les différentes sortes - de Croix -

Et les manières les plus courantes de les porter -

Toujours fascinée par l’idée

Que Certaines - ressemblent à la mienne -

Poème 550, 1863

La conscience fait-elle de l’homme une exception ? Le temps détruit tout? Tout s'en va-t-il avec le temps ? Que pouvons-nous savoir des autres ? Le bonheur est-il dans l'inconscience ?

Much Madness is divinest Sense -

To a discerning Eye -

Much Sense - the starkest Madness -

‘Tis the Majority

In this, as all, prevail -

Assent - and you are sane -

Demur - you’re straightway dangerous -

And handled with a Chain -

Une Folie totale est divine Santé mentale -

Pour un Oeil averti -

Une Santé mentale totale - Folie furieuse -

C’est la Majorité

Qui prévaut, ici, comme ailleurs -

Acquiescez - et vous êtes sain -

Déniez - vous êtes immédiatement dangereux -

Et Fou à lier -

Poème 620, 1863

La pluralité des opinions est-elle un obstacle à la vérité? Faut-il se méfier de la multiplicité des interprétations ? Faut-il s'identifier à autrui pour le comprendre ?

Growth of Man - like Growth of Nature -

Gravitates within -

Atmosphere, and Sun endorse it -

But it stir - alone -

Each - it’s difficult Ideal

Must achieve - Itself -

Through the solitary prowess

Of a Silent Life -

Effort - is the sole condition -

Patience of Itself -

Patience of opposing forces -

And intact Belief -

Looking on - is the Department

Of it’s Audience -

But Transaction - is assisted

By no Countenance -

La Croissance d’un Homme - comme la Croissance de la Nature -

Se fait par Gravitation interne -

L’Atmosphère, et le Soleil s’y associent -

Mais l’impulsion - ne vient que de lui -

Chacun - doit accomplir

Son Idéal difficile - Soi-même -

Grâce à la prouesse solitaire

D’une Vie de Silence -

L’Effort - est la seule condition -

La Patience envers Soi-même -

La Patience envers les forces adverses -

Et une Croyance intacte -

La Tâche du Public

C’est de regarder -

Mais dès qu’il y a - Transaction - il n’y a

Plus Personne pour aider -

Poème 790, 1863

La solitude est-elle sans valeur ? Est-on soi même ou le devient-on? Autrui m'apprend-il quelque chose sur moi-même ?

Experiment to me

Is every one I meet

If it contain a Kernel ?

The Figure of a nut

Presents opon a Tree

Equally plausibly

But meat within is requisite

To Squirrels and to me

Chaque être que je rencontre

Est une Expérience pour moi

Contient-il une Amande ?

La Forme d’une coquille

Qu’arbore un Arbre

Rend la chose plausible

Mais il est indispensable qu’il y ait dedans à manger

Pour les Écureuils et pour moi

Poème 1081, 1865

Pour aimer autrui faut-il le connaitre? Que pouvons-nous savoir des autres ? Que gagne-t-on à échanger ?

Reportless Subjects, to the Quick

Continual addressed -

But foreign as the Dialect

Danes, unto the rest.

Reportless Measures, to the Ear

Susceptive - stimulus -

But like an Oriental Tale

To others, fabulous -

On ne cesse d’aborder des Sujets

Tabous, avec les Esprits Vifs -

Mais ils restent étrangers

Comme le Dialecte des Danois, aux autres.

Des Cadences Tabous - stimulent

Une Oreille - Sensible -

Mais pour les autres, comme un Conte Oriental

Elles restent fabuleuses -

Poème 1118, 1865

Que pouvons-nous savoir des autres ? Que gagne-t-on à échanger ?

There is another Loneliness

That many die without -

Not want of friend occasions it

Or circumstance of Lot

But nature, sometimes, sometimes thought

And whoso it befall

Is richer than could be revealed

By mortal numeral -

Il est une autre Solitude

Que beaucoup meurent sans connaître -

Ce n’est pas manque d’ami

Ni circonstance du Sort

Mais tantôt la nature, tantôt la pensée

Et celui sur qui elle tombe

Est plus riche que ne pourraient le dévoiler

Les chiffres des mortels -

Poème 1138, 1867

Le bonheur est-il affaire privée? L'homme est-il chez lui dans la nature?

Tell all the truth but tell it slant -

Success in Circuit lies

Too bright for our infirm Delight

The Truth’s superb surprise

As Lightning to the Children eased

With explanation kind

The Truth must dazzle gradually

Or every man be blind -

Dites toute la vérité mais de façon oblique -

Le Succès s’affirme par des Voies détournées

Trop éblouissante pour notre Joie infirme

La surprise superbe de la Vérité

Doit comme l’Éclair pour les Enfants

Être adoucie par d’aimables explications

La Vérité doit éblouir graduellement

Sinon nous serions tous aveugles -

Poème 1263, 1872

Suffit-il de voir le meilleur pour le suivre ? Peut-on vouloir le bien sans le faire ? Le bonheur est-il dans l'inconscience ? Faut-il préférer le bonheur à la vérité ? N’y a-t-il aucune vérité dans le mensonge ? Ce qui est vrai en théorie peut-il être faux en pratique ? Toute violence est-elle sans raison? Pourquoi un acte est moral ? N’est-on responsable que de ses propres actes ?

Shame is the shawl of Pink

In which we wrap the Soul

To keep it from infesting Eyes -

The elemental Veil

Which helpless Nature drops

When pushed opon a scene

Repugnant to her probity -

Shame is the tint divine -

La Honte est ce châle de Rouge

Dans lequel on enveloppe l’Âme

Pour la protéger des Regards dévastateurs -

Le Voile élémentaire

Que Ia Nature impuissante étend

Quand elle est contrainte de jouer dans une scène

A laquelle sa probité répugne -

La Honte est la couleur divine -

Poème 1437, 1877

La détermination du bien n’est-elle qu’une affaire d’opinion ? Suffit-il de voir le meilleur pour le suivre ? Peut-on vouloir le bien sans le faire ? Parler d´actes inhumains a-t´il un sens? Comment définir le bien? La conscience fait-elle de l’homme une exception ? L’idée d’inconscient exclut-elle celle de liberté ? Admettre l'existence de l'inconscient est-ce rendre vain tout effort de lucidité à l'égard de soi même ? Le juste et l´injuste ne sont-ils que des conventions? Avons nous le choix d´être libre? L'idée d'une liberté totale a-t-elle un sens ? Quelle est la part de l´inné et de l´acquis dans le caractère? Pourquoi un acte est moral ?

To try to speak, and miss the way

And ask it of the Tears,

Is Gratitude’s sweet poverty -

The Tatters that he wears -

A better Coat if he possessed

Would help him to conceal,

Not subjugate, the Mutineer

Whose title is « the Soul » -

Essayer de parler, ne pas y parvenir

Et le faire dire aux Larmes,

C’est la douce pauvreté de la Gratitude -

Les Haillons quelle porte -

Un plus beau Manteau si elle en avait un

L‘aiderait à cacher,

Sans pour autant subjuguer le Mutin

Qu’on nomme « l’Ame » -

Poème 1629, 1884

Est-il nécessaire de parler pour être compris? Que pouvons-nous savoir des autres ?

ENTRÉES EMILY DICKINSON - OUTROS

Our share of night to bear -

Our share of morning -

Our blank in bliss to fill,

Our blank in scorning -

Here a star, and there a star,

Some lose their way !

Here a mist - and there a mist -

Afterwards - Day !

Notre part de nuit à porter -

Notre part de matin -

Remplir de félicité notre vide,

Ou de mépris -

Une étoile ici, une étoile là,

Certains s’égarent !

Une brume ici - une brume là -

Et après - le Jour !

Poème 116, 1859

Pouvons-nous passer á côté de notre vie? Qu'est-ce qui a du sens ?

Talk with prudence to a Beggar

Of « Potosi », and the mines !

Reverently, to the Hungry

Of your viands, and your wines !

Cautious, hint to any Captive

You have passed enfranchised feet !

Anecdotes of air, in Dungeons

Have sometimes proved deadly sweet !

Parlez avec prudence à un Mendiant

De « Potosi », et de ses mines d’or !

Avec onction, aux Affamés

De vos viandes, et de vos vins !

Avec précaution, suggérez à un Captif

Que vous avez rencontré des pieds sans chaîne !

Les anecdotes d’air libre, dans les Cachots

Se sont parfois montrées mortellement délicieuses !

Poème 118, 1859

Toute prise de conscience est-elle libératrice? Faut-il préférer le bonheur à la vérité ? Ce qui est vrai en théorie peut-il être faux en pratique ?

The Skies cant keep their secret !

They tell it to the Hills -

The Hills just tell the Orchards -

And they - the Daffodils !

A Bird - by chance - that goes that way -

Soft overhears the whole -

If I should bribe the little Bird -

Who knows but *she* would tell ?

I think I wont - however -

It’s finer - not to know -

If Summer were *an axiom* -

What sorcery had *snow* ?

So keep your secret - Father !

I would not - if I could -

Know what the Sapphire Fellows, do,

In your new-fashioned world !

Les Cieux ne peuvent garder leur secret !

Ils le racontent aux Collines -

Les Collines le racontent aux Vergers -

Et eux - aux Jonquilles !

Un Oiseau - par hasard - qui passait par là -

Surprend doucement toute l’histoire -

Si je soudoyais le petit Oiseau -

Qui sait si *lui* ne le raconterait pas ?

Je pense que je n’en ferai rien - pourtant -

Mieux vaut - ne pas savoir -

Si l’Été était *un axiome* -

Où serait la sorcellerie de la *neige* ?

Ainsi garde ton secret - Père

Même si je le pouvais - je ne voudrais pas savoir -

Ce que font les Créatures de Saphir,

Dans ton monde tout beau tout neuf !

Poème 213, 1861

N’y a-t-il aucune vérité dans le mensonge ? En quoi le sentiment esthétique se distingue-t-il du sentiment religieux ?

The nearest Dream recedes - unrealized -

The Heaven we chase -

Like the June Bee - before the School Boy -

Invites the Race -

Stoops - to an easy Clover -

Dips - evades - teazes - deploys -

Then - to the Royal Clouds

Lifts his light Pinnace -

Heedless of the Boy -

Staring - bewildered - at the mocking sky -

Homesick for steadfast Honey -

Ah - the Bee flies not

That brews that rare variety !

Le Rêve le plus proche s’éloigne - non exaucé -

Le Paradis que nous pourchassons -

Comme l’Abeille de Juin - devant l'Écolier -

Nous invite à la Course -

Elle s’abaisse - vers un Trèfle qui s’offre -

Plonge - s’évade - taquine - se déploie -

Puis - jusqu’aux Nuages Royaux

Soulève sa Barque légère -

Sans se soucier du Gamin -

Qui - ébahi - fixe le ciel moqueur -

Nostalgique d’un Miel constant -

Ah - elle n’existe pas l’Abeille

Qui distille cette variété rare !

Poème 304, 1862

Le désir peut-il se satisfaire de la réalité ? Peut-on désirer sans souffrir ?

I felt a Funeral, in my Brain,

And Mourners to and fro

Kept treading - treading - till it seemed

That Sense was breaking through -

And when they all were seated,

A Service, like a Drum -

Kept beating - beating - till I thought

My mind was going numb -

And then I heard them lift a Box

And creak across my Soul

With those same Boots of Lead, again,

Then Space - began to toll,

As all the Heavens were a Bell,

And Being, but an Ear,

And I, and Silence, some strange Race

Wrecked, solitary, here -

And then a Plank in Reason, broke,

And I dropped down, and down -

And hit a World, at every plunge,

And Finished knowing - then -

J’ai senti un Enterrement, dans mon Cerveau,

Et des gens en Deuil allaient et venaient

À pas lourds - lourds - incessants - au point qu’il me sembla

Que tout Sens explosait -

Et quand tous furent assis,

Un Service, comme un Tambour -

Martela - martela sans cesse - au point qu’il me sembla

Sentir mon esprit s’engourdir -

Et puis je les ai entendus soulever une Caisse

Et traverser mon Âme en grinçant

Avec, encore, ces mêmes Bottes de Plomb,

Puis l’Espace - se mit à sonner le glas,

Comme si tous les Cieux étaient une Cloche,

Et l’Être, rien qu’une Oreille,

Et Moi, et le Silence, une Race bizarre

Échouée, solitaire, ici -

Et puis une Planche de ma Raison, cassa,

Et je tombai, tombai encore -

Cognant un Monde, à chaque plongée,

Et alors - je Perdis connaissance -

Poème 340, 1862

La conscience fait-elle de l’homme une exception ? Admettre l'existence de l'inconscient est-ce rendre vain tout effort de lucidité à l'égard de soi même ? Le bonheur est-il affaire privée? Une connaissance scientifique du vivant est-elle possible?

I dreaded that first Robin, so,

But He is mastered, now,

I’m some accustomed to Him grown,

He hurts a little, though -

I thought if I could only live

Till that first Shout got by -

Not all Pianos in the Woods

Had power to mangle me -

I dared not meet the Daffodils -

For fear their Yellow Gown

Would pierce me with a fashion

So foreign to my own -

I wished the Grass would hurry -

So when ‘twas time to see -

He’d be too tall, the tallest one

Could stretch to look at me -

I could not bear the Bees should come,

I wished they’d stay away

In those dim countries where they go,

What word had they, for me ?

They’re here, though ; not a creature failed -

No Blossom stayed away

In gentle deference to me -

The Queen of Calvary -

Each one salutes me, as he goes,

And I, my childish Plumes,

Lift, in bereaved acknowledgement

Of their unthinking Drums -

J’avais tellement peur de la première Grive,

Mais je l’ai apprivoisée, maintenant,

Je me suis quelque peu accoutumée à Elle,

Elle fait un peu mal, cependant -

J’ai pensé que si je pouvais seulement vivre

Jusqu’à ce que passe ce premier Cri -

Tous les Pianos des Bois

Ne pourraient plus me lacérer -

Je n’ai pas osé rencontrer les Jonquilles -

De peur que leur Robe Jaune

me transperce d’une mode

Si étrangère à la mienne -

Je souhaitais que l’Herbe se hâte -

De sorte que quand viendrait le moment de voir -

Elle serait trop haute, la plus haute

Pourrait se hausser pour me regarder -

Je ne supportais pas que les Abeilles reviennent,

Je souhaitais qu’elles restent au loin

Dans ces pays obscurs où elles vont,

Que pouvaient-elles me dire ?

Elles sont ici, pourtant ; pas une créature ne manque à l’appel -

Nulle Fleur n’est restée

Par tendre déférence pour moi -

La Reine du Calvaire -

Chacune me salue, en passant,

Et Moi, je soulève mon Panache enfantin,

Avec une reconnaissance endeuillée

Pour leurs Tambours insouciants -

Poème 347, 1862

Le bonheur est-il affaire privée? Une connaissance scientifique du vivant est-elle possible?

It was not Death, for I stood up,

And all the Dead, lie down -

It was not Night, for all the Bells

Put out their Tongues, for Noon.

It was not Frost, for on my Flesh

I felt Siroccos - crawl -

Nor Fire - for just my marble feet

Could keep a Chancel, cool -

And yet, it tasted, like them all,

The Figures I have seen

Set orderly, for Burial,

Reminded me, of mine -

As if my life were shaven,

And fitted to a frame,

And could not breathe without a key,

And ‘twas like Midnight, some -

When everything that ticked - has stopped -

And Space stares - all around -

Or Grisly frosts - first Autumn morns,

Repeal the Beating Ground -

But, most, like Chaos - Stopless - cool -

Without a Chance, of spar -

Or even a Report of Land -

To justify - Despair.

Ce n’était pas la Mort, car j’étais debout,

Et tous les Morts, sont allongés -

Ce n’était pas la Nuit, car toutes les Cloches

Tiraient la Langue, pour sonner Midi.

Ce n’était pas le Gel, car sur ma Chair

Les Siroccos - rampaient -

Ni le Feu - car mes pieds de marbre à eux seuls

Auraient pu rafraîchir le Chœur d’une Cathédrale -

Et pourtant, ça avait le goût de tout ça,

Les Silhouettes que j’ai vues

Bien alignées, prêtes pour l’Enterrement,

Me faisaient penser, à la mienne -

Comme si ma vie était rasée,

Et ajustée dans un cadre,

Que je ne pouvais respirer sans une clé,

Et que c’était, un peu, comme Minuit -

Quand tout ce qui fait tic tac - s’est arrêté -

Et que l’espace dévisage - les alentours -

Ou que les gelées Effroyables - les premiers matins d’Automne,

Révoquent la Terre Palpitante -

Mais, surtout, comme le Chaos - sans Fin - glacé -

Sans un Espoir, sans un espar -

Ou même une Rumeur que la Terre est proche -

Pour justifier - le Désespoir.

Poème 355, 1862

Une connaissance scientifique du vivant est-elle possible?

I found the words to every thought

I ever had - but One -

And that - defies Me -

As a Hand did try to chalk the Sun

To Races - nurtured in the Dark -

How would your Own — begin ?

Can Blaze be shown in Cochineal -

Or Noon - in Mazarin ?

J’ai trouvé les mots pour chaque pensée

Que j’eus jamais - sauf Une -

Et cela - Me défie -

Comme une Main qui tenterait l’ébauche du Soleil

Pour des Races - élevées dans le Noir -

Comment commencerais-tu - la Tienne ?

L’Écarlate peut-il rendre le Flamboiement -

L’Outremer - le Midi ?

Poème 436, 1862

Le language trahit-il la pensée? Y a-t-il des choses que le langage ne puisse dire ?

A Prison gets to be a friend -

Between it’s Ponderous face

And Our’s - a Kinsmanship express -

And in it’s narrow Eyes -

We come to look with gratitude

For the appointed Beam

It deal us - stated as Our food -

And hungered for - the same -

We learn to know the Planks -

That answer to Our feet -

So miserable a sound - at first -

Nor even now - so sweet -

As plashing in the Pools -

When Memory was a Boy -

But a Demurer Circuit -

A Geometric Joy -

The Posture of the Key

That interrupt the Day

To Our Endeavor - Not so real

The Cheek of Liberty -

As this Phantasm steel -

Whose features - Day and Night -

Are present to us - as Our Own -

And as escapeless - quite -

The narrow Round - the stint -

The slow exchange of Hope -

For something passiver - Content

Too steep for looking up -

The Liberty we knew

Avoided - like a Dream -

Too wide for any night but Heaven -

If That - indeed - redeem -

Une Prison devient une amie -

Entre son visage de Plomb

Et le Nôtre - on trouve un air de Famille -

Et dans la fente de ses Yeux -

Nous en venons à chercher avec gratitude

Le Rayon assigné

Quelle nous fournit - réglé comme Notre nourriture -

Et qu’on attend - avec le même appétit -

On apprend à connaître les Planches -

Qui répondent sous Nos pieds -

Bruit horriblement triste - au début -

Et même maintenant - guère plaisant -

Comme les éclaboussements des Étangs -

De nos Souvenirs d’Enfants -

C’est un Circuit plus Sage -

Une Joie Géométrique -

La Position de la Clé

Qui interrompt le Jour

De Notre Tentative - la Joue de la Liberté

Est moins réelle -

Que ce Fantasme d’acier -

Dont les traits - Jour et Nuit -

Sont devant nous - comme nos Propres Traits -

Et auquel on ne peut - davantage - échapper -

La Ronde exiguë - les restrictions -

Le lent échange de l’Espoir -

Pour quelque chose de plus passif - une Résignation

Trop formidable pour relever la tête -

La Liberté qu’on a connue

Évitée - comme un Rêve -

Trop vaste pour toute nuit excepté celle du Ciel -

Si tant est - qu’on trouve là-haut - la rédemption -

Poème 456, 1862

Notre liberté de pensée a-t-elle des limites ?

Fame of Myself, to justify,

All other Plaudit be

Superfluous - An Incense

Beyond Nescessity -

Fame of Myself to lack - Although

My Name be else supreme -

This were an Honor honorless -

A futile Diadem -

Si je peux à Moi-même justifier, la Renommée que j’ai,

Tous les autres Applaudissements sont

Superflus - Encens

Parfaitement Inutile -

Si cette Renommée que j’ai, je ne Me la reconnais pas - Bien que

Mon Nom soit célébré ailleurs -

C’est un Honneur sans honneur -

Un Diadème futile -

Poème 481, 1862

La vérité dépend-elle de nous? A quoi peut-on reconnaître la vérité? La pluralité des opinions est-elle un obstacle à la vérité? Ce qui est vrai en théorie peut-il être faux en pratique ?

My Faith is Jarger than the Hills -

So when the Hills decay -

My Faith must take the Purple Wheel

To show the Sun the way -

‘Tis first He steps opon the Vane -

And then - opon the Hill -

And then abroad the World He go

To do His Golden Will -

And if His Yellow feet should miss -

The Bird would not arise -

The Flowers would slumber on their Stems -

No Bells have Paradise -

How dare I, therefore, stint a faith

On which so vast depends -

Lest Firmament should fail for me -

The Rivet in the Bands

Ma Foi est plus vaste que les Collines -

De sorte que lorsque les Collines s’effriteront -

Ma Foi devra prendre la Roue de Pourpre

Pour montrer le chemin au Soleil -

Qui d’abord saute sur la Girouette -

Et puis - sur la Colline -

Et puis II parcourt le Monde

Pour n’en faire qu’à Sa Volonté Dorée -

Et si Ses pieds Jaunes nétaient pas au rendez-vous -

L’Oiseau ne se lèverait pas -

Les Fleurs sommeilleraient sur leur Tige -

On manque de Cloches au Paradis -

Comment oserais-je, par conséquent, lésiner sur une foi

Dont tant dépend -

De peur que le Firmament me fasse défaut -

Rivet des Mécanismes

Poème 489, 1862

L’homme a-t-il nécessairement besoin de religion ?

It might be lonelier

Without the Loneliness -

Fm so accustomed to my Fate -

Perhaps the Other - Peace -

Would interrupt the Dark -

And crowd the little Room -

Too scant - by Cubits - to contain

The Sacrament - of Him -

I am not used to Hope -

It might intrude opon -

It’s sweet parade - blaspheme the place -

Ordained to Suffering -

It might be easier

To fail - with Land in Sight -

Than gain - my Blue Peninsula -

To perish - of Delight -

Ce serait peut-être plus solitaire encore

Sans la Solitude -

J’ai tellement l’habitude de mon Sort -

Que l’Autre - la Paix -

Pourrait interrompre les Ténèbres -

Et encombrer la petite Chambre -

Trop minuscule - et de Loin - pour Le contenir

Lui - ce Sacrement -

Je n’ai pas l’habitude de l’Espoir -

II pourrait faire intrusion -

Et sa jolie parade - profaner le lieu -

Consacré à la Souffrance -

Ce serait peut-être plus facile

D’échouer - avec la Terre en Vue -

Que d’obtenir - ma Péninsule Bleue

Pour mourir - de Plaisir -

Poème 535, 1863

Le bonheur est-il dans l'inconscience ?

I prayed, at first, a little Girl,

Because they told me to -

But stopped, when qualified to guess

How prayer would feel - to me -

If I believed God looked around,

Each time my Childish eye

Fixed full, and steady, on his own

In Childish honesty -

And told him what I’d like, today,

And parts of his far plan

That baffled me -

The mingled side

Of his Divinity -

And often since, in Danger,

I count the force ‘twould be

To have a God so strong as that

To hold my life for me

Till I could take the Balance

That tips so frequent, now,

It takes me all the while to poise -

And then - it does’nt stay -

Petite Fille, je priais, d’abord,

Parce qu’on m’avait dit de le faire -

Mais je cessai quand je fus apte à deviner

Ce que - moi - je ressentirais en priant -

Si je croyais que Dieu se retournait,

Chaque fois que mon oeil d’Enfant

Le fixait, droit dans les yeux, sans ciller

Avec l’honnêteté des Enfants -

Et que je lui racontais ce qui me ferait plaisir, aujourd’hui,

Et tout ce qui me déconcertait

De ses plans à long terme -

Et du caractère complexe

De sa Divinité -

Et souvent depuis, dans le Danger,

Je calcule la force que ce serait

D’avoir un Dieu si puissant

Qu’il pourrait soutenir ma vie pour moi

Jusqu’à ce que je réussisse à mettre d’aplomb la Balance

Qui chavire si souvent, maintenant,

Que ça me prend un temps fou pour l’équilibrer -

Et puis - ça ne tient pas -

Poème 546, 1863

L’homme a-t-il nécessairement besoin de religion ?

There is a Languor of the Life

More imminent than Pain -

‘Tis Pains Successor - When the Soul

Has suffered all it can -

A Drowsiness - diffuses -

A Dimness like a Fog

Envelopes Consciousness -

As Mists - obliterate a Crag.

II y a une Langueur dans la Vie

Plus menaçante que la Douleur -

C’est ce qui Succède à la Douleur - Quand l’Âme

A enduré tout ce qu’elle peut souffrir -

Une Somnolence - se diffuse -

Un Flou comme du Brouillard

Enveloppe la Conscience -

Comme les Brumes - oblitèrent un Rocher.

Poème 552, 1863

La conscience fait-elle de l’homme une exception ?

Of Course - I prayed -

And did God Care ?

He cared as much as on the Air

A Bird - had stamped her foot -

And cried « Give Me » -

My Reason - Life -

I had not had - but for Yourself -

‘Twere better Charity

To leave me in the Atoms Tomb -

Merry, and nought, and gay, and numb -

Than this smart Misery.

Bien Sûr - que je priais -

Dieu s’en est-il Soucié ?

II s’en souciait autant que d’un Oiseau

Qui aurait tapé du pied - en plein Vol -

Et crie « Donne-Moi » -

Ma Raison - la Vie -

Je ne les aurais pas eues - sans Vous -

II eût été plus Charitable

De me laisser dans la Tombe de l’Atome -

Joyeuse, inexistante, gaie, engourdie -

Plutôt que cette poignante Souffrance.

Poème 581, 1863

La conscience fait-elle de l’homme une exception ? Qu'est-ce qui a du sens ?

To lose One’s faith - surpass

The loss of an Estate -

Because Estates can be

Replenished - faith cannot -

Inherited with Life -

Belief - but once - can be -

Annihilate a single clause -

And Being’s - Beggary -

Perdre Sa foi - surpasse

La perte d’un Domaine -

Car on peut réapprovisionner

Son Domaine - la foi on ne peut pas -

On en hérite avec la Vie -

On ne peut croire - qu’une fois -

Annihilez une seule clause -

Et l’Être se transforme - en Mendiant -

Poème 632, 1863

L’homme a-t-il nécessairement besoin de religion ?

A Thought went up my mind today -

That I have had before -

But did not finish - some way back -

I could not fix the Year -

Nor Where it went - nor why it came

The second time to me -

Nor definitely, what it was -

Have I the Art to say -

But somewhere - in my soul - I know -

I’ve met the Thing before -

It just reminded me - ‘twas all -

And came my way no more -

Une Pensée m’est venue aujourd’hui -

Que j’avais déjà eue -

Mais qui était restée incomplète - il y a quelque temps -

Je ne saurais retrouver l’Année -

Ni Ou elle est passée - ni pourquoi elle m’est

Revenue à l’esprit -

Ni précisément, ce qu’elle était -

Le Talent me manque pour le dire -

Mais quelque part - dans mon âme - je sais -

Que je L’ai déjà rencontrée -

Ça m’a juste rappelé quelque chose - c’est tout -

Qui n’est jamais revenu -

Poème 731, 1863

Suis-je le sujet de mes pensées ?

Grief is a Mouse -

And chooses Wainscot in the Breast

For His shy House -

And baffles quest -

Grief is a Thief - quick startled -

Pricks His Ear - report to hear

Of that Vast Dark -

That swept His Being - back -

Grief is a Juggler - boldest at the Play -

Lest if He flinch - the eye that way

Pounce on His Bruises - One - say - or Three -

Grief is a Gourmand - spare His luxury -

Best Grief is Tongueless - before He’ll tell -

Burn Him in the Public square -

His Ashes - will

Possibly - if they refuse - How then know -

Since a Rack could’nt coax a syllable - now

Le Chagrin est une Souris -

Qui choisit les Lambris du Coeur

Pour y faire Son timide Logis -

Et déroute les recherches -

Le Chagrin est un Voleur - qui vite s’alarme -

Dresse l’Oreille - pour entendre la rumeur

De ces Vastes Ténèbres -

Qui firent refluer - Son Être -

Le Chagrin est un Jongleur - au Jeu fort téméraire -

Craignant qu’à la moindre défaillance - l’oeil s’étant détourné

On se jette sur Ses Plaies - à Un - voire - à Trois -

Le Chagrin est Gourmand - accordez-lui Son luxe -

Le Chagrin suprême est Muet - avant qu’il parle -

Brûlez-Le sur la place Publique -

Ses Cendres - le feront

Peut-être - à moins qu’elles ne refusent - Comment savoir alors -

Puisqu’un Chevalet de torture et ses cajoleries n’ont pu lui tirer une syllabe - jusqu’à présent

Poème 753, 1863

Le bonheur est-il affaire privée? Le bonheur est-il dans l'inconscience ? Est-ce illusoire de chercher á être heureux?

Four Trees - opon a solitary Acre -

Without Design

Or Order, or Apparent Action -

Maintain -

The Sun - opon a Morning meets them -

The Wind -

No nearer Neighbor - have they -

But God -

The Acre gives them - Place -

They - Him - Attention of Passer by -

Of Shadow, or of Squirrel, haply -

Or Boy -

What Deed is Their’s unto the General Nature -

What Plan

They severally - retard - or further -

Unknown -

Quatre Arbres - sur un Terrain solitaire -

Sans Plan

Ni Ordre, ni Action Apparente -

Maintiennent -

Le Soleil - un Matin les rencontre -

Le Vent -

Ils n’ont pas de Voisin - plus proche -

Que Dieu -

Le Terrain leur donne - un Emplacement -

Eux - Lui donnent - l’Attention du Passant -

De l’Ombre, d’un Écureuil, peut-être -

Un Gamin -

Quel est Leur Impact sur la Nature en Général -

Quel Plan

Chacun d’eux - retarde - ou développe-t-il -

Nul ne sait -

Poème 778, 1863

L'homme est-il chez lui dans la nature?

The Heart has narrow Banks

It measures like the Sea

In mighty - unremitting Bass

And Blue monotony

Till Hurricane bisect

And as itself discerns

It’s insufficient Area

The Heart convulsive learns

That Calm is but a Wall

Of Unattempted Gauze

An instant’s Push demolishes

A Questioning - dissolves.

Le Coeur a des Rivages étroits

On le mesure comme la Mer

En Basse continue - puissante

Et monotonie Bleue

Jusqu’à ce qu’un Ouragan le coupe en deux

Et comme lui-même discerne

L’insufisance de son Territoire

Le Coeur apprend dans les convulsions

Que le Calme n’est qu’une Paroi

De Gaze Non éprouvée

Que la Poussée d’un instant démolit

Qu’un Questionnement - dissout.

Poème 960, 1865

Que suis-je par rapport à mon corps ?Quelle différence peut-on faire entre l'esprit et le corps ?

Faith - is the Pierless Bridge

Supporting what We see

Unto the Scene that We do not -

Too slender for the eye

It bears the Soul as bold

As it were rocked in Steel

With Arms of steel at either side -

It joins - behind the Vail

To what, could We presume

The Bridge would cease to be

To Our far, vascillating Feet

A first Nescessity.

La Foi - est le Pont sans Jetée

Qui supporte ce que Nous voyons

Jusqu’à la Scène que Nous ne voyons pas -

Trop ténue pour être visible

II soutient l’Âme aussi fermement

Que si ses fondations étaient d’Acier

Avec des Bras d’acier de chaque côté -

II se joint - derrière le Voile

À ce qui, pourrait-On le supposer

Serait la fin du Pont

Nécessité première

De Nos Pieds vacillants, après leur long voyage.

Poème 978, 1865

L’homme a-t-il nécessairement besoin de religion ?

My best Acquaintances are those

With Whom I spoke no Word -

The Stars that stated come to Town

Esteemed Me never rude

Although to their Celestial Call

I failed to make reply -

My constant - reverential Face

Sufficient Courtesy -

Mes Connaissances préférées sont celles

Avec Qui je n’ai échangé nulle Parole -

Les Étoiles qui viennent en Ville en grande pompe

Jamais n’ont trouvé que J’étais impolie

Même si à leur Visite Céleste

Je n’ai pas répondu -

Mon Visage constant - déférent

Courtoisie Suffisante -

Poème 1062, 1865

L'homme est-il chez lui dans la nature?

When I have seen the Sun emerge

From His amazing House -

And leave a Day at every Door

A Deed, in every place -

Without the incident of Fame

Or accident of Noise -

The Earth has seemed to me a Drum,

Pursued of little Boys

Quand j’ai vu le Soleil émerger

De Sa stupéfiante Maison -

Pour laisser un Jour à chaque Porte

Une Action, en chaque lieu -

Sans le moindre incident comme la Gloire

Ni accident comme le Bruit -

La Terre m’est apparue comme un Tambour,

Derrière lequel courent des Gamins

Poème 1095, 1865

L'homme est-il chez lui dans la nature?

These are the Signs to Nature’s Inns -

Her invitation broad

To Whosoever famishing

To taste her mystic Bread -

These are the rites of Nature’s House -

The Hospitality

That opens with an equal width

To Beggar and to Bee

For Sureties of her staunch Estate

Her undecaying Cheer

The Purple in the East is set

And in the North, the Star -

Voici les Enseignes des Auberges de la Nature -

Généreuse invitation

À Quiconque meurt de faim

De goûter son Pain mystique -

Voici les rites de la Maison de la Nature -

L’Hospitalité

Qui ouvre ses portes aussi largement

À l’Abeille et au Mendiant

Comme Garanties de la solidité de son Domaine

De sa Gaieté indéfectible

Elle dresse une table Pourpre à l’Est

Et au Nord, l’Étoile

Poème 1106, 1865

L'homme est-il chez lui dans la nature?

Gratitude - is not the mention

Of a Tenderness,

But it’s still appreciation

Out of Plumb of speech -

When the Sea return no Answer

By the Line and Lead

Proves it there’s no Sea, or rather

A remoter Bed ?

La Gratitude - ne se fait pas connaître

En disant qu’on Aime,

Mais par l’appréciation silencieuse

Trop Profonde pour la Parole -

Quand la Mer ne Répond pas

À la Sonde

Cela prouve-t-il qu’il n’y a pas de Mer, ou plutôt

Qu’est plus loin encore - le Fond ?

Poème 1120, 1865

Est-il nécessaire de parler pour être compris? Y a-t-il des choses que le langage ne puisse dire ?

We introduce ourselves

To Planets and to Flowers

But with ourselves

Have etiquettes

Embarrassments

awes

Nous nous présentons

Aux Planètes et aux Fleurs

Mais entre nous

Règnent des protocoles

Gênes

Et effrois

Poème 1184, 1870

L'homme est-il chez lui dans la nature? Peut-on être soi-même devant les autres ?

He preached opon « Breadth » till it argued him narrow -

The Broad are too broad to define

And of « Truth » until it proclaimed him a Liar -

The Truth never flaunted a Sign -

Simplicity fled from his counterfeit presence

As Gold the Pyrites would shun -

What confusion would cover the innocent Jesus

To meet so enabled a Man !

II prêcha sur la « Largeur d’esprit » jusqu’à être coincé par son argumentation -

La Largeur est trop large pour être enfermée dans une définition

Puis sur la « Vérité » jusqu’à ce qu’elle crie haut et fort qu’il était un Menteur -

La Vérité n’a jamais parade avec une Banderole -

La Simplicité a fui cette présence où tout était faux

Comme l’Or tournerait le dos aux Pyrites -

L’innocent Jésus rougirait de confusion

S’il rencontrait un Homme aussi doué !

Poème 1184, 1870

La conscience de l’individu n’est-elle que le reflet de la société à laquelle il appartient ?  
A quoi peut-on reconnaître la vérité?

A Deed knocks first at Thought

And then - it knocks at Will -

That is the manufactoring spot

And Will at Home and well

It then goes out an Act

Or is entombed so still

That only to the Ear of God

It’s Doom is audible -

Un Acte frappe en premier chez la Pensée

Puis - chez la Volonté -

Lieu de la fabrication

Si la Volonté est Là et saine

II sort et devient Action

Ou bien est enterré en un tel silence

Que sa Destinée est audible

Seulement à l’Oreille de Dieu -

Poème 1294, 1873

Exister, est-ce agir ?

In many and reportless places

We feel a Joy -

Reportless, also, but sincere as Nature

Or Deity -

It comes, without a consternation -

Dissolves - the same -

But leaves a sumptuous Destitution -

Without a Name -

Profane it by a search - we cannot -

It has no home -

Nor we who having once waylaid it -

Thereafter roam.

En mains lieux dont on ne peut rendre compte

Nous ressentons une Joie -

Dont on ne peut pas davantage rendre compte, mais sincère comme la Nature

Ou la Divinité -

Elle arrive, sans accablement -

S’évanouit - pareillement -

Mais laisse une Destitution somptueuse -

Qui reste Innommée -

Une recherche la profanerait - impossible -

Elle n’a pas de logis -

Nous non plus qui lui ayant tendu un piège -

Errons dorénavant.

Poème 1404, 1876

Est-ce illusoire de chercher á être heureux? Y a-t-il des choses que le langage ne puisse dire ? L´esprit a-t-il accès aux choses?

Incredible the Lodging

But limited the Guest

La Demeure est incroyable

Mais l’Invité limité

Poème 1452, 1877

Toute prise de conscience est-elle libératrice? La vérité dépend-elle de nous? A quoi peut-on reconnaître la vérité?

How brittle are the Piers

On which our Faith doth tread -

No Bridge below doth totter so -

Yet none hath such a Crowd.

It is as old as God -

Indeed - ‘twas built by him -

He sent his Son to test the Plank -

And he pronounced it firm.

Comme elles sont fragiles, les Jettées

Sur lesquelles pourtant notre Foi marche à grands pas -

Aucun Pont ici-bas n’est à ce point branlant -

Pourtant sur aucun ne se presse une telle Foule.

Il est aussi vieux que Dieu -

D’ailleurs - c’est lui qui l’a construit -

Il a envoyé son Fils pour tester la Planche -

Qui les a déclarées solides.

[Traduction de Françoise Delphy modifiée par Pierre Schindler]

Poème 1459, 1878

L’homme a-t-il nécessairement besoin de religion ? Peut-on croire sans savoir ? Y a-t-il d’autres moyens que la démonstration pour établir une vérité ? Peut-on être sûr d’avoir raison ?

A Counterfeit - a Plated Person -

I would not be -

Whatever Strata of Iniquity

My Nature underlie -

Truth is good Health - and Safer Safety, and the Sky -

How meagre, what an Exile - is a Lie,

And Vocal - when we die -

Du Toc - du Plaqué -

J’ai toujours refusé d’être cela -

Quelles que soient les Strates d’Iniquité

Qui font partie de ma Nature -

La Vérité c’est la Santé - la Sécurité, et le Ciel -

Comme c’est maigre - quel Exile - un Mensonge,

Et si Audible - quand on meurt -

[Traduction de Françoise Delphy modifiée par Pierre Schindler]

Poème 1514, 1879

La vérité dépend-elle de nous? A quoi peut-on reconnaître la vérité? Quel besoin avons-nous de chercher la vérité ? N’y a-t-il aucune vérité dans le mensonge ?

I do not care - why should I care

And yet I fear I’m caring

To rock a fretting truth to sleep -

Is short security

The terror it will wake

Persistent as perdition

Is harder than to face

The frank adversity -

Peu m’importe - pourquoi cela m’importerait-il

Et pourtant cela m’importe, j’en ai peur

Bercer une vérité chagrine pour quelle s’endorme -

N’offre qu’un court répit

La terreur qui se réveillera

Persistante comme la perdition

Est plus pénible que d’affronter

Une franche adversité -

Poème 1534, 1880

Faut-il préférer le bonheur à la vérité ? N’y a-t-il aucune vérité dans le mensonge ?

The Life that tied too tight escapes

Will ever after run

With a prudential look behind

And spectres of the Rein -

The Horse that scents the living Grass

And sees the Pastures smile

Will be retaken with a shot

If he is caught at all -

La Vie qui, attachée trop serré, s’échappe

Fuira à jamais

Jetant derrière elle un coup d’œil prudent

Voyant des fantômes de Brides partout -

Le Cheval qui hume l’Herbe vivante

Et voit sourire les Prairies

Sera repris d’un coup de feu

Si jamais on l’attrape -

Poème 1555, 1881

Pourquoi voulons-nous être libres ?

How much of Source escapes with thee -

How chief thy sessions be -

For thou hast borne a universe

Entirely away.

Quelle quantité de la Source s’échappe avec toi -

Quelle est la la suprématie de tes comités -

Car en partant tu as emporté avec toi

Tout un univers.

Poème 1567, 1881

Que nous apprend la mort?

Apparently with no surprise

To any happy Flower

The Frost beheads it at it’s play -

In accidental power -

The blonde Assassin passes on -

The Sun proceeds unmoved

To measure off another Day

For an Approving God -

Apparemment sans surprise

Pour une Fleur heureuse

Le Gel la décapite par jeu -

Accident du pouvoir -

L’Assassin blond passe son chemin -

Le Soleil indifférent continue

À mesurer un autre Jour

Pour un Dieu qui l’Approuve -

Poème 1668, 1880

Qu'est-ce qui a du sens ?

Some one prepared this mighty show

To which without a Ticket go

The nations and the Days -

Displayed before the simplest Door

That all may examine them - and more

Quelqu’un a préparé cette parade impressionnante

À laquelle se rendent sans Ticket

Les nations et les Jours -

Étalée devant la Porte la plus humble

Afin que tous puissent regarder - et plus

En quoi le sentiment esthétique se distingue-t-il du sentiment religieux ?

Poème 1678, 1885

The Ditch is dear to the Drunken man

For is it not his Bed - his Advocate - his Edifice -

How safe his fallen Head

In her disheveled Sanctity -

Above him is the sky -

Oblivion bending over him

And Honor leagues away -

Le Fossé est cher à l’Homme ivre

Car n’est-il pas son Lit - son Conseiller - sa Résidence -

Comme sa Tête déchue est en sécurité

Dans ce Sanctuaire touffu -

Au-dessus de lui est le ciel -

L’Oubli penché sur lui

Et l’Honneur à des lieues d’ici -

X

Poème 1679, 1885

The gleam of an heroic act

Such strange illumination

The Possible’s slow fuse is lit

By the Imagination

L’éclat d’un acte héroïque

Bien étrange illumination

La mèche paresseuse du Possible est mise à feu

Par l’Imagination

X

Poème 1686, Undated

Beauty crowds me till I die

Beauty mercy have on me

But if I expire today

Let it be in sight of thee -

De Beauté submergée jusqu’à ma mort

Beauté, aie pitié de moi

Mais si j’expire aujourd’hui

Que ce soit en te regardant -

X

Poème 1687, undated

To tell the Beauty would decrease

To state the spell demean

There is a syllableless Sea

Of which it is the sign

My will endeavors for it’s word

And fails, but entertains

A Rapture as of Legacies -

Of introspective mines -

Dire la Beauté l’amoindrait

Énoncer la magie la gâterait

Il y a un Océan de non-dit

Dont elle est le symbole

Ma volonté cherche ses mots

Et échoue, mais ressent

Un Ravissement, Héritage -

De ces mines introspectives -

Y a-t-il des choses que le langage ne puisse dire ?

La beauté est elle promesse de bonheur ?

Poème 1689, Undated

The Blunder is in estimate

Eternity is there

We say as of a Station

Meanwhile he is so near

He joins me in my Ramble

Divides abode with me

No Friend have I that so persists

As this Eternity

L’Erreur est dans l’estimation

L'éternité est là

Dit, comme si c’était un État

Tandis qu’elle est si proche

Qu’elle Vagabonde avec moi

Qu’elle partage mon toit

Je n’ai pas d’Amie aussi tenace

Que cette Éternité

Le temps est-il la limite de l’homme ?

Poème 1690, Undated

Volcanoes be in Sicily

And South America

I judge from my Geography

Volcano nearer here

A Lava step at any time

Am I inclined to climb

A Crater I may contemplate

Vesuvius at Home

On trouve les Volcans en Sicile

Et en Amérique du Sud

M’indique ma Géographie

Il est des Volcans plus près d’ici

Je grimpe une marche de Lave

À n’importe quel moment si l’envie me prend

Je peux contempler un cratère

J’ai le Vésuve à la Maison

X

Poème 1691, Undated

Speech is one symptom of affection

And Silence one -

The perfectest communication

Is heard of none

Exists and it’s indorsement

Is had within -

Behold said the Apostle

Yet had not seen !

La parole est un symptôme de l’affection

Le Silence en est un autre -

La communication la plus parfaite

Personne ne l’entend

Elle existe et

C’est l’adhésion du cœur -

Admirez, dit l’Apôtre,

Qui n’avait pas vu et pourtant !

Le language trahit-il la pensée?

Y a-t-il des choses que le langage ne puisse dire ?

Est-il nécessaire de parler pour être compris?

Poème 1694, Undated

I see thee clearer for the Grave

That took thy face between

No mirror could illumine thee

Like that impassive stone -

I know thee better for the act

That made thee first unknown

The stature of the empty nest

Attests the Bird that’s gone

Je te vois plus clairement grâce à la Tombe

Qui s’est interposée entre ton visage et moi

Aucun miroir ne pourrait t’illuminer

Comme cette pierre impassible

Je te connais mieux grâce à l’acte

Qui d’abord fit de toi un inconnu

La stature du nid vide

Atteste de l’Oiseau disparu

X

Poème 1695, Undated

There is a solitude of space

A solitude of sea

A solitude of Death, but these

Society shall be

Compared with that profounder site

That polar privacy

A soul admitted to itself -

Il est une solitude de l’espace

Une solitude de la mer

Une solitude de la Mort, mais

Tout cela ne sera que mondanités

Comparé à ce site plus profond

La polaire intimité

D’une âme qui s’accueille elle-même -

La solitude est-elle sans valeur ?

Poème 1696, Undated

Peril as a Possession

‘Tis good to bear

Danger disintegrates satiety

There’s Basis there -

Begets an awe

That searches Human Nature’s creases

As clean as Fire

Le Péril comme Possession

C’est bon

Le Danger désintègre la satiété

C’est du Solide -

II engendre une terreur sacrée

Qui fouille les replis de la Nature Humaine

Et tel un Feu la purifie

Le passionné est-il ennemi de lui-même ?

Poème 1699, Undated

Glory is that bright tragic thing

That for an instant

Means Dominion

Warms some poor name

That never felt the Sun

Gently replacing

In oblivion -

La Gloire est cette chose brillante et tragique

Qui pendant un instant

Nous rend Maître du Monde

Réchauffe quelque pauvre nom

Qui n’avait jamais pris le Soleil

Puis le replace doucement

Dans l’oubli -

Le temps détruit tout?

Poème 1700, Undated

Fame is a fickle food

Upon a shifting plate

Whose table once a

Guest but not

The second time is set

Whose crumbs the crows inspect

And with ironic caw

Flap past it to the

Farmer’s corn

Men eat of it and die

La Célébrité est une nourriture volage

Sur une assiette instable

Qui vous invite une fois

Mais pas deux

À sa table

Les corneilles en inspectent les miettes

Et avec un croassement ironique

D’un coup d’aile les dédaignent

Préférant le blé du Fermier

Les Hommes en mangent et meurent

X

Poème 1702, Undated

Down Time’s quaint stream

Without an oar

We are enforced to sail

Our Port a secret

Our Perchance a Gale

What Skipper wrould

Incur the Risk

What Buccaneer would ride

Without a surety from the Wind

Or Schedule of the Tide -

Au fil du fleuve insolite du Temps

Sans rame

Sommes contraints de voguer

Notre Port, un secret

Notre Aléa, une Bourrasque

Quel Capitaine

Courrait le Risque

Quel Flibustier prendrait la mer

Sans se prémunir contre le Vent

Ou connaître l’horaire des Marées -

La chance existe t-elle?

Poème 1721, Undated

If I could tell how glad I was

I should not be so glad -

But when I cannot make the Force

Nor mould it into word

I know it is a sign

That new Dilemma be

From mathematics further off

Than from Eternity

Si je pouvais dire combien j’étais heureuse

Je ne serais pas si heureuse -

Mais quand je ne sais comment en rendre la Force

Ni comment le glisser dans le moule du mot

Je sais que c’est un signe

D’un nouveau Dilemme

Plus éloigné des mathématiques

Que de l’Éternité

Y a-t-il des choses que le langage ne puisse dire ?

Y a-t-il des questions auxquelles aucune science ne répond ?

Une connaissance scientifique du vivant est-elle possible?

Poème 1725, Undated

The right to perish might be thought

An undisputed right

Attempt it, and the Universe

Upon the opposite

Will concentrate it’s officers

You cannot even die

But nature and mankind must pause

To pay you scrutiny -

On pourrait penser que le droit de périr

Est un droit inaliénable

Tentez de le faire, et l’Univers

Concentrera ses officiers

Pour le contrarier -

Vous ne pouvez même pas mourir

Sans que la nature et l’humanité s’arrêtent

Pour vous dévisager -

Être libre, est-ce ne rencontrer aucun obstacle ?

L'idée d'une liberté totale a-t-elle un sens ?

Poème 1726, Undated

The Hills erect their Purple Heads

The Rivers lean to see

Yet man has not of all the Throng

A Curiosity

Les Collines redressent leur Pourpres Têtes

Les Rivières se penchent pour voir

Pourtant dans cette Foule seul l’homme

N’a aucune Curiosité

En général quand une chose devient utile cesse-t'elle d être belle ?

Poème 1728, Undated

His mind of man, a secret makes

I meet him with a start

He carries a circumference

In which I have no part

Or even if I deem I do

He otherwise may know

Impregnable to inquest

However neighborly -

Son esprit fait d’un homme un secret

Qui me fait sursauter quand je le rencontre

Il porte en lui une circonférence

Où je n’ai pas ma place

Ou même si je crois l’avoir

Qu’il sache néanmoins

Quelle résiste à l’inquisition

Même celle d’un familier -

Que pouvons-nous savoir des autres ?

Faut-il s'identifier à autrui pour le comprendre ?

Poème 1730, Undated

Eden is that old fashioned House

We dwell in every day

Without suspecting our abode

Until we drive away

L’Éden est cette Maison vieillotte

Où nous habitons tous les jours

Sans que ce logis éveille nos soupçons

Jusqu’à ce qu’une voiture nous emmène

Exister est-ce profiter de l'instant présent?  
Risquons nous de passer á côté de notre vie?  
Que nous apprend la mort?

Poème 1734, Undated

Advance is Life’s condition

The Grave but a Relay

Supposed to be a terminus

T’hat makes it hated so -

The Tunnel is not lighted

Existence with a wall

Is better we consider

Than not exist at all -

Avancer est la condition de la Vie

La Tombe n’est qu’un Relais

Qu’on croit être un terminus

Ce qui la rend si détestable -

Le Tunnel n’est pas éclairé

L’Existence avec un mur au bout

Est supérieure, pensons-nous

Que de ne pas exister du tout -

Que nous apprend la mort?

Poème 1736, Undated

Conferring with myself

My stranger disappeared

Though first upon a berry fat

Miraculously fared

How paltry looked my cares

My practise how absurd

Superfluous my whole career

Beside this travelling Bird

Tandis que je m’entretenais avec moi-même

Mon étranger disparut

Alors que d’abord il s’était nourri

O Miracle - d’une baie bien en chair

Comme mes soins semblaient mesquins

Ma façon de faire si absurde

Toute ma carrière superflue

A côté de cet Oiseau voyageur

X

Poème 1739, Undated

Unto a broken heart

No Other one may go

Without the high prerogative

Itself hath suffered too

Vers un cœur brisé

Nul n’a le droit d’aller

S’il ne jouit de la noble prérogative

D’avoir souffert aussi

Faut-il s'identifier à autrui pour le comprendre ?

Poème 1745, Undated

Consulting summer’s clock,

But half the hours remain.

I ascertain it with a shock -

I shall not look again.

The second half of joy

Is shorter than the first.

The truth I do not dare to know

I muffle with a jest.

Je consulte l’horloge de l’été,

Il ne reste que la moitié des heures.

C’est un choc de le réaliser -

Je ne regarderai plus.

La seconde moitié de la joie

Est plus courte que la première.

La vérité que je n’ose affronter

Je la bâillonne avec une plaisanterie.

Le temps est-il un processus linéaire ?

Faut-il préférer le bonheur à la vérité ?

Le bonheur est-il dans l'inconscience ?

Poème 1750, Undated

Did life’s penurious length

Italicize it’s sweetness,

The men that daily live

Would stand so deep in joy

That it would clog the cogs

Of that revolving reason

Whose esoteric belt

Protects our sanity.

Si l’on soulignait la douceur

De cette vie éphémère,

Les hommes au quotidien

Seraient plongés dans une joie si profonde

Que ça coincerait les rouages

De cette raison versatile

Dont la courroie ésotérique

Nous protège de la folie.

Est-il raisonnable d'aimer?

Peut-on percevoir sans juger?

En général quand une chose devient utile cesse-t'elle d être belle ?

Poème 1751, Undated